

**FAE CENTRO UNIVERSITÁRIO
MESTRADO EM ORGANIZAÇÕES E DESENVOLVIMENTO**

**A CASA FAMILIAR RURAL E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA:
EVIDÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL**

MARIA BERNADETE WOLOCHEN

**CURITIBA
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA BERNADETE WOLOCHEN

**A CASA FAMILIAR RURAL E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA:
EVIDÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada para qualificação,
como requisito final à obtenção de grau de
Mestre em Organizações e Desenvolvimento,
Centro Universitário Franciscano do Paraná –
Unifae

Orientador: José Edmilson de Souza-Lima

CURITIBA
Maio 2008

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA BERNADETE WOLOCHEN

A CASA FAMILIAR RURAL E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: EVIDÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Este projeto de pesquisa para a qualificação da dissertação foi aprovado pelo Curso de Mestrado Acadêmico Multidisciplinar em Orientações e Desenvolvimento da FAE – Centro Universitário do Paraná.

Curitiba, maio de 2008

Lucia Izabel Czerwonka Sermann
Coordenadora

Profº Dr. José Edmilson de Souza – Lima
FAE Centro Universitário

Prof^(a). Dr.^(a)
Examinador interno
FAE Centro Universitário

Prof^(a) Dr.^(a).
Examinador interno
FAE Centro Universitário

Dedico o resultado alcançado aos meus amores:
Meu pai Onofre Wolochen, (in memorian);
Minha mãe Lídia Muchinski Wolochen;
Minha filha Ana Lídia Wolochen Walter;
Noé de Souza Walter, esposo e companheiro (in memorian).

AGRADECIMENTOS

Uma longa caminhada tem início no momento em que se dá o primeiro passo. No trajeto de toda caminhada há obstáculos que dificultam o caminho, nestes momentos a ajuda é fundamental para aliviar o cansaço, estimular para o avanço, enfrentar os desafios que se apresentam. Nesta minha caminhada tive o privilégio de contar em todos os momentos com seres humanos dotados de suas melhores qualidades. Colaboradores a quem quero registrar meus sinceros agradecimentos e um pedido de desculpas se não soube corresponder ou não compreendi a intenção de cada um de vocês. Diariamente lembro de vocês em minhas orações e aqui registro minha gratidão e admiração especial por cada um.

Minha origem de descendência ucraniana me leva primeiramente agradecer a Deus pela vida e a capacidade de discernimento para buscar vivê-la de maneira digna e por me privilegiar ter como pai o senhor Onofre que na sua simplicidade de homem do campo, semi-alfabetizado me ensinou as lições básicas para a vida. Para vencer os obstáculos ele dizia que se faz necessário a persistência, para entender o desconhecido é preciso coragem para buscar conhecer.

Minha mãe Lídia, que não entendendo direito cada decisão por mim adotada, se encaminha ao seu terço e se põe a rezar para que tudo se realize. Embora tenhamos personalidades tão divergentes, sua presença é sempre fundamental.

A minha filha Ana Lídia, agradeço sua constante ajuda para resolver coisas práticas do dia a dia nesta caminhada e a paciência para suportar os maiores sacrifícios e privações.

Aos alunos do Curso de Formação de Docentes do Colégio São Mateus pelo constante estímulo e as comemorações em cada etapa vencida. Especialmente a colaboração de Adrieli Kaczyk Augustinhak, Jozieli Nidio, Andressa de Paula Ferreira e Alan Niziol, que acompanharam cada visita realizada em Bituruna, munidos de câmaras, gravadores e muita disposição.

A direção do Colégio São Mateus na pessoa do professor Ivan Fernandes e da professora Rosicler Wenglarek Senkiw, sempre atenciosos para fazer mudanças nos horários das aulas para que eu pudesse realizar minhas atividades tanto as profissionais quanto as do mestrado. Incluindo os professores e funcionários, colegas de trabalho que deram sua colaboração e apoio sempre que solicitado.

Aos meus colegas professores e funcionários da Escola Estadual Zuleide Portes, da Vila Bom Jesus, local de trabalho de grandes realizações pessoais, onde em cada dificuldade enfrentada, que são muitas e constantes saímos todos fortalecidos, prevalecendo os laços de afeto solidariedade, respeito e responsabilidade que nos permite muitos momentos de alegrias.

A Lídia Martins França, Klediston Guimarães, Bruno Alexandre Mackemowicz, companheiros do Senac de São Mateus do Sul.

Ao Anderson Licheski e Ademir Gonçalves companheiros de viagem todas as quintas-feiras e sextas-feiras. Admiro demais vocês pela coragem de realizar diariamente o trajeto São Mateus a Curitiba em busca de concluir a graduação em engenharia.

A família Pinheiro nas pessoas do João, Adriana, João Felipe e Rayane, sempre dispostos a ajudar, amigos que nos incentivam a seguir em frente.

Aos ex-alunos Geovane e Rafael Macuco, pela ajuda e preocupação no momento em que sofri um acidente de carro, e vocês foram companheiros especiais, cuidando de tudo. Chamo-os carinhosamente de meus anjos da guarda. Ao Rafael que se encontra em outra dimensão, minha oração e gratidão.

A Anilton e Iverson Mayer, Tatiane Dorocynski, amigos e profissionais que nas horas difíceis com grandes obstáculos estavam prontos a ajudar.

A equipe da Arcafar-Sul, na pessoa da Dirce Longo, pelas informações e encaminhamentos sobre as dúvidas levantadas.

Aos monitores Luis Giacomini e Paulo César Tonent da Casa Familiar de Bituruna, pela paciência e atenção em atender a todas as solicitações.

A Cleusa Francesquet Gowacki por sua generosidade a atenção, emprestando seus materiais, ouvindo atentamente e explicando detalhadamente a caminhada já percorrida e o otimismo quanto ao futuro da Casa Familiar Rural.

Ao Renato Possebon, engenheiro agrônomo que acompanhou toda minha trajetória de vida desde a infância na roça até aqui, sendo importantíssima sua colaboração no momento da decisão por este estudo.

Aos companheiros de caminhada, fundamentais no grupo de estudos, Julio César Sampaio, Paulo Roberto Socher, Angelo Guimarães Simão, Maria Auxiliadora Castanheira, sem o apoio de vocês não seria possível chegar até aqui.

A Ana Maria Mendes pela imensa ajuda na estruturação de todo o texto da pesquisa.

Ao Edmilson Souza-Lima, orientador nesta trajetória sua generosidade já é conhecida por todos nós, porém reconheço que ultrapassei longe os limites, e aqui registro meu pedido de desculpas. Sua compreensão e estímulo, sugerindo caminhos indicando a direção foram imprescindíveis.

A todos os meus agradecimentos e reconhecimento de que nada se constrói sozinho, mas tudo é possível quando se caminha junto, acompanhado por pessoas que nos dão força e coragem para seguir adiante.

“A educação não muda a realidade, muda as pessoas, e as pessoas mudam a realidade”.

Eduardo Galeano

RESUMO

O avanço da modernidade trouxe acesso a bens de consumo antes inimagináveis para população que vive no campo. Entre esses, o acesso aos meios de comunicação que privilegiam a vida urbana em detrimento a vida rural, produzindo expectativas de conforto e bem-estar na cidade. Associado a isso, a baixa qualidade do ensino na área rural e até mesmo a ausência deste em alguns locais, são fatores que estimulam o êxodo rural, fator que provocou o crescimento desordenado das cidades, sem infra-estrutura adequada. Por conta disso, a área rural, só cresceu, onde a agroindústria predominou, porém, esse crescimento, acarretou danos ambientais provocados pelo desmatamento e pelo uso indiscriminado dos defensivos agrícolas. Neste contexto, uma parte da população que permaneceu no campo, empobreceu e já não produz o suficiente para manter-se com dignidade. Os pequenos agricultores que permanecem no campo, encaminham seus filhos para estudar na cidade para que estes tenham melhores oportunidades, assim, a cultura da cidade prevalece. Em ambientes, onde os grupos sociais conseguiram organizar-se em associações e sindicatos, ganharam forças para lutar e resgatar o espaço merecido pela agricultura familiar, e este espaço sobre o ponto de vista dos pequenos agricultores é conquistado pela educação. Educação voltada para o meio rural, com valores e cultura do campo. A possibilidade de preparar os jovens e adolescentes do campo para o campo é apontado pela proposta da Pedagogia da Alternância praticada nos Centros de Formação por Alternância, denominada Casa Familiar Rural. O modelo de educação praticado pela alternância foi desenvolvido na França, nascido da necessidade dos agricultores franceses em preparar seus filhos para continuar a trabalhar na terra. No Brasil a proposta está ganhando a credibilidade dos agricultores organizados, mas ainda é desconhecida pela maioria dos educadores. Conhecer, a proposta, e seus resultados são os ingredientes que instigaram esta pesquisa. Os resultados encontrados provocam reflexões capazes de propiciar um novo olhar para a educação da população do campo. Adotou-se a pesquisa qualitativa, descritiva com método de pesquisa de campo e coleta de dados, dialógica, através de visitas com entrevistas e observações. O resultado descrito de maneira a salientar os resultados e sentimentos percebidos pela pesquisadora, com análise para os fatores mais relevantes sobre o olhar desta. A pesquisa *in loco* forneceu subsídios que permitem dizer que a Pedagogia da Alternância é uma proposta de ensino aprendizagem que vai além de um método didático pedagógico voltado para as crianças e jovens que vivem no meio rural trata-se de um compromisso dos educadores com a realidade dos educandos, seus saberes e sua cultura e a partir destes construir embasamentos capazes de ligar e religar conhecimentos que manterão esses jovens ligados à propriedade rural gerando produtividade, renda e vida saudável para estes, para o meio ambiente e para os consumidores dos alimentos por eles produzidos.

Palavras-chave: Casa Familiar Rural, Pedagogia da Alternância, Interdisciplinaridade, Propriedade Rural.

ABSTRACT

The modern advance came access of a consumption assets before unimagine for population than lives at grassland. Among these the access for the medias that they privilege the urban life on detrment of agricultural life, producing comfort expectations and well-being at the city. Associated of this, the low quality of education in the agricultural area and even though of the absence of this in some places, they are factors that they stimulate for agricultural exodus. This factory provoked the disordered growth of the cities without adjusted infrastructure. For this reason the agricultural area, it only grew, where the agricultural industry is predominated, but this growth caused ambient damages provoked for the deforestation and indiscriminated use than agricultural defensives. In this context once a population that it remained in the grassland, to get pauper and already does not produce the sufficient to remais itself with dignity. The little agriculturists than remain in grassland direct they are children for study at city for these have better oportunities, the city culture it is prevails. In environments where the social groups they had obtained to organize itself in associations and unions, they had earned forces to fight and rescue the space deserved for familiar agriculture, and this space about the point of view than little agriculturists is conquered for education. Education to the half agricultural, with values and grassland culture. The possibility to prepare the young and teenagers of the grassland it is pointed for the proposal than Pedagogy of the Alternation practised in the Centers of Formationfor Alternation called Agricultural Family House. The modal of education usage for the alternation was developed in France, born of the necessity to the frenchman agriculturists to prepare yours children for continuou to work at the ground. In Brazil the proposal is getting credibility to the organize agriculturists, but is stranger yet for the majority teachers. Know the proposal and they are results are the ingredientes than unstigated this search. The results was found to provoke reflections capable to propitiante a new look for the grassland people education. Does accepted the qualitative research, description with method of search in a camp and collection of the information dialogical through to visits with intreview and observations. The result than report for to point out the results and sentiments perceiveds for the person than search, with analysis for the factors more considerable about this person look.

Keywords: Agricultural Family House, Pedagogy of the Alternation,

SIGLAS

AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação por Alternância.

ARCAFAR - Associação das Casas Familiares Rurais.

ARCAFAR-SUL - Associação das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil.

ASPTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural.

CEB – Câmara de Educação Básica

CEE – Conselho Estadual de Educação.

CEFFA – Centros Familiares de Formação por Alternância.

CFR – Casa Familiar Rural

CNE – Conselho Nacional de Educação

CODAPAR – Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Paraná

CONACAFARB – Confederação Nacional das Casas Familiares Rurais do Brasil

DCE – Diretrizes Curriculares da Educação do Campo

DCE – Diretrizes Curriculares Estaduais.

EFA – Escola Família Agrícola.

EMATER – Empresa de Assistência Técnica Rural

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

MFR – Maisons Familiares Rurales

PA - Pedagogia da Alternância.

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SECAD/MEC – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação.

SEED – Secretaria Estadual de Educação

SEED – Secretaria Estadual de Educação.

UNEFAB – União Nacional das Escolas Família do Brasil.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Famílias visitadas em Bituruna.....	63
Tabela 2	Primeiras turmas da Casa Familiar de São Mateus do Sul	63
Tabela 3	Formação dos Monitores acompanhados na pesquisa	64
Tabela 4	Experiência Profissional dos Monitores.....	64

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Parreiral	80
Figura 2	Reserva de mata nativa.....	81
Figura 3	Criação de suínos.....	81
Figura 4	Bovinos de Leite	82
Figura 5	Tanques de piscicultura.....	82
Figura 6	Horta.....	83
Figura 7	Produção de mudas de hortaliças.	85
Figura 8	Produção de mudas de hortaliças.	85
Figura 9	Instrumento para medir distância entre plantas.....	86
Figura 10	Instrumento de abrir valas para semeadoura.	86
Figura 11	Produção de húmus.	88
Figura 12	Enxerto misto, amexeira/pessegueiro.	90
Figura 13	Corte de eucaliptos.....	92
Figura 14	Horta planejada em terreno inclinado.....	94
Figura 15	Criação de ovelhas.....	96
Figura 16	Planejamento dos lotes para plantio de cana-de-açúcar.....	97
Figura 17	Preservação das nascentes.	99

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Plano de Estudos	122
ANEXO B	Projeto de Vida	123
ANEXO C	Temas Geradores	131
ANEXO D	Atividades de Estudo	133
ANEXO E	Tabela de Produção de Safra	135
ANEXO F	Tabela de Classificação e Preços de Fumo	136
ANEXO G	Receitas de Caldas	137

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	166
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	166
1.2 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA	188
1.3 OBJETIVOS	20
1.3.1 Objetivo Geral	20
1.3.2 Objetivos Específicos	20
1.4 JUSTIFICATIVA	20
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	23
2.1 EDUCAÇÃO PARA O CAMPO	25
2.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL E HUMANO.....	27
2.2.1 A Pedagogia da Alternância	28
2.3 A INTERDISCIPLINARIDADE E A TRANSDISCIPLINARIDADE.....	34
3 DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO À AÇÃO EDUCATIVA NO CAMPO	37
3.1 A EDUCAÇÃO PARA OS QUE VIVEM NO CAMPO-BREVE HISTÓRICO	37
3.2 A CASA FAMILIAR RURAL - SUA ESTRUTURA	41
3.3 A FORMAÇÃO NA CASA FAMILIAR RURAL.....	45
3.4 ARCAFAR-SUL.....	47
3.5 A ASSOCIAÇÃO DE PAIS	48
3.6 O MONITOR.....	51
3.7 OS PROFESSORES DA BASE NACIONAL COMUM	52
4 A PESQUISA	53
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	57
4.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA: DE PESQUISADORA A OBJETO DE ESTUDO ..	59
4.3 A UNIDADE CASO DE REFERÊNCIA: a relação entre Bituruna e São Mateus do Sul	61
4.4 SUJEITOS PESQUISADOS.....	63
4.5 A CASA FAMILIAR: DE BITURUNA A SÃO MATEUS.....	64
4.5.1 A Casa Familiar: Bituruna	66
4.5.2 O Município de São Mateus do Sul e a Casa Familiar Rural	68
4.5.2.1 A Casa Familiar Rural	69

4.5.2.2 A Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul: a interdisciplinaridade, uma prática presente na pedagogia da alternância	70
4.5.2.3 Análise da interdisciplinaridade ocorrida no processo da Pedagogia da Alternância.....	76
5 ENTENDENDO A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA REALIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL	79
5.1 A REALIDADE VIVIDA.....	79
5.2 A REALIDADE PERCEBIDA: LEITURA E ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS E A VISÃO DOS MONITORES	100
5.3 A REALIDADE PERCEBIDA: A VISÃO DOS PROFESSORES DA BASE NACIONAL COMUM	102
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS	106
6.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL EVIDENCIADO NOS EGRESSOS DA CASA FAMILIAR DE BITURUNA.....	107
6.2 A INTERDISCIPLINARIDADE PROPOSTA PELA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	109
6.3 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	111
6.4 A CASA FAMILIAR RURAL, A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA, SUA HISTÓRIA E METODOLOGIA.	112
6.5 CONSIDERAÇÕES.....	114
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXOS.....	121

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O processo educacional envolve diversas circunstâncias a que estão expostos os jovens que residem na área rural, e que tem na agricultura familiar, o seu meio de viver, dentro de um contexto comunitário, considerado de respeito ao meio físico e social. As angústias e dúvidas, bem como as hipóteses levantadas pela pesquisadora sempre se deram pela convivência em comunidade rural, vivendo a infância e a adolescência no trabalho do campo, tendo a agricultura de subsistência, o meio de sustento da família.

Acrescente-se a isso, a experiência adquirida nos anos de magistério dedicados as escolas rurais, multisseriadas de pequenos municípios no interior do Paraná. Desta forma, o desafio é entender o processo educacional brasileiro, desenvolvido a partir de 1970, nas escolas rurais.

Historicamente, a humanidade sempre produziu conhecimento, desde a vida nas cavernas buscando meios para sobreviver, passando pela invenção da guerra para garantir seu domínio, pela revolução industrial, ao momento atual, da tecnologia, nanotecnologia, biotecnologia entre tantos outros. Ao longo do tempo, conforme as necessidades de cada momento, esse conhecimento foi se reformulando e concepções foram sendo construídas, aperfeiçoadas e até rejeitadas.

Considerando a necessidade de compreender sobre a educação proporcionada às crianças que vivem no campo, torna-se possível visualizar a fragilidade do processo educacional e buscar respostas apoiando-se, nas idéias do educador Paulo Freire na Pedagogia da Alternância, adotada dentro da Casa Familiar Rural.

Primeiramente é necessário especificar que o modo de vida na área rural sofreu influências de diversos modismos e experiências, que foram sendo aplicados no decorrer do tempo. Por um lado devido às influências próprias do desenvolvimento capitalista globalizado, que embora deturpado que chegou ao meio rural, a partir de 1980, através de programas governamentais com as instalações

das redes de distribuição de energia elétrica no campo ocorre o acesso a inúmeros bens de consumo. Os meios de comunicação se ampliaram, os hábitos e costumes mudam, modernizando-se conforme o modelo consumidor. As mudanças ocorridas na forma de administração governamental, o fim da ditadura militar, a implantação da democracia, os novos modelos de gestão baseados principalmente no modelo neoliberal, a promulgação da Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, (ECA), a nova Lei de Diretrizes da Educação, provoca mudanças em todos os aspectos na vida das pessoas que vivem no campo.

Torna-se difícil acompanhar todas as transformações que ocorreram. Para alguns resta o conforto do saudosismo, para outros a incompreensão e o conformismo. No caso desta pesquisa busca-se a reflexão, o questionamento e o avanço no entendimento quanto a este quadro, e de que forma a Pedagogia da Alternância pode ser um instrumento efetivo na melhoria do processo educacional e da qualidade de vida daqueles que vivem no campo.

O ensino nas escolas rurais sempre ocorreu e ainda ocorre de forma fragmentada, simplificada, pode-se considerar fragilizada, pobre em quase todos os aspectos. Nessas escolas, o ensino escolar torna-se responsabilidade de um único professor para as quatro séries iniciais, que até pouco tempo recebia a denominação de ensino primário, sendo realizado em um mesmo tempo e espaço físico para todos. Os conteúdos apresentados em disciplinas desde os primeiros anos, do mais simples para o mais complexo. Das partes para o todo, privilegiando os aspectos urbanos, da mesma forma, as cartilhas e os livros didáticos do professor enfatizam a paisagem urbana. Os professores, em muitos casos não possuem formação para o magistério e quando possuem são também eles urbanos, recebem uma formação acadêmica disciplinar e fragmentada, com ênfase às especializações. São fatores que estimulam e favorecem ainda mais o êxodo rural.

A formação escolar convencional não oferece perspectivas de melhoria nas condições de vida. Os métodos de produção agrícola, da agricultura familiar que garantia a produção de quase todos os produtos para o sustento da família dentro da propriedade rural perdem eficiência e competitividade frente à produção agroindustrial dos grandes produtores. Os maquinários modernos e rápidos substituem a enxada e as técnicas de tração animal. As sementes melhoradas pela técnica de hibridagem, promovem o melhoramento genético das sementes que favorecem a produção em larga escala, as formas de plantio de um único produto

facilita a colheita mecanizada e dispensa o serviço manual braçal, os insumos agrícolas prometem a revolução através do uso de inseticidas, herbicidas e fertilizantes, que garantem a produção em grande escala com menor esforço, conseqüentemente maior lucro.

Para a efetivação de uma prática produtiva em grande escala se faz necessário áreas maiores de terra, para tanto o desmatamento é inevitável, a começar por áreas de mata nativa, entre elas, os ervais e as florestas de imbuia e pinheiro araucária, o desvio do curso de pequenos córregos e riachos, a derrubada da floresta de encostas. O fim dos espaços coletivos, conhecidos por Faxinais¹, inviabiliza a pequena propriedade. Esses fatores interligados contribuem para que a educação daqueles que vivem no campo seja aligeirada e descontextualizada.

A experiência que vem ocorrendo em alguns municípios visando atender as crianças que vivem no campo é a Casa Familiar Rural que com uma metodologia própria, respeita os hábitos e os saberes daqueles que vivem no campo onde o trabalho pedagógico é iniciado a partir do cotidiano dos educandos, e o conhecimento adquirido no espaço escolar é levado para o contexto da família. Todo o processo educacional se constrói através da Pedagogia da Alternância, onde as crianças permanecem durante uma semana na Casa Familiar Rural e uma semana no convívio com a família no contato diário com a propriedade rural. Assim, o conhecimento se constrói entre os educandos, os professores e família.

Essa experiência, em muitos aspectos contempla a proposta de Paulo Freire (2002) que diz:

O que eu proponho é um trabalho pedagógico que, a partir do conhecimento que o aluno traz, que é uma expressão da classe social à qual os educandos pertencem, haja uma superação do mesmo, não no sentido de anular esse conhecimento ou de sobrepor um conhecimento a outro. O que se propõe é que o conhecimento com o qual se trabalha na escola seja relevante e significativo para a formação do educando.

1.2 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA

A descapitalização do pequeno produtor rural, sua baixa escolaridade, que lhe é pouco eficiente para o enfrentamento dos problemas do cotidiano rural. A ausência

¹ Faxinais: são áreas de terra de diversos proprietários onde a criação de pequenos animais acontece de maneira coletiva

de uma escola que capacite o agricultor a construir um saber que o conduza a um saber fazer, que lhe propicie conhecimentos, habilidades, aptidões, atitudes, valores, para que tenha a capacidade de incrementar a produtividade da terra, e dos animais. As dificuldades de acesso a terra, principalmente a terra própria onde possa realizar seu trabalho para o sustento de sua família e sua realização pessoal são fatores que contribuem para o êxodo rural, o empobrecimento e a descaracterização da agricultura familiar. O êxodo rural, por sua vez, acarreta transtornos no meio urbano. Tais problemas, com o passar do tempo, tendem a se agravar devido o aumento de uma população de baixa renda que se torna dependente exclusiva de serviços públicos.

A falta de opções faz com que essa população construa moradias precárias em áreas de preservação ambiental ou de alto risco, como encosta e beira de rios sem rede de esgoto, coleta de lixo e ruas de acesso. Por conseqüência, isso acarreta o aumento de doenças que requer maior investimento em saúde e torna-se um problema social para todos, como o aumento da violência, do tráfico de drogas, da marginalização de seres humanos nas suas piores faces.

O conhecimento dessa situação pela pesquisadora foi vivenciado constantemente. O abandono do campo, principalmente pelos mais jovens, após concluírem o ensino fundamental que deixam a família em busca de trabalho e melhores condições de vida na cidade. Enquanto educadora de rede pública há vinte e sete anos, atuando durante alguns anos, como alfabetizadora em escolas rurais, frustrando-se como modelo educacional e seus resultados. Desta trajetória é que surge a necessidade de conhecer alternativas viáveis no intuito de buscar o conhecimento de novas propostas educacionais voltadas para jovens do meio rural, especificamente filhos de pequenos produtores rurais, conhecidos por agricultores da agricultura familiar.

Dentro deste contexto, ao tomar conhecimento da Casa Familiar Rural e da Pedagogia da Alternância a pesquisadora se propõe conhecer a proposta, compreender o processo da interdisciplinaridade e, no contato com os egressos da Qualificação em Agricultura, pretende verificar as evidências de desenvolvimento da propriedade e, por conseguinte da região como um todo.

Por desenvolvimento local entende-se, neste estudo, o desenvolvimento da propriedade familiar do educando e a sua inserção produtiva e econômica na sua região e município. Ou seja, o desenvolvimento se constitui na possibilidade e

efetividade de comercialização da produção familiar com o menor custo de venda entre o produtor e o consumidor.

Este é o resultado almejado pela proposta Casa Familiar e Pedagogia da Alternância.

Com subsídios adquiridos no programa de mestrado em Organizações e Desenvolvimento realizado na UNIFAE – Centro Universitário Franciscano, com ênfase em Sustentabilidade e Desenvolvimento Local busca-se a resposta para o seguinte problema: A Pedagogia da Alternância adotada como método de ensino aprendizagem na Casa Familiar Rural pode preparar os jovens agricultores para viverem no campo gerando riquezas e qualidade de vida?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar as evidências de desenvolvimento local, protagonizados pelas famílias cujos filhos receberam a formação pela Pedagogia da Alternância, no município de Bituruna, no Estado do Paraná.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Conhecer a metodologia adotada pela Pedagogia da Alternância nas Casas Familiares Rurais.
- b) Descrever a origem e a história das Casas Familiares Rurais.
- c) Analisar a interdisciplinaridade aplicada na Casa Familiar Rural.
- d) Identificar nas falas dos egressos a possível relação entre Pedagogia da Alternância e o Desenvolvimento Local.

1.4 JUSTIFICATIVA

A relevância desta pesquisa interativa é trazer contribuições quanto à proposta metodológica da Pedagogia da Alternância, bem como conhecer a sistematização desta dentro das Casas Familiares Rurais situadas no estado do Paraná.

Das inquietações próprias do ser humano surgem as frustrações, mas também as rupturas e mudanças e novos direcionamentos. Ao abandonar a agricultura familiar há alguns anos, movida pelas atitudes próprias da juventude e ir em busca de uma de vida melhor na cidade e sendo que a primeira oportunidade para isso foi à sala de aula de uma escola rural multisseriada. E ali exercendo a função de ensinar aos seus iguais em condições sociais econômicas e culturais, foram surgindo às decepções, sobre a importância dada sobre os fatos e decisões que davam direcionamento à educação para as crianças e jovens do campo.

Ao buscar a formação no magistério e no curso de pedagogia algumas indagações foram se estruturando mostrando a necessidade de encontrar respostas para algumas perguntas que persistiam e ainda persistem. Entre essas perguntas estava a questão sobre o porquê de uma educação igual em termos, tanto para alunos de escola rural, quanto para alunos da escola urbana.

Os conteúdos e o livro didático são os mesmos, mas trabalhados com qualidade diferente. Para os alunos da cidade, há uma estrutura organizada com mais de um professor por sala. Para os alunos a escola rural, não há estrutura organizada e somente uma professora para as quatro séries. Nestes últimos anos, em alguns municípios optou-se por transportar as crianças desde a educação pré-escolar para a cidade, desagregando-os da realidade rural e forçando-os a uma realidade urbana. As inquietações tornaram-se decepções conduzindo a uma prática na contra mão da estrutura formal das escolas, incomodando o sistema organizado.

Na possibilidade de realização do Mestrado em Organizações e Desenvolvimento, dentro de uma proposta multidisciplinar as inquietações começam a se desvanecer, com a percepção das insuficiências teóricas deixadas pela formação fragmentada.

Os diferentes encaminhamentos para o conhecimento, produzidos pelo corpo docente do mestrado da UNIFAE, conhecimento de diferentes áreas, até então ignorados começam provocar o surgimento de idéias que apontam para a necessidade de aprofundamento de estudos e de exercícios mentais, na articulação desses conhecimentos para conduzir a uma prática profissional mais efetiva, real e menos frustrante.

Na leitura sobre a Pedagogia da Alternância que se dá na complexidade das inter-relações entre o educando, a escola, a família e o meio social, buscar, apoiada nos ensinamentos de Paulo Freire onde ele afirma que: “Ninguém educa ninguém,

ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” descrever os resultados desta educação que vem sendo praticada por persistentes e corajosos educadores que abraçam a proposta da alternância.

Poucos são os teóricos brasileiros que se dedicam à divulgação da proposta da Pedagogia da Alternância, sendo que as publicações sobre o assunto estão disponibilizados para aqueles que estão envolvidos no processo. Longe do meio acadêmico, o distanciamento entre os educadores da alternância e a escola formal no modelo convencional permanece. Para encontrar subsídios a este estudo tornou-se fundamental a colaboração de Antônio Poloni, Cleusa Francesquet Gowacki, justamente pelo pioneirismo em implantar e praticar a alternância no Sul do Brasil. Através deles foi possível ter acesso a materiais da UNEFAB – União Nacional das Escolas de Família Agrícola do Brasil, da Arcafar-Sul e entender a importância de Daniel Chartier e Dufaure em acompanhar, registrar e estabelecer os instrumentos que deram à proposta credibilidade científica, na França.

Este estudo visa contribuir com a linha de Pesquisa Desenvolvimento Local do mestrado em Organizações e Desenvolvimento fornecendo um histórico desse modelo educacional adotado no Brasil para atender a uma população rural dentro do seu contexto local.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A proposta inicial é buscar em Edgar Morin, teórico da complexidade, subsídios para compreender e analisar os jovens agricultores em seu contexto de vida na propriedade rural e as múltiplas relações estabelecidas entre estes e os diferentes atores que compõem o processo educacional proposto na Casa Familiar Rural. E apoiada na proposta de educação defendida por Paulo Freire, conhecer os diferentes autores que defendem a Pedagogia da Alternância estabelecendo relações que propiciem reflexões.

Edgar Morin (2006, p.15) propõe que se estabeleça uma reflexão sobre a complexidade e sua contribuição para a educação. Para o autor, os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira.

A complexidade é assim caracterizada pela incompletude do conhecimento. Ela se opõe a simplificação e as certezas, permitindo que ordem e desordem, construção e desconstrução ora se complementem, ora se potencializem, ora se antagonizem. Há avanços nas incertezas e o conhecimento atrai o desconhecimento, conforme alerta Edgar Morin (2005, p. 196).

A primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem: um amontoado de estrelas dispersas ao acaso. Mas, ao olhar mais atento, aparece a ordem cósmica, imperturbável cada noite, aparentemente desde sempre e para sempre, o mesmo céu estrelado, cada estrela no seu lugar, cada planeta realizando seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar: vem pela injeção de nova e formidável desordem nessa ordem; vemos um universo em expansão, em dispersão, as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem; é necessário e binocularidade mental, uma vez que vemos um universo que se organiza desintegrando-se.

O mesmo autor diz que somente uma aprendizagem cidadã é capaz de formar “verdadeiros cidadãos” capazes de sentimentos solidários e responsáveis, “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa, ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver e ensinar como se tornar cidadão.” (MORIN, 2006, p.65)

Morin (2005a, p.43) explica sobre o conhecimento não como algo estanque isolado e acabado, pelo contrário, para ele o conhecimento não é uma coisa pura, independente de seus instrumentos e não só de suas ferramentas materiais, mas também de seus instrumentos mentais que são os conceitos. A teoria científica é uma atividade organizadora da mente, que implanta as observações e que implanta também o diálogo com o mundo dos fenômenos, pois o conhecimento é uma atividade construída com todos os ingredientes da atividade humana.

Para Paulo Freire (2005a), educação é comunicação, é diálogo à medida que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Não sendo possível compreender a relação educação e comunicação fora do princípio cognoscitivo e comunicativo. Freire destaca a importância da comunicação na construção do conhecimento que colabora para a autonomia do educando. A perspectiva dialógica defendida é pensada como uma pedagogia libertadora, onde os sujeitos envolvidos sejam considerados tendo em vista o saber que já trazem subjacentes às suas práticas, numa abordagem de diálogo entre saberes: o saber erudito e o saber popular.

As idéias defendidas por Freire (2002, p. 154) encontram confirmações na experiência por ele vivida.

Certa vez numa escola da rede municipal de São Paulo que realizava uma reunião de quatro dias com professores e professoras de dez escolas da área para planejar em comum suas atividades pedagógicas, visitei uma sala em que se expunham fotografias das redondezas da escola. Fotografias de ruas enlameadas, de ruas bem postas também. Fotografias de recantos feios que sugeriam tristeza e dificuldades. Fotografias de corpos andando com dificuldade, lentamente, alquebrados, de caras desfeitas, de olhar vago. Um pouco atrás de mim dois professores faziam comentários em torno do que lhes tocava mais de perto. De repente, um deles afirmou: “Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição de fotografias, que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante todos estes anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?”

Pensar a educação é pensar de maneira abrangente como toda a ação, intencional ou não, individual ou coletiva, formal ou informal de transmitir ou trocar informações sobre a cultura e o conhecimento construídos pela humanidade desde suas origens até o presente momento. E ainda, é também pensar o modo como se pensa essa prática. O contexto onde vivem os indivíduos nela envolvidos. Neste caso particularmente a vida no campo, os jovens que vivem no meio rural, seus

valores morais religiosos, a concepção de ética, de direito, seus direitos e deveres para com a família e a comunidade. Bem como a sua relação com a terra, recurso esse de maior valor significativo para o agricultor, pois da terra depende seu sustento. Pensar nas relações com a natureza, a influência do clima na produção, as precauções do agricultor e criador no controle de doenças da lavoura e dos animais e na fertilidade do solo.

2.1 EDUCAÇÃO PARA O CAMPO

Paulo Freire (2001) destaca a necessidade de termos consciência e clareza sobre o que pensamos para não nos deixar levar pela prepotência, fechando-se às novas idéias. Alerta para a importância da liberdade na busca de outros conhecimentos a que todo ser humano tem necessidade.

E acrescenta: para que os seres humanos se movam no tempo e no espaço no cumprimento de sua vocação na realização do seu destino, obviamente, não no sentido da palavra como algo a que se está fadado como sua sina inexorável. É preciso que se envolvam permanentemente no domínio político, refazendo sempre as estruturas sociais, econômicas, em que se dão as relações de poder e se geram as ideologias (FREIRE, 2001, p.10).

Queiroz (2004) diz que a formação dos sujeitos ocorre tanto nos espaços escolares como fora deles. Envolve saberes, métodos, tempos e espaços físicos diferenciados. Portanto, não são apenas saberes construídos na sala de aula, mas também aqueles construídos na produção, na família, na convivência social, na cultura e no lazer.

Para Fernandes, (2004) a educação para aqueles que vivem no campo constitui-se ainda uma noção em construção, marcada pela necessidade de delimitação de seu território teórico incluindo a defesa do direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do seu local, da terra em que pisa e de sua realidade histórica. Assim, esta visão acarreta uma compreensão da educação do campo relacionada à questão do desenvolvimento local.

O objeto de estudo da educação é o ser humano construído historicamente no âmbito das relações sociais, das relações com a natureza, na interação com os objetos materiais, comportamentos, normas, valores e leis que o cercam, nos diferentes espaços geográficos em diferentes tempos. Da cultura produzida do agir

individual e coletivo e a sua transmissão às gerações mais jovens. Essa definição coaduna com a proposta elaborada pela Comissão Internacional da Unesco, sobre a educação para o século XXI, onde se define as habilidades a serem desenvolvidas pela educação. Segundo Delors (2006, p.89) à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Pela concepção da UNESCO, a educação deve prover o indivíduo de habilidades que lhe possibilitem no decorrer da vida, conhecer e aprofundar os conhecimentos e adaptar-se constantemente no mundo em mudança. Para Delors (2006, p.90), a educação deve fundamentar-se sobre quatro aprendizagens, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser, que se constituem em apenas uma, pois há entre eles pontos de contato e de permuta. Para enfrentar os desafios inerentes a educação sugere que se ultrapasse a visão puramente instrumental de educação e passe a considerá-la em toda sua plenitude, a realização da pessoa humana em sua totalidade, ou seja, “aprender a ser”.

Cabe à educação, enquanto instituição que se organiza em torno de um projeto intencional de desenvolvimento humano, proporcionar espaços de reflexão para a tomada de consciência da prática pedagógica desenvolvida, com seus fins e valores. Também lhe compete oportunizar vivências educativas enriquecedoras que abordem valores essenciais para o pleno desenvolvimento dos educandos e da sociedade. E o pleno desenvolvimento exige pensar o ser humano nas dimensões biológico, psicológico e social. O ser cultural, entendido como a forma dos homens compreenderem, representar e relacionar-se com os vários elementos componentes da sua existência. O ser que cria, produz e transforma o ambiente para satisfazer suas necessidades e melhorar suas condições de vida, gerando a cultura material. O ser biológico, que possui necessidades básicas, como alimentação, moradia, cuidados com o corpo, e, para tornar-se humano, essas necessidades devem ser satisfeitas. O ser psicológico que exige a presença e a participação dos outros para seu pleno desenvolvimento. Compreende-se assim, que o ser humano é “um ser em situação”, isto é situado no tempo e no espaço.

2.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL E HUMANO

A busca por compreender a dinâmica da Pedagogia da Alternância, leva-nos a acreditar que o desenvolvimento local concebido teoricamente pode ser efetivado na abrangência da Casa Familiar Rural.

A visão de desenvolvimento local contempla os aspectos defendidos pela UNESCO, desenvolvimento no sentido em que garanta qualidade de vida para todos, e, local entendido pelo território, um bairro, um município, uma microrregião, um espaço no meio rural, onde existam relações sociais entre as pessoas e a identidade destas pessoas com este ambiente, ou seja, deve existir o sentimento de pertencimento ao local e quando a comunidade desse local decide assumir para si o seu processo de desenvolvimento. A política macroeconômica tem a capacidade de influenciar no processo de desenvolvimento de um país e, portanto, no local também, capacidade deste local em potencializar seus recursos naturais, capital humano, conhecimento técnico e científico adotando projetos, ações e políticas locais que promovam o seu desenvolvimento. Mais ainda a consciência de pertencimento a um determinado lugar torna-se um estímulo propulsor na busca pelo desenvolvimento.

Na perspectiva de educação como diálogo e comunicação entre saberes construídos nas interações teoria e prática, se constrói o capital social assunto este, tratado de maneira ampla por Maria Auxiliadora Castanheira, no grupo de pesquisa, Desenvolvimento Local, do mestrado Organizações e Desenvolvimento, 2007.

Para Frigotto (1995, p.121), a necessidade de pensar o capital humano, exige analisar o modelo de educação brasileira que precisa deixar de ser “bancária”, idéia combatida por Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido, para tornar mais ampla, geral e reflexiva, capaz de atender o indivíduo em todas as suas dimensões.

Para Frigotto apud (SCHULTZ, 1973, p.79) a visão do capital humano vai reforçar toda a perspectiva da necessidade de redimir o sistema educacional de sua “ineficiência” e, por conseguinte rever a metodologia ou a tecnologia adequada para constituir o processo educacional como um investimento - a educação geradora de um novo tipo de capital - o capital humano. Schultz também defende a idéia de que as pessoas compõem o capital de cada país, e que a educação é um investimento que nele se faz, propondo, por isso mesmo, tratar a educação como um investimento e tratar suas conseqüências como uma forma de capital, “dado que a

educação se torna parte da pessoa que a recebe, referir-me-ei a ela como capital humano”.

2.2.1 A Pedagogia da Alternância

Antes de conhecer as concepções sobre a Pedagogia da Alternância defendida por diferentes teóricos humanistas, que enxergam o modelo como proposta libertadora capaz de possibilitar o acesso dos excluídos a uma educação construída sobre o alicerce da coletividade, partindo da realidade local para a compreensão do global, e desde voltando à realidade, em um constante ir e vir faz-se necessário compreender que a proposta se construiu na realidade rural e posteriormente efetivou-se como teoria.

A Pedagogia da Alternância é uma proposta educacional que surgiu, na França nascida da insatisfação dos filhos dos agricultores com o modelo educacional francês que pouco considerava o meio rural. A insatisfação dos jovens franceses propiciou muita discussão, pois, estes não sentiam motivação para freqüentar uma escola com conteúdos que não tinham significado para sua vida e para a profissão de agricultores. É nesse contexto que surge a Pedagogia da Alternância como uma forma de educação escolar capaz de atender as especificidades educacionais para jovens agricultores. No espaço do Sindicato Rural, a comunidade começava a discutir os problemas relativos ao desenvolvimento rural, que os levou a constatar que o mesmo passava inevitavelmente pela formação de pessoas comprometidas com o seu meio. A partir disso, pensaram, então, em um tipo de formação que possibilitasse aos jovens uma aprendizagem, teórico-prática e uma formação geral e técnica.

Em 1935 eles eram apenas quatro jovens adolescentes. No ano seguinte 17 jovens se inscreveram para esta escola. Após dois anos a fórmula chamou atenção nas redondezas e passaram a ser quarenta estudantes. Tornou-se necessário uma maior organização e os pais se uniram criando uma associação, obtendo financiamento, adquiriram uma nova casa. Eles deram o nome à casa de "A Casa Familiar de Lauzun", nome da pequena cidade francesa na qual ela foi implantada e contrataram um formador. Foi assim que nasceu a primeira Casa Familiar, em 1937.

Nasce da prática social organizada que construiu um instrumental pedagógico, onde prevaleceu a ação e a experimentação. Essa experiência foi

sendo estuda, compreendida e teorizada por André Duffaure e Daniel Chartier, organizadores da teoria e divulgadores desta para o mundo em parcerias com as universidades Sorbonne, Escola Prática dos Estudos Superiores em Ciências Sociais de Paris, a Universidade de Tours e o Centro Nacional Pedagógico de Chaingy.

Para Silva (2003, p. 17) o conceito de Alternância, que se tornou uma das razões de ser do movimento das *Maisons Familiales Rurales*, na França e no mundo, ainda não é encontrado no glossário das ciências da educação brasileira. Um levantamento dos estudos e das produções teóricas realizados em nossa sociedade sobre esta temática revela-nos a existência dessa lacuna na área educacional. Os raros trabalhos que lhe fazem referência fazem-no de maneira indireta.

No Brasil, este modelo educacional, é pouco conhecido por educadores em geral e a própria sociedade desconhece o sistema de alternância, ficando assim, restrito aos indivíduos nela envolvidos, ou seja, educadores comprometidos com os movimentos sociais e pastorais e os grupos sociais organizados, que pela organização conseguem munir-se de subsídios que os possibilita serem apresentados ao sistema. O modelo de alternância é adotado no Brasil dentro dos Centros Familiares de Educação por Alternância (CEFFA), recebendo denominações diferentes em cada região: Escola Família Agrícola (EFA), Escolas Comunitárias Rurais (ECOR) Casa Familiar Rural (CFR) que se organizam em três associações – UNEFAB, ARCAFAR-SUL, ARCAFAR-NORTE NORDESTE.

Em Queiroz (2004) é possível encontrar outras denominações, para escolas de alternância que atendem a um público específico, como Escolas de Assentamento (EA), Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais (PROJOVEM), Escolas Técnicas Estaduais (ETE), Casa das Famílias Rurais (CDFR) e Centros de Desenvolvimento do Jovem Rural (CDEJOR)

Para Silva (2006, p. 6), “a alternância, enquanto princípio pedagógico, mais que característica de sucessões repetidas de seqüências, visa desenvolver na formação dos jovens situações em que o mundo escolar se posiciona em interação com o mundo que o rodeia”. Opinião compartilhada por Paolo Nosella² (2006, p. 10)

² Professor de filosofia da Educação participou da criação das primeiras Escolas de Família Agrícola no Espírito Santo. Coordenador do Centro de Formação dos primeiros monitores. Artigo publicado na Revista da Formação por Alternância, jul, 2007.

a Alternância não é uma mera justaposição de espaços e tempos, uns dedicados ao trabalho e outros ao estudo. O currículo integra esses dois pólos despertando nas consciências dos alunos, das famílias, das comunidades, das instâncias políticas e técnicas, um projeto ousado de desenvolvimento nacional, integrador dos recursos da cidade e do campo. Isso ocorre quando são aplicados com competência os instrumentos didáticos específicos.

Para Queiroz (2004), nos Centros Familiares de Formação por Alternância situados em diferentes regiões do Brasil, encontram-se três tipos de alternância, a justapositiva, a associativa e a integrativa real ou copulativa. O autor define como a alternância justapositiva a que se caracteriza pela sucessão dos tempos ou períodos consagrados ao trabalho e ao estudo, sem que haja uma relação entre eles, Na alternância associativa, ocorre uma associação entre a formação geral e a formação profissional, verificando-se, portanto a existência da relação entre a atividade escolar e a atividade profissional, mas ainda como uma simples adição. Na alternância integrativa real ou copulativa, ocorre a compenetração efetiva entre os meios de vida sócio-profissional e escolar em uma unidade de tempos formativos. Nesse caso, a alternância supõe estreita conexão entre os dois momentos de atividades em todos os níveis – individuais, relacionais, didáticos e institucionais. Não há primazia de um componente sobre o outro. A ligação permanente entre eles é dinâmica e se efetua em um movimento contínuo de ir e retornar. Embora seja a forma mais complexa da alternância, seu dinamismo permite constante evolução. Em alguns centros, a integração se faz entre um sistema educativo em que o aluno alterna períodos de aprendizagem na família, em seu próprio meio, com períodos na escola, estando esses tempos interligados por meio de instrumentos pedagógicos específicos, pela associação, de forma harmoniosa, entre família e comunidade e uma ação pedagógica que visa à formação integral com profissionalização.

Nas Casas Familiares Rurais, é adotado o modelo de alternância integrativa real ou copulativa, também conhecida como alternância formativa.

Os instrumentos pedagógicos adotados pela pedagogia da alternância são: Plano de Formação, Plano de Estudos, Caderno de Alternância, Colocação em Comum, Caderno da Realidade, Caderno Didático, Visitas e Viagens de Estudo, Serões de Estudo, Atividade Retorno, Visitas às Famílias e Comunidades, Estágio, Projeto Profissional do Jovem, Avaliação. Sendo cada um desses instrumentos desenvolvidos de maneira planejada e articulada entre a Casa Familiar, a família e a

comunidade na qual o jovem está inserido.

Será explicitado cada um desses instrumentos, tendo por base as definições de João Batista Queiroz. A organização do Plano de Formação (Anexo A) pode ser entendido pelo Planejamento na escola convencional é a partir da estruturação do Plano de Formação que se articulam todo o conjunto de instrumentos pedagógicos e atividades que compõem a aprendizagem e a formação por alternância. O Plano de formação deve ser articulado com base nos conteúdos definidos pela Base Nacional Comum do Ensino Fundamental e as necessidades levantadas pela comunidade que forma a associação da Casa Familiar. O Plano de Formação se estabelece a partir dos temas geradores para cada alternância a serem desenvolvidos durante o ano letivo. Os instrumentos utilizados pela Pedagogia da Alternância são vários, como apresentados a seguir.

O Plano de Estudo caracteriza-se pela pesquisa que o jovem realiza no seu meio social. É elaborado tendo por princípio o tema gerador a ser trabalhado na semana em que o jovem permanece na Casa Familiar

A Colocação em Comum é o momento em que ocorre a socialização e sistematização da pesquisa proposta no plano de estudo. Não há uma organização rígida na realização das atividades, mas o momento da colocação em comum, normalmente acontece logo após a chegada no ambiente escolar.

O Caderno da Realidade é considerado o livro da vida de cada jovem, pois é onde registra as suas pesquisas e todas as atividades ligadas aos Planos de Estudo nos ciclos das alternâncias.

As Viagens e Visitas de Estudo são atividades complementares ao tema gerador da alternância, consistindo em momentos de troca de experiências concretas.

A Colaboração externa são palestras e cursos complementares ao tema, e são ministrados por profissionais colaboradores à Casa Familiar.

O Caderno Didático é uma espécie de livro-didático, elaborado para dar aprofundamento ao tema do Plano de Estudo.

O Estágio compõe-se de atividades de vivência prática em organizações sociais, serviços e empresas que se tornam colaboradores na formação dos jovens.

As Atividades de Retorno são descrições apresentadas em relatório das experiências e atividades concretas na família ou na comunidade, a partir do Plano de Estudo.

As Visitas às Famílias e Comunidades são atividades realizadas pelos monitores e professores para conhecer a realidade na qual o jovem está inserido, com a finalidade de acompanhar as famílias e jovens em suas atividades produtivas e sociais.

Tutoria é o termo utilizado para designar o atendimento individualizado para motivar os estudos, incentivar as pesquisas, o engajamento social, a integração e vida de grupo, o projeto de vida profissional.

Os Serões de Estudos são momentos reservados para o debate sobre temas variados, conversas em grupo e troca de idéias. Este momento é compartilhado pelo monitor e os educandos, durante a semana em que permanecem no espaço escolar.

O Caderno de Acompanhamento da Alternância é o documento de registro, no qual o jovem faz anotações sobre o que é feito na escola e no meio sócio-profissional. É um instrumento de comunicação e avaliação entre escola-família e família-escola.

O Projeto Profissional é um documento onde o jovem sistematiza um projeto que foi sendo construído ao longo dos anos em que recebeu a formação. Segue um roteiro pré-sistematizado (Anexo B). Nesta atividade o jovem expõe seu Plano de Produção agrícola, de transformação da propriedade ou de serviços que pretende realizar.

As avaliações são contínuas e abrangem aspectos do conhecimento, das habilidades, da convivência em grupo, da postura. Todos avaliam e todos são avaliados.

É possível estabelecer relações com a prática de Paulo Freire (2005, p.96)

Simplesmente, não posso pensar pelos outros, nem para os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensado o pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir idéias, mas de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação.

O professor Antônio João Manfio³ estabeleceu inúmeras relações entre a Pedagogia da Alternância e as idéias educacionais do educador Paulo Freire, na medida em que se conhece a proposta, essas relações se tornam evidentes.

A preocupação dos pequenos agricultores franceses com a recusa de seus

³ Professor paranaense, assessor pedagógico do comitê gestor de implantação da Casas Familiares Rurais no Rio Grande do Sul.

filhos em freqüentar a escola tradicional, conduziu-os para a organização, a necessidade de discutir o problema e encontrar uma solução. A resposta foi construída lentamente pelo exercício da prática, quando o padre Granereau reuniu os jovens por uma semana na casa paroquial, onde estes apontaram os principais problemas enfrentados pela família na propriedade, após longa discussão e estudo chegaram a algumas possíveis respostas. Então, na semana seguinte, de volta na propriedade começaram a aplicar os conhecimentos elaborados. Retornando duas semanas depois a se reunir para analisar os resultados. Essa solução encontrada pelos agricultores para os seus problemas é o nascimento da Pedagogia da Alternância

Para Paulo Freire, somente quando os indivíduos se conhecem como oprimidos e se engajam na luta organizada por sua libertação, é que começam a crer em si mesmos, superando o regime opressor. Essa descoberta não se dá somente a nível intelectual, mas na ação associada à reflexão para que se torne práxis.

Para Gimonet (1998, p.47), a pedagogia da alternância é um movimento pedagógico que renuncia a Pedagogia da Complexidade, uma necessária educação sistêmica que considera a pessoa nas suas diferentes dimensões, na sua trajetória de vida, no seu meio ambiente; que considere a multiplicidade e diversidade das fontes do saber e seus meios e difusão, que coloca o aprendiz mais como um produtor do seu saber do que como consumidor como sujeito de sua formação. O mesmo autor considera a alternância real é aquela que visa a uma formação teórica e prática global possibilitando o aluno construir seu projeto pedagógico, desenvolvê-lo e realizar um distanciamento reflexivo sobre a atividade desenvolvida. É a alternância que possibilita o desenvolvimento do aluno para que ele possa apropriar-se dos conhecimentos.

Antônio João Mânfió (2006, p.57) ao falar dos fundamentos da alternância afirma que esses são os mesmos que orientam o desenvolvimento da comunidade, pois o desenvolvimento é a promoção das pessoas que para se humanizarem demandam educabilidade integral e não apenas determinados adestramentos.

O mesmo autor afirma que podemos chamá-la de pedagogia da alternância e da esperança, nascida em contextos históricos e culturais distintos, uma na França outra no Brasil, fundamentam-se no mesmo estofo filosófico – o Personalismo – e focam o mesmo horizonte civilizatório, a sociedade humanizadora.

Paolo Nosella (2007, p.6 e 8), fala do papel do monitor dentro da Pedagogia da Alternância. Do meu ponto de vista, a Pedagogia da Alternância é uma técnica didática que efetiva uma opção política progressista, renovadora e revolucionária. Por isso, ao praticar com competência essa pedagogia, ao mesmo tempo milita-se politicamente numa direção revolucionária. E prossegue seu argumento, a Pedagogia da Alternância expressa um compromisso político bem preciso: rejeita a discriminação do homem e da cultura do campo, embasa o processo educativo na responsabilidade fundamental e inalienável da família e da comunidade, bem como na dialética entre prática e teoria.

Gimonet (1984) demonstra a preocupação com a formação dos monitores para a alternância, diz o autor, “formar para a alternância tem um enfoque bem mais complexo”, ao que João Batista Begnami⁴ acrescenta: É necessário que os formadores, denominados monitores façam um ruptura epistemológica e passem a viver um outro sistema pedagógico, uma outra concepção da aplicação de educação e formação, rompendo com o modelo de racionalidade técnica escolarizante que separa a concepção da aplicação dos conhecimentos e assumir os efeitos dos diferentes encontros e confrontações sugeridos pela alternância.

2.3 A INTERDISCIPLINARIDADE E A TRANSDISCIPLINARIDADE

Para a efetivação do processo ensino aprendizagem adotado na Pedagogia da Alternância se faz necessário além de habilidades de domínio do método, que pela proposta requer um constante aprender, habilidades de interação entre as diversas áreas do conhecimento, aqui entendidas como a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

Interdisciplinaridade, que pelo prefixo inter, indicativo de entre, em meio de, facilmente entendida como interatividade, atividades extras, pesquisas, possibilita compor resultados de diversos campos do conhecimento, buscando uma visão mais global e abrangente, propicia a superação da fragmentação.

A transdisciplinaridade, com prefixo trans, supõe ir além, para além de, através de, sugere ir além das disciplinas. A Pedagogia da Alternância requer a multi, a inter e a transdisciplinar, ou seja, a interação de sujeitos de diversas áreas

⁴ Monitor, coordenador pedagógico da equipe pedagógica nacional da união nacional das escolas agrícolas do Brasil.

agindo em equipe e pelo mesmo objetivo. A multidisciplinaridade é a simples colocação no mesmo espaço de profissionais de áreas diferentes, sem que haja necessariamente a interação na prática. Na interdisciplinaridade existe a troca, uma interseção das disciplinas. Chegando até a visão transdisciplinar que é a quebra da unidade das disciplinas e das especializações. Essa proposta transformadora de educação multidisciplinar e transdisciplinar se manifesta pela práxis.

A idéia da interdisciplinaridade surge no período de 1960 na Europa, em um movimento acadêmico contra a fragmentação do conhecimento. A idéia e a proposta pedagógica são defendidas por Georges Gusdorf autor que influencia diretamente os dois teóricos brasileiros sobre o assunto, Hilton Japiassu e Ivani Fazenda. E estes teóricos influenciam praticamente toda produção bibliográfica sobre o assunto no Brasil.

Hilton Japiassu (1976, p.81) diz que é necessário se definir o que é interdisciplinaridade criar uma precisão terminológica para a disciplinaridade. Na definição do autor a disciplina seria como “ciência”, e a disciplinaridade, portanto, seria a exploração do universo desta ciência. Do que se pode entender que a interdisciplinaridade seria ir além da das fronteiras disciplinares, conforme encontramos no mesmo autor. Para Japiassu (1976, p.74-75).

...podemos retomar essa distinção ao fixarmos as exigências do conhecimento interdisciplinar para além do simples monólogo de especialistas ou do ‘diálogo paralelo’ entre dois dentre eles, pertencendo a disciplinas vizinhas. Ora, o espaço interdisciplinar, quer dizer, seu verdadeiro horizonte epistemológico, não pode ser outro senão o campo unitário do conhecimento. Jamais esse espaço poderá ser constituído pela simples adição de todas as especialidades nem tampouco por uma síntese de ordem filosófica dos saberes especializados. O fundamento do espaço interdisciplinar deverá ser procurado na negação e na superação das fronteiras disciplinares.

A interdisciplinaridade se distingue dos conceitos multidisciplinares e transdisciplinares por não se limitar às metodologias de apenas uma ciência, buscando assim o conhecimento unitário e não partido em fragmentos. A interdisciplinaridade surge como uma necessidade imposta pelo surgimento cada vez maior de novas disciplinas. Para Japiassu (1976, p.53) é necessário que haja pontes entre as disciplinas, já que elas se mostram muitas vezes dependentes umas das outras, tendo em alguns casos o mesmo objeto de estudo, variando somente em sua análise.

Na proposta da pedagogia da alternância a interdisciplinaridade é um

requisito que conduz a uma ordenação específica do processo ensino-aprendizagem, principalmente no plano de estudos. Nesse sentido, os professores proporcionam aos alunos uma aprendizagem simultânea dos saberes e dos métodos comuns a várias disciplinas. Assim, a interdisciplinaridade possibilita a reordenação de diversos conhecimentos e provoca um conhecimento novo. Segundo Gadotti (2000, p.222) em termos metodológicos, a prática pedagógica interdisciplinar implica em integração de conteúdos, a passagem de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento, superação da dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa, a partir da contribuição das diversas ciências, ensino-aprendizagem centrado numa visão que aprendemos ao longo de toda a vida.

3 DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO À AÇÃO EDUCATIVA NO CAMPO

3.1 A EDUCAÇÃO PARA OS QUE VIVEM NO CAMPO - BREVE HISTÓRICO

A educação brasileira, desde a chegada dos portugueses até o momento atual desenvolveu-se por avanços e interrupções. Sendo a primeira delas com a chegada dos jesuítas em 1534 e a saída destes com a expulsão pelo Marquês de Pombal. Em cada mudança político-administrativa do país, a educação sofre nova interrupção e mudança de direcionamento. Porém, em relação ao meio rural, poucas intervenções se fizeram no decorrer da história. As primeiras mudanças começaram a ocorrer a partir de 1980, com as primeiras manifestações populares, através dos sindicatos rurais e pastorais religiosas, onde os indivíduos que vivem no campo encontraram um modo de se manifestar e reivindicar suas necessidades.

No momento em que os movimentos sociais organizam-se, cada qual buscando somar forças a fim de encontrar soluções aos seus conflitos, Paulo Freire, ultrapassa as fronteiras territoriais com sua clara concepção de que só se apodera do conhecimento, aquele que consegue realizar a leitura do mundo ao seu redor. Frei Betto sintetiza sua influência na educação brasileira, através do texto leitura do mundo, onde diz: As escolas ensinam, “Ivo viu a uva”, mas Paulo Freire, mostrou-lhes muito mais, mostrou os cachos, a parreira, a plantação inteira. Ensinou a Ivo que a leitura de um texto é tanto melhor compreendida quanto mais se insere o texto no contexto do autor e do leitor. Da relação dialógica entre o texto e o contexto que Ivo extrai o pretexto para agir. No início e no fim do aprendizado é a práxis de Ivo que importa. Práxis-teoria-práxis, num processo indutivo que o torna educando sujeito histórico. Uma breve análise sobre o texto das constituições brasileiras e da legislação para a educação possibilita perceber que todas contemplam a educação escolar, porém, nem todos consideram a educação rural importante, o que pode ser verificado desde a Constituição de 1824 e de 1891, embora o país em virtude de seu amplo território seja considerado um país agrícola, o texto não se refere a educação formal para aqueles que vivem no campo. A constituição de 1824 trata da educação em seu artigo 179, que garante a gratuidade da instrução primária a todos s cidadãos.

O artigo 72 da Constituição de 1891 limita-se a assegurar aos brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, garantindo o ensino leigo nos estabelecimentos públicos.

A ausência de uma legislação e de um sistema nacional para assegurar a efetiva articulação entre as diversas esferas do poder público fragmenta o processo educacional. Neste contexto, a população dispersa nas mais diferentes realidades têm diferentes percepções levando à olhares e interpretações diversas sobre a importância da educação. Para alguns o caminho para a ascensão social, para outros um elemento desnecessário.

A partir de 1930 ocorre um grande processo de êxodo rural em virtude da industrialização do país e nova organização das classes sociais, onde se inverte a hierarquia de poder, sai de cena o poder agrário, formado pelos fazendeiros, e assumem o comando os industriais. Neste momento histórico a cidade torna-se a referência da modernidade e de progresso, estando ao campo à pecha de velho e rústico.

Até mesmo o termo cidade, é considerado mais elegante, pois dele descendem o termo cidadania e cidadão, enquanto que do termo rural derivam os termos rústico e rude. Este período é marcado pela criação de algumas organizações públicas objetivando a fixação do homem no campo. Em 1937, com o intuito expandir o ensino e a cultura do homem do campo, foi criada a Sociedade Brasileira de Educação Rural. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, criou-se a Comissão Brasileira-Americana de Educação Rural. As propostas educacionais a partir dessas organizações entendem a população do campo como carente, pobre, subnutrido e ignorante, o legítimo “Jeca Tatu” da ficção, de Monteiro Lobato. O objetivo primordial era de prover às populações rurais assistência e proteção.

A primeira Lei de Diretrizes e Base da Educação LDB 4.024/61, delegou aos municípios a responsabilidade sobre a educação rural e recomenda a formação dos educadores que vão atuar nas escolas primárias rurais, em seus artigos 57 e 105.

Em 1971, a Lei Complementar 5.692/71 não contemplou nenhuma melhoria para a educação rural, exceto a adequação do período letivo à época de plantio e colheita das safras, conforme a região.

Em seu artigo 11 estabelece que na zona rural, o ensino poderá ser organizado em períodos letivos diferentes, com prescrição de férias nas épocas do plantio e colheita das safras, conforme plano aprovado pela competente autoridade

de ensino.

O artigo 47 fala que as empresas comerciais, industriais e agrícolas são obrigadas a manter o ensino de primeiro grau gratuito para seus empregados e o ensino dos filhos destes entre sete e os quatorze anos ou a concorrer para esse fim mediante a contribuição do salário-educação, na forma estabelecida por lei.

O artigo 49 diz que as empresas e os proprietários rurais, que não puderem manter em suas glebas ensino para os seus empregados e os filhos destes, são obrigados, sem prejuízo do disposto no artigo 47 a facilitar-lhes a freqüência à escola mais próxima ou a propiciar a instalação e o funcionamento de escolas gratuitas em suas propriedades.

A Constituição de 1988, no artigo 205, da seção I, do capítulo III finalmente considera a educação um direito de todos, e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho.

O destaque como um direito de todos, é um grande avanço, embora não seja específica quanto à educação rural. Para contemplar, a educação rural, foi aprovada em 1996 a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei 9394/96 que em três artigos evidencia normas para a educação do campo.

O artigo 23 da Lei de Diretrizes e Base da Educação permite diferentes modelos organizacionais da educação básica, que poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Em seu artigo 26 contempla diferenças locais e regionais bem como o respeito à cultura local. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada pelos demais conteúdos curriculares especificados nesta Lei e, em cada sistema de ensino estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Porém, é o artigo 28 da LDB 9394/96 que especifica as normas para a educação do campo. O que pode ser entendida como uma preocupação e respeito à diversidade sociocultural e a intenção de acolher as diferenças. Ao mesmo tempo

em que implica em pensar uma nova forma de organização escolar para atender a peculiaridades do campo. Estabelece que sejam adotados conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural e que haja uma organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas, como adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Em 2002, o Conselho Nacional de Educação, através da Câmara de Educação Básica, aprovou as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Resolução CNE/CEB nº1, de 03 de abril de 2002).

Neste período os movimentos sociais, adquirem força, espaço e voz nas organizações e entidades populares onde pressionam o poder político a pensar a educação pública a partir do mundo do campo, considerando o contexto de vida, respeitando o modo como cada cultura concebe o tempo e o espaço, o meio ambiente, a concepção de organização do trabalho, os valores da família.

No Estado do Paraná em 2006 a Secretaria de Estado da Educação, através da Superintendência da Educação publica as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, numa demonstração de comprometimento com os diferentes povos que vivem em seu território, na Secretaria Estadual de Educação é criada a Coordenação da Educação do Campo, através do Departamento da Diversidade em 2002, que coordena além da Educação do Campo, a Educação Escolar Indígena, Educação de Jovens e Adultos, Desafios Educacionais Contemporâneos.

Antes disso, em 1994, por iniciativa do Governo do Estado, foi aprovado o Programa de Casa Familiar Rural, delegando-se as Secretarias de Agricultura, Desenvolvimento, Educação e Fazenda viabilizar apoio necessário à efetivação do projeto.

Em 1995, com a mudança de governo, o programa passa a se chamar Programa Escola no Campo, conforme apresenta Claudia Passador, em seu artigo Projeto Escola do Campo: Casas Familiares Rurais do Estado do Paraná, onde relata a trajetória do projeto. Segundo Claudia, (1988, p.5) a evolução do Projeto Escola do Campo - Casa Familiar Rural se destacou por ser uma iniciativa que atende o anseio das famílias do meio rural.

3.2 A CASA FAMILIAR RURAL - SUA ESTRUTURA

Na experiência francesa em 1935, os primeiros trabalhos de formação dos jovens agricultores se realizaram, no espaço da igreja local, sob a coordenação do padre Granereau na localidade Sérignac-Peboudou, em Lot-et-Garone, um cidadão preocupado com seus paroquianos e envolvido nos diferentes movimentos, sindicais e organização de cooperativas agrícolas. O modelo planejado inicialmente era de regime de internato, onde os jovens permaneciam por uma semana no espaço de formação geral e teórica e duas semanas na propriedade juntamente com a família onde deviam observar o modelo de produção adotado por eles e aplicar os conhecimentos obtidos através da reflexão e estudo. Inicialmente o grupo era pequeno, eram apenas quatro jovens adolescentes, filhos de pequenos agricultores. No ano seguinte 17 jovens se inscreveram para esta escola. Após dois anos a fórmula chamou atenção nas redondezas e passaram a ser quarenta jovens, criando limitações no espaço físico. As famílias se organizadas através de uma associação sindical para adquirir uma propriedade na localidade de Lauzan para dar continuidade à experiência educacional.

Assim nasceu a primeira *Maison Familiale Rurale* e o projeto pedagógico da Alternância, ou seja, o trabalho prático na propriedade e a formação geral e técnica no centro de formação.

Quanto à estrutura de espaço-físico, a experiência francesa serviu-se da adaptação ao local existente na paróquia. No Brasil, muitas Casas Familiares Rurais, iniciam suas atividades utilizando-se de espaços públicos ociosos, como escolas desativadas pelo movimento de nuclearização, pavilhões de sindicatos, locais construídos para eventos e exposições, enfim, adapta-se o local a necessidade de se obter, um alojamento masculino, outro feminino, um refeitório, espaço para reuniões ou estudo. De tal forma que sob o olhar de quem desconhece a proposta, ou sob o olhar crítico da ausência de comprometimento com a vida no campo pode se obter uma conclusão equivocada. A de que a educação para os menos favorecidos que vivem no campo se dá em local pobre e improvisado.

Essa situação vai mudando à medida que a proposta vai adquirindo a credibilidade da sociedade, dos educadores e principalmente das autoridades governantes. Como já pode ser verificado na região norte do Brasil, onde a experiência iniciou-se há mais tempo, a estrutura física está sendo pensada para

propiciar atendimento a um maior número possível de jovens ao mesmo tempo. Na França atualmente, existem *Maisons* que abrigam seiscentos jovens em um mesmo período. No Chile e na Argentina, o movimento de educação pela alternância encontra-se melhor organizado e estruturado.

Quanto ao seu funcionamento, uma estrutura mínima, composta pelo modelo inicial adotado no Brasil, três turmas de 25 alunos cada. Assim, quando uma turma está na Casa Familiar Rural, duas turmas estão na propriedade, podendo ser atendidos um total de 75 alunos. O que requer pelas normas da Arcafar, a necessidade de três monitores⁵. A formação inicial na Casa Familiar Rural é de três anos, período em que se dá a Qualificação para o trabalho Rural, período este, correspondente ao ensino fundamental. Para a formação em técnico agrícola, correspondente ao ensino médio também é de três anos. Portanto, se o jovem optar por estudar em uma Casa Familiar Rural, ele terá de concluir seis anos de atividades de alternância, ou seja, em regime de internato, onde os jovens passam: duas semanas na propriedade, no meio profissional rural, e uma semana na Casa Familiar Rural. Atualmente está organizada uma semana na propriedade uma na escola. Durante as duas semanas na propriedade ou no meio profissional, o jovem realiza um Plano de Estudo, discute sua realidade com a família, com os profissionais e provoca reflexões, planejam soluções e realiza experiências na sua realidade, disseminando assim novas técnicas nas comunidades. E durante a semana na Casa Familiar Rural, os jovens colocam em comum com ajuda dos monitores os problemas as situações levantadas na realidade, buscam novos conhecimentos para compreender e explicar os fenômenos científicos.

Os objetivos almejados pela Casa Familiar Rural, são:

- a) oferecer aos jovens rurais uma formação integral, adequada a sua realidade, que lhes permitam atuar, no futuro, como um profissional no meio rural, além de se tornarem homens e mulheres em condições de exercerem plenamente a cidadania;
- b) melhorar a qualidade de vida dos produtores, dos rurais, através da aplicação de conhecimentos técnicos-científicos organizados a partir dos conhecimentos familiares, e através da pedagogia da alternância;

⁵ Modelo adotado até 2005

- c) fomentar no jovem rural o sentido de comunidade, vivência grupal e desenvolvimento do espírito associativo, e desenvolver a consciência de que é possível, através de técnicas de produção adequadas, de transformação de comercialização, viabilizar uma agricultura sustentável, sem agressão e prejuízos ao meio ambiente;
- d) desenvolver práticas capazes de organizar melhor as ações de saúde de nutrição e cultural das comunidades.

A partir de 2006, para adequar-se as normas da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, do Parecer 01/2006, aprovado pelo Ministério de Educação, em 01 de fevereiro de 2006 através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade-SECAD, que normatiza os dias letivos para a aplicação da Pedagogia da Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA) e do Parecer 97/96 do Conselho Estadual de Educação do Paraná que regulamenta a implantação do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série nas Casas Familiares Rurais, procedeu-se mudanças no processo de funcionamento.

A Qualificação para o Trabalho, com duração de três anos, foi adequada então com a seguinte estrutura o aluno deve estar na 6ª série do Ensino Fundamental, onde em três anos concluirá a 8ª série e concomitantemente realiza a Qualificação para o Trabalho e o regime de Alternância se dá sendo uma semana na Casa Familiar Rural e uma semana na propriedade. Os alunos iniciam a formação pela alternância com idade entre 12 e 13 anos, diferente, portanto da proposta inicial que contemplava jovens na faixa etária entre 14 a 25 anos.

No início, uma Casa Familiar com capacidade máxima de 25 alunos podia atender a três turmas em regime de alternância, sendo que quando uma turma estava na Casa Familiar, duas permaneciam na propriedade, onde realizam as atividades do Plano de Formação e socializam o conhecimento adquirido, por este processo totaliza-se 14 alternâncias durante o ano letivo. A escolaridade formal era responsabilidade de cada um, tendo o ensino supletivo, como principal instituição formadora. A partir de 2006, o estado do Paraná modificou os modelos de alternância para adequar-se as normas do Parecer 01/06 e Parecer 97/96 e a parceria entre Secretaria Estadual de Educação e as Casas Familiares Rurais, os professores da rede pública do estado do Paraná passam a atuar dentro da Casa Familiar, juntamente com o monitor em período integral. A regularidade legal da

escolaridade se dá em uma escola estadual, chamada de escola base, onde se registra a matrícula do aluno, suas avaliações, com registro de notas e frequência. Sendo os professores também lotados nesta mesma escola em regime de quarenta horas semanais, com exceção para o professor de educação física, que trabalha três horas semanais com cada turma. Ocorre também a alteração no sistema de alternância, ficando então, uma semana da Casa Familiar Rural e uma semana na propriedade que ao final totaliza vinte alternâncias durante o ano letivo.

Durante o período de internato na Casa Familiar, um monitor convive em período integral com os educandos. Além do monitor, o mais próximo do aluno e sua família há também cozinheiras que preparam a alimentação dos jovens. Inicialmente, a alimentação era trazida da propriedade, onde cada aluno contribuía com alguns produtos que eram consumidos por todos durante a semana. Atualmente, a Associação de Pais e as entidades parceiras custeiam a alimentação durante a semana de internato. Os demais serviços de dentro da casa são distribuídos entre todos os alunos que são organizados em equipes, com horários e atividades a serem desenvolvidas.

A Associação de Pais, constituída através de estatuto próprio, representa juridicamente a Casa Familiar, para buscar parcerias em projetos educacionais, organizar a proposta de trabalho, contratar funcionários e tomar decisões que digam respeito ao funcionamento da Casa Familiar e seu atendimento aos alunos.

Uma Casa Familiar é em síntese um local dentro do município ou de uma região destinado à formação técnica, humana e gerencial dos jovens do meio rural. Este local possibilita que as pessoas se qualifiquem e possam interagir com as evoluções da profissão conjuntamente com a sua família e a comunidade. Ela é de fundamental importância na formação integral dos jovens que vivem no campo, para permitir que ali permaneçam em atividades empreendedoras. Que sejam capazes de participar na promoção da comunidade, desenvolvendo o espírito crítico e promovendo a habilidade de associativismo.

A implantação de uma Casa Familiar ocorre a partir da necessidade de uma comunidade ou região. Normalmente, a necessidade manifesta a partir de reuniões em associações de moradores, sindicatos, movimentos religiosos, ambientes estes, onde se percebe a necessidade de buscar o desenvolvimento. Após a manifestação comunitária, a Arcafar (Associação Regional de Casas Familiares Rurais), organiza reuniões com os diferentes segmentos da sociedade para o detalhamento da

proposta e definição da responsabilidade de cada parceiro, aqui entendido como o poder público, associação de pais, famílias, monitores e alunos. A ausência de clareza quanto às características da Proposta pode levar ao fracasso da experiência e frustrar a expectativa dos educandos.

O objetivo, além da qualificação do jovem e sua família é aumentar a auto-estima dos envolvidos gerando um projeto de vida onde se acredita possibilitar a fixação do jovem no meio rural de forma empreendedora.

3.3 A FORMAÇÃO NA CASA FAMILIAR RURAL

O desenvolvimento rural alcançará êxito se proporcionar o saber e o saber fazer para que os educandos possam atuar como construtores do desenvolvimento pessoal, familiar, comunitário, municipal. No meio rural, o recurso mais abundante e potencialmente mais eficiente para gerar riqueza e prosperidade são as próprias famílias rurais. No entanto, de pouco serve contar com famílias cheias de potencialidades latentes. É necessário que os projetos tenham o objetivo e a intencionalidade de transformar esse abundante fator potencial em um eficiente fator real de desenvolvimento. Isto requer que recebam uma educação funcional que lhes ensine como produzir e administrar suas propriedades com maior eficiência e rentabilidade. É necessário proporcionar-lhes uma educação orientada ao "empreendedorismo" e ao "autodesenvolvimento", para que esses jovens possam se tornar agentes de transformação e deixem de fazer parte de um problema, passando a fazer parte da solução.

As primeiras experiências com a Casa Familiar Rural, iniciadas no sul do Brasil aconteceram em 1987, especificamente nos municípios de Barracão (1989) e Santo Antônio do Sudoeste (1990) e antes disso, no estado de Pernambuco, em 1984 a proposta começou a ser implantada, e no estado do Pará. Na região do Pará e no Pernambuco adotou-se o modelo italiano de educação rural.

As Casas Familiares Rurais, no sul do Brasil estão organizadas sob os mesmos objetivos inicialmente propostos na França, com intuito de implantar projetos de desenvolvimento local sustentável e viabilizar alternativas educacionais para jovens que vivem no campo. Cada unidade de Casa Familiar Rural tem por princípio preservar os valores e a cultura local, respeitando as especificidades de cada região e preservando os Princípios da Pedagogia da Alternância.

A implantação da primeira Casa Familiar Rural aconteceu em Barracão, região sudoeste do Paraná, atualmente município de Bom Jesus do Sul, por uma somatória de circunstâncias. No início da década de 80 do século XX, a administração municipal sentia a preocupação com o desenvolvimento da área rural, que em virtude das condições geográficas impede a implantação de uma agricultura mecanizada, e de produção em grande escala. E uma população rural, com pouca escolaridade e quase nenhuma condição de gerar renda própria.

A mesma preocupação, ocorre com as famílias que almejam melhoria nas suas condições de vida e buscam por respostas às suas necessidades no poder público mais próximo. Na busca por soluções inicialmente se planeja instalar uma Escola Agrícola, nos modelos convencionais. A administração municipal então, recorre ao governo federal, de onde obtém recursos para iniciar a construção da Escola Agrícola. Neste período, por intermédio de Euclides Scalco chefe da Casa Civil, do governo de Estado do Paraná, o prefeito de Barracão Antônio Poloni, recebe informações sobre as *Maisons Familiales Rurales* MFRs, o modelo francês de educação voltado aos jovens que vivem no Campo. Modelo esse que foi pensado e organizado para filhos de pequenos agricultores.

Inicia-se então uma caminhada em nova direção, conhecer a proposta das *Maisons Familiales Rurales* e a Pedagogia da Alternância. Um longo trabalho é realizado entre conhecer o modelo francês, pensar a realidade de Barracão e construir a proposta que capaz de atender a necessidade local. A união de forças entre o poder público e a população rural, coordenados pelo um técnico francês Pierry Gilly que através de um acordo entre as *Maisons Familiales* e a Secretaria de Estado da Educação e Desporto e as prefeituras municipais, vem para Barracão, acompanhar o processo de implantação da primeira Casa Familiar Rural e a Pedagogia da Alternância.

Na França à medida que a proposta foi se expandindo, foi criada em 1975, a Associação Internacional dos Movimentos Familiares de formação por Alternância (AIMFR), com intuito de garantir que a proposta não se desviasse do propósito inicial de qualificar os jovens agricultores, no contexto onde vivem.

Com o mesmo objetivo, no Brasil é criada em 1984 a, Associação Regional das Casas Familiares Rurais – (Arcafar), em 08/06/1991 surge a Arcafar-Sul, com objetivo de coordenar a Pedagogia da Alternância nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que se tornou entidade jurídica em 1992.

No Sul do Brasil, o processo de implantação das Casas Familiares Rurais teve início no Paraná, em 1987, nos municípios de Barracão e Santo Antônio do Sudoeste, com discussão dos agricultores e envolvimento das comunidades.

Já em 1991, as Casas Familiares Rurais estavam sendo implantadas nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e desenvolveram-se, também, nos outros Estados do Brasil, sobre a coordenação das Associações Regionais das Casas Familiares Rurais (Arcafar), hoje se organiza em uma Confederação Nacional (Conacafarb).

Em 1998, as Casas Familiares Rurais integram-se às ações, em nível federal, do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf, possibilitando o crescimento de unidades implantadas no País.

Atualmente a Arcafar-Sul coordena mais de oitenta e Casas Familiares Rurais em funcionamento e outras associações preparam para fundar novas Casas Familiares com apoio do Programa Nacional da Agricultura Familiar – o Pronaf, e outras instituições que simpatizam o com projeto. Há também em funcionamento Casas Familiares do Mar em Santa Catarina nos municípios de São Francisco do Sul e Laguna.

O impacto na comunidade onde há uma Casa Familiar Rural é importante, e seus efeitos acontecem de maneira contínua e interligada considerando que cada jovem, envolve a sua família e em média outras dez famílias vizinhas, ou seja, cada Casa Familiar Rural reagrupa outras pessoas.

3.4 ARCAFAR-SUL

Com sede em Barracão, no estado do Paraná a Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil, em seu estatuto, denomina-se como uma associação de educação e orientação cultural, com fins de assistência social, sem fins lucrativos. Tem como objetivos coordenar um trabalho que visa oportunizar aos jovens, uma formação integrada a sua realidade e que lhes possibilite condições de permanência no meio onde vivem e que sejam capazes de buscar novas oportunidades e cidadania.

Visa ainda à formação integral dos profissionais que atuam nas Casas Familiares, conhecidos como monitores, preparando-os para ampliar os conhecimentos técnicos, econômicos sociais e culturais. Propicia além da formação

de monitores, os dirigentes para atuarem diretamente no processo educacional.

A Arcafar-Sul, tem como meta proporcionar a integração entre as Casas Familiares Rurais, buscando o fortalecimento regional. Assim, respeitando o contexto próprio de cada unidade, as parcerias específicas de cada Casa, onde se efetiva o desenvolvimento local e paralelamente unifica os interesses comuns das demais unidades sob a sua jurisdição, zelando sempre pela efetivação da alternância, dinâmica que fortalece os laços de interação entre escola, família e comunidade.

Para se implantar uma nova unidade de Casa Familiar à mobilização dos diferentes segmentos da sociedade, os esclarecimentos e a definição das estratégias para a organização da Associação de Famílias de alunos da Casa Familiar Rural, desde as reuniões com a comunidade, a viabilidade das parcerias locais, a Arcafar-Sul tem papel fundamental.

3.5 A ASSOCIAÇÃO DE PAIS

A Associação de Pais é o fundamento básico para as Casas Familiares Rurais. Constitui-se por um grupo de pessoas que possuem mesma origem de classe, compartilham os mesmos desejos em relação ao local onde vivem. Preocupam-se com o desenvolvimento do meio rural a partir de seu próprio contexto.

Cada família ao optar pela formação de seu filho na Casa Familiar Rural, torna-se membro da associação e o sucesso da educação e da Casa Familiar como um todo depende da responsabilidade de cada um com a participação e colaboração interessada nos objetivos a serem alcançados e deve compreender e incentivar o espírito associativista. Pela associação as ações ganham forças.

Pela Pedagogia da Alternância, existem diferentes maneiras de a família participar na formação de seus filhos, numa relação dialógica, entre pais, alunos monitores e a comunidade como um todo, para a qual a família precisa estar disponível, para Paulo Freire (2005, p.154), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inauguram com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inclusão em permanente movimento na história.”

A participação efetiva-se através das reuniões de rotina organizada como momento de aprendizagem; nas visitas dos monitores à propriedade, onde se

discute e analisa o projeto de cada aluno, no próprio contexto. Outra forma de participação e no estudo do Caderno de alternância, que o jovem precisa organizar durante a semana em que permanece na propriedade, o qual é o instrumento de estudo específico de cada jovem e sua família.

A família estabelece relações com os formadores, tornando-os parceiros para o diálogo permanente e construtivo é a associação que organiza a pesquisa participativa nas comunidades, para escolher os Temas para poder elaborar com os monitores o Plano de Formação.⁶

Para a criação de uma Associação de Casa Familiar Rural, quatro etapas são fundamentais e segundo, a Arcafar-Sul.

A chamada primeira Etapa, ocorre junto a grupos de pais de famílias do município que se organizam para:

- a) informar as famílias sobre a possibilidade de se associar com o objetivo de refletir os problemas da Educação e Formação de jovens;
- b) iniciar uma Pesquisa Participativa para sensibilizar todas as famílias a conhecer a real situação da região;
- c) refletir sobre o desenvolvimento global da região.

Para a segunda Etapa, deve-se:

- a) proceder uma reflexão profunda sobre os primeiros resultados da Pesquisa Participativa com o envolvimento de diferentes órgãos e autoridades locais;
- b) organizar uma equipe para a constituição de uma Associação Provisória. Definir os Temas de Formação para provocar o desenvolvimento local;
- c) organizar a formação das pessoas escolhidas para serem monitores;
- d) dar início a seleção dos jovens a serem formados na Casa Familiar Rural.

A terceira Etapa é para organizar o funcionamento da Casa Familiar Rural, em dois momentos, como segue:

A Organização Prática:

⁶ Informações obtidas na Arcafar

- a) Providenciar local e equipamentos;
- b) Efetuar a participação das famílias

E a Organização da Formação:

- a) Elaboração do Plano de Formação com a diretoria, os monitores e os demais órgãos envolvidos;
- b) Planejar, a formação em função do calendário agrícola.

A Quarta Etapa compõe-se de:

- a) Funcionamento da Casa Familiar Rural;
- b) Planejamento das reuniões do Conselho de Administração;
- c) Assembléia dos Pais e organizações em comissões;
- d) Visita às famílias.

Uma Associação de Casa Familiar Rural busca o envolvimento com outros órgãos e entidades que possuem objetivos em comum. Os mais procurados são os sindicatos com intuito de fortalecer a associação e viabilizar programas que possam agregar conhecimento aos jovens alunos.

Outro órgão necessário para a sua viabilização é a Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural, a Emater de onde se viabiliza a orientação técnica, cursos e palestras e de onde se obtém projetos de crédito agrícola. Entidades federais, de onde através de convênios possibilita-se o repasse de recursos e o reconhecimento legal para efetivar as ações da Casa Familiar Rural e da Pedagogia da Alternância.

As esferas estaduais também estão envolvidas, pois são elas que possibilitam os programas com secretárias que tenham compromisso com a educação e o desenvolvimento rural e local.

As prefeituras locais se tornam os parceiros mais próximos a Casa Familiar Rural e oportunizam suporte de efetivação.

As cooperativas locais são fundamentais para viabilizar projetos agrícolas e propiciar unidades de demonstração, além dos setores da agroindústria que possibilitam alternativas de agregação de valores aos produtos produzidos nas propriedades rurais.

E de forma imprescindível a Associação terá vínculos com a Arcafar, que dá suporte pedagógico e orientações administrativas a todas as Casas Familiares Rurais sob sua jurisdição.

3.6 O MONITOR

Na efetivação do processo de aprendizagem que se propõe a Pedagogia da Alternância na Casa Familiar Rural o monitor é o profissional que desempenha múltiplas funções, exercendo o papel de articulador de todo o processo. Na escola convencional há o professor, detentor do conhecimento, na Casa Familiar Rural, o monitor é ao mesmo tempo articulador, guia, orientador e facilitador do processo ensino-aprendizagem, o interlocutor que está inserido no tempo e no espaço dos jovens alunos e suas famílias, vivencia a complexidade de cada aluno e o direciona para que construa o seu próprio conhecimento.

Para José Luiz Lorenzini (2007),⁷ a função de monitor(a) por ter uma dimensão global, é complexa, pois seu exercício requer condições de capacitação e conhecimentos aprofundados, tanto dos temas a serem discutidos no Ceffa, como um conhecimento profundo da realidade, da potencialidade, das condições regionais, tendências de mercado, de novas alternativas viáveis para a região, conhecimentos da propriedade familiar, de como superar as deficiências econômicas, da própria estrutura familiar.

No processo de implantação da Pedagogia da Alternância na Casa Familiar de Barracão os monitores foram orientados pelo engenheiro agrônomo francês Pierry Gilly, que veio ao Brasil para conduzir o processo no sentido de garantir a efetivação de todos os instrumentos da Pedagogia da Alternância. A permanência de Pierry Gilly durante os primeiros anos de funcionamento da Casa Familiar se deu através de convênio firmado entre o governo do estado do Paraná e organizações francesas voltadas à educação no campo.

Atualmente a Arcafar-Sul, é responsável pela formação inicial de cada monitor contratado para trabalhar em uma Casa Familiar, essa formação inicial prevê no mínimo quinhentas horas de estudo.

A equipe de monitores, juntamente com os professores da Base Nacional Comum é responsável pela organização, dinamização das atividades docentes e pela elaboração do Plano de Formação em conjunto com a Associação de Pais e sua efetivação.

⁷ Coordenador regional das Casas Familiares rurais de Santa Catarina, licenciado em Ciências Agrárias Naturais

3.7 OS PROFESSORES DA BASE NACIONAL COMUM

Esses profissionais passam a integrar o sistema Casa Familiar Rural a partir de 2006, quando se estabelece convênio de parceria entre a Arcafar-Sul e o governo do Estado do Paraná e para adequar-se a legislação do Conselho Nacional de Educação que reconhece a validade da formação por alternância, quanto à carga horária.

Por esta proposta os alunos do ensino fundamental, podem matricular-se em uma Casa Familiar Rural e realizar conjuntamente a escolaridade formal e a Qualificação em Agricultura. Uma escola estadual localizada dentro do município, chamada de escola base, realiza a matrícula regular dos alunos e a lotação dos professores estaduais. Anualmente, onde há vagas a Secretaria Estadual de Educação, publica edital de convocação para que professores do Quadro próprio do magistério com formação nas áreas específicas da Base Nacional Comum. Para área de linguagem códigos e suas tecnologias, sendo para Língua Portuguesa e suas Tecnologias,⁸ um professor para cada duas turmas de 25 alunos. Ciências da Natureza e suas Tecnologias,⁹ um professor para cada duas turmas e Ciências Humanas e suas Tecnologias,¹⁰ um professor para cada duas turmas de 25 alunos e ainda um professor de Educação Física que trabalha três horas aulas semanais.

Esses profissionais têm lotação de quarenta horas semanais na escola base onde os alunos estão matriculados e atuam conjuntamente com o monitor. Ocorre que por questões não identificadas por esta pesquisa, não tem havido a opção por trabalhar na Casa Familiar Rural por parte dos professores da rede estadual. Levando então, a Secretaria Estadual de Educação a contratar professores pelo Processo Seletivo Simplificado, com duração de um ano letivo, ou seja, o professor é contratado no início do ano letivo e exonerado ao término do mesmo ano letivo. Esse sistema ocasiona uma rotatividade de professores, atuantes na Casa Familiar e por conseqüência acarreta maior responsabilidade ao monitor de ambientar e preparar esses professores para a compreensão do processo da Pedagogia da Alternância e a interação na construção da interdisciplinaridade, característica essencial neste processo educacional.

⁸ Disciplinas de Português, Língua Estrangeira Moderna e Arte

⁹ Disciplinas de Matemática e Ciências

¹⁰ Disciplinas de História e Geografia

4 A PESQUISA

Diante do objeto de estudo, a Casa Familiar Rural e a Pedagogia da Alternância e todos os sujeitos envolvidos no processo, como os educandos, professores, monitores, a família, a comunidade, as instituições colaboradoras e as amplas relações existentes entre estes, uma visão única, linear fechada na neutralidade, torna-se insuficiente.

Para tanto buscamos subsídios em Edgar Morin, (2006) que defende a idéia de reformar o pensamento para reformar o ensino e reformar o ensino para reformar o pensamento. Essa opção não garante nenhuma certeza, porém permite pensar e reconhecer as diferentes realidades em um mesmo fenômeno. Conforme mostra Morin, a consciência da complexidade nos faz compreender que não poderemos escapar jamais à incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: “a totalidade é a não verdade”. O autor diz ainda que “o pensamento complexo não recusa de modo algum a clareza, a ordem, o determinismo. Ele os considera insuficientes, sabe que não se pode programar a descoberta, o conhecimento, nem a ação”. (MORIN,2006, p 100)

A complexidade se apresenta para suprir as insuficiências do pensamento simplificador, o que não elimina a simplicidade.

Conforme afirma Morin:

A complexidade aparece ali onde o pensamento simplificador falha, mas integra em si mesma tudo aquilo que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as conseqüências mutilantes, reducionistas, unidimensionalizantes e finalmente ocultadoras de uma simplificação... (MORIN, 2005a, p.22)

O ser humano nas suas múltiplas características sejam elas sociais históricas econômicas políticas podem ser amplamente contempladas sobre ótica da complexidade que possibilita um novo olhar do pesquisador. A complexidade assim compreendida, não está no objeto, mas no olhar do pesquisador, na maneira como ele aborda os fenômenos.

A efetivação dessa pesquisa tem o objetivo de entender o processo

educacional que ocorre na Casa Familiar Rural a dinâmica da Pedagogia da Alternância, assim como a sua contribuição na formação dos jovens agricultores, filhos de trabalhadores agrícolas da pequena produção, no desenvolvimento local. Ressalte-se que o cenário aonde o estudo se desenvolve não existem grandes complexos industriais urbanos. Optou-se inicialmente por buscar evidências da influência dessa pedagogia na prática cotidiana dos jovens agricultores egressos da Casa Familiar Rural do município de Bituruna, Estado do Paraná.

A escolha da Casa Familiar Rural de Bituruna, como unidade caso para o estudo de caso empreendido, se deu em virtude dessa unidade ter iniciado seus trabalhos em 1998, quando implantou a Qualificação no ensino fundamental e atualmente está implantando o ensino médio técnico. A certificação de Qualificação em Agricultura desde 1998 até 2008 se efetivou para aproximadamente 98 jovens.

Ao mesmo tempo, considerou-se a necessidade de conhecer todo o processo das Casas Familiares Rurais (CFR) e da Pedagogia da Alternância (PA), e para isso optou-se em realizar o acompanhamento da implantação e desenvolvimento da Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul, Paraná, que iniciou suas atividades em fevereiro de 2006. Portanto, essa pesquisa é um relato de experiência, em que o estudo de caso passou a ser o paradigma de referência para a implantação da metodologia no município de São Mateus do Sul.

O estudo dos egressos do caso Bituruna necessita de contextualização. Para tanto a opção pela pesquisa qualitativa, visto ser o objeto de estudo, os grupos sociais nas mais variadas circunstâncias, sua cultura e seus valores, além de fenômenos ainda pouco compreendidos e conhecidos como a Pedagogia da Alternância. A sua validação enquanto método de ensino e as particularidades referentes a seu reconhecimento nos órgãos oficiais que legitimam o processo educacional brasileiro, também são considerados nesta análise.

A opção pela pesquisa qualitativa, possibilita ao pesquisador utilizar o diálogo como meio de comunicação mais importante no processo de estudo e coleta de informação e pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas.

Classifica-se, também, como pesquisa descritiva, pois esta, segundo Gil (2002) tem como objetivo proporcionar maior aprofundamento com o objeto de estudo e conhecê-lo melhor e o aprimoramento de idéias e intuições, sendo,

portanto, o seu planejamento bastante flexível, característica esta que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Para Strauss e Anselm (2008, p.51), o principal objetivo da pesquisa qualitativa é desenvolver teoria. Para tanto, a estrutura da pesquisa deve ser organizada de forma a garantir flexibilidade e liberdade a fim de explorar o fenômeno em profundidade. Os mesmos autores (2008, p.53) afirmam é necessário manter um equilíbrio entre objetividade e sensibilidade. Tal afirmação se justifica na flexibilidade da coleta e análise de dados que não obedecem seqüências estabelecidas. A análise começa com a primeira entrevista e observação, seguida por mais análise, mais trabalho de campo e assim sucessivamente. Por conseqüência ocorre uma interação permanente entre pesquisador e o ato de pesquisar.

A sensibilidade deve ser característica presente no pesquisador, para perceber as mais sutis nuances, e significados dos dados para ser capaz de estabelecer conexões entre os diversos conceitos. Sensibilidade significa nessa circunstância discernimento, isto é ver além do óbvio para descobrir o novo. Sensibilidade a que Paulo Freire, em *Pedagogia da Esperança* (2006, p.69) chama de “boniteza” no momento em que ele se familiariza com o vocabulário dos pescadores, Isso é discernimento, associado à objetividade, por conseguinte, associado ao conhecimento. A produção de uma teoria requer condição de saber usar o conhecimento acumulado e sensibilidade para não forçar explicações sobre os dados pesquisados.

Diferentemente da pesquisa quantitativa, a objetividade neste caso, não significa controlar as variáveis, conforme Straus e Anselm (2008, p.54)

ao contrário, significa abertura, disposição para ouvir e ‘dar voz’ aos informantes, sejam eles pessoas ou organizações. Significa ouvir o que os outros têm a dizer, ver o que os outros fazem e representar isso da forma mais acurada possível.

Estudar um fenômeno através do tempo é essencial não somente para registrar mudanças em sua aparência ou essência, mas revelar a natureza da relação entre a aparência e a essência do fenômeno. Aqui se justifica para compreender toda a complexidade da Pedagogia da Alternância e buscar a evidências de sua ação sobre a formação dos jovens agricultores.

Foi adotado como instrumentos de pesquisa formulários de entrevistas pré-elaboradas, visitas de observação, participação em eventos, reuniões, conversas

informais com registros de todos os momentos, seja na forma de relatórios escritos, seja em gravações de voz, de imagem.

A pesquisa obedeceu uma seqüência dialógica na sua realização, visto que necessitou-se retornar tantas vezes quantas foram necessárias para entender e melhor registrar fatos e fenômenos. Para entender os valores culturais e o comportamento social, a entrevista e a observação tornam-se métodos de coleta de dados sensíveis para captar as nuances da vida humana.

A escolha pela técnica de entrevista, é porque, como Barros e Lehfeld (2000,p.91) apontam “é uma técnica que permite o relacionamento estreito entre entrevistado e entrevistador”. Vasconcelos (2002, p.221) complementa que “a entrevista constitui um processo de interação intersubjetiva e social por excelência, acentuando toda a riqueza, desafio e complexidade do processo investigativo”.

A observação como um dos instrumentos mais recorrente nesta pesquisa, constitui um recurso informal e assistemático, porém, planejado de forma sistemática e submetido à verificação e controle de validade e precisão, tornando-se um procedimento científico e rigoroso. O observador percebe os fenômenos sem nenhum intermediário de maneira clara e direta.

A opção pela observação simples onde o pesquisador assume uma condição mais externa à situação observada, requer um número significativo de observação para se produzir uma percepção mais acurada dos fenômenos. O registro realizado por diário de campo, gravador, câmeras filmadora e fotográfica, apresentam vantagens e desvantagens quanto às questões éticas.

Para Barros e Lehfeld (2000, p.89) o diário de campo corresponde ao “registro de fatos observados através de notas e/ou observações”. Este instrumento de registros terá função de guia para a tomada de decisões quanto ao direcionamento da pesquisa.

A pesquisa, também busca informações bibliográficas e documentais a respeito do tema, como teóricos da Pedagogia da Alternância, artigos produzidos por pesquisadores e defensores da idéia, de formação pela Alternância, entrevistas com autoridades e colaboradores que se empenharam na implantação do projeto de ensino Casa Familiar Rural e Pedagogia da Alternância, educadores e monitores envolvidos no processo, pais de alunos, educandos de Casa Familiar e principalmente egressos da Casa Familiar Rural de Bituruna, com visitas à propriedades rurais para verificar “in loco” a influência da formação pela Pedagogia

da Alternância. Conforme Santos (2002, p.28), a pesquisa de campo é aquela que “recolhe os dados *in natura*, como percebidos pelo pesquisador. Normalmente a pesquisa de campo se faz por observação direta, levantamento ou estudo de caso”.

Adotou-se neste contexto o termo Qualificação para referir-se aos jovens formados pela Pedagogia da Alternância, no ensino fundamental.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A necessidade de compreender a metodologia da Pedagogia da Alternância, adotada pelos Centros de Educação por Alternância, aqui denominada Casa Familiar Rural suas implicações na formação dos jovens que vivem no campo e contribuições para o desenvolvimento local sustentável buscamos evidências de desenvolvimento local no município de Bituruna, região sul do Estado Paraná, onde a Casa Familiar é uma opção de escolaridade desde 1998 e a implantação da experiência no município de São Mateus do Sul, onde os trabalhos da Casa Familiar iniciaram-se em 2006. Os municípios de São Mateus do Sul e Bituruna juntamente com os municípios de Cruz Machado, Porto Vitória, União da Vitória, Paula Freitas, Paulo Frontim e Mallet, compõem o território de União da Vitória, de acordo com a proposta do Conselho Municipal do Desenvolvimento Rural, órgão ligado à Associação dos Municípios da região sul do Paraná – Amsulpar. A formação desta região se efetivou considerando as características agrícolas em comum.

O município de Bituruna, que teve grande parte de seu desenvolvimento conduzido pela indústria madeireira exploratória, fator que gerou grande desigualdade social e, a partir de 1980 enfrentou conflitos pela posse da terra. Os trabalhadores rurais que sobreviviam da força de trabalho braçal, realizando serviços para terceiros, ou do plantio de lavoura em terreno alugado, sendo muitas vezes o aluguel pago com parte da produção obtida da terra, se organizaram para reivindicar o direito a terra para plantar. A organização teve seu início a partir da realização das Missões Evangelizadoras da Igreja Católica e culminou em sete áreas de assentamento. Local onde vive uma população que carece de assistência técnica em meios de produção para efetivamente se tornarem produtores independentes.

No município de São Mateus do Sul, embora não tenha o corrido conflitos evidentes pela posse da terra, houve a chegada de agricultores vindos de outras regiões do Brasil, com poder aquisitivo para adquirir áreas de terra independente se

de capoeira, ervais nativos ou florestas de pinheiro araucária. Dando início à produção em grandes quantidades, através da agricultura mecanizada com produção de monoculturas, como soja, milho, e batata, que dispensam a mão de obra braçal em tempo integral. Essa nova organização agrícola começa a desorganizar a vida familiar em comunidade. As comunidades rurais formadas na sua maioria por núcleos familiares com parentesco em comum, sendo muitas delas formadas exclusivamente por imigrantes poloneses e seus descendentes, que tinham como referencial a igreja e a escola local, começam a perder sua identidade com o meio e com os pontos de referência, entre estes a escola rural.

Em 1985, São Mateus do Sul possuía sessenta e duas escolas rurais multisseriadas e três urbanas. Com o avanço da lavoura sobre a área dos Faxinais e aliado a isso o discurso das administrações municipais em nome da qualidade do ensino, teve início a nuclearização das pequenas escolas rurais. O argumento utilizado era de que uma professora com quatro séries em um mesmo espaço e tempo não tinha condições de ensinar de maneira adequada a todos, pois em um período diário de quatro horas acabava dispensando uma hora de atenção a cada série. Esse discurso argumentava para a melhoria da qualidade do ensino. Desta forma as crianças começaram a ser levadas de ônibus para outras escolas, construídas em pontos estratégicos de melhor acesso e com salas de aula para cada série e uma professora por turma. Atualmente o município transporta diariamente os alunos desde o pré-escolar até o ensino médio para as seis escolas nuclearizadas e seis urbanas restando somente sete multisseriadas, com uma professora para cada duas turmas. Muitos alunos permanecem mais tempo dentro do ônibus escolar que dentro da sala de aula. Esses fatores fragilizam os vínculos com a propriedade rural e a vida no campo, além de tornar as características urbanas, mais atraentes aos olhos das crianças e dos jovens, somado a isso um currículo escolar único voltado exclusivamente para o meio urbano. A Pedagogia da Alternância, que se propõem a preparar o jovem da área rural para viver no campo gerando renda e tendo qualidade de vida é uma proposta que se apresenta como alternativa nestes locais, para a educação daqueles que vivem no campo.

4.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA: DE PESQUISADORA A OBJETO DE ESTUDO

Enquanto professora da rede pública, a pesquisadora acompanhou o movimento para a instalação da Casa Familiar como expectadora. Ouvindo as discussões e acompanhando as decisões até o início das atividades com os alunos em fevereiro de 2006. Ao iniciar o mestrado, período em que a curiosidade sobre o assunto Pedagogia da Alternância, se tornava instigante por ser algo inovador, para a educação rural, no qual amigos e companheiros de trabalho, inclusive ex-alunos da escola multisseriada estavam envolvidos, o tema tornou-se uma necessidade.

Inicialmente, em visitas a Casa Familiar de São Mateus do Sul, foi tomando contato com os termos específicos como alternância, entre tantos outros. Pelo monitor recebeu as primeiras informações sobre a Arcafar-Sul, as regras de funcionamento da Casa Familiar sua hierarquia a administração. Os vínculos de parcerias, o financiamento para a manutenção, participando de reuniões nas Câmaras Municipais de Vereadores, onde a Associação apresentava ao poder público e a comunidade a proposta que estava sendo implantada. Essas reuniões tinham o objetivo além de apresentar a proposta convencer o poder público a investir no projeto e consolidar as parcerias.

Ao fazer contato com a Arcafar-Sul, tomar conhecimento de toda a legislação existente, bem como conhecer a dimensão da proposta que acontece no Brasil desde 1984, quando da implantação das Escolas de Família Agrícola no estado do Pará. E na região sul do Brasil uma trajetória iniciada em 1987, com Antonio Poloni, e do contato com este, conhecer Cleusa Francesquet Gowacki, uma das primeiras monitoras da Casa Familiar de Barracão, e por intermédio desta conhecer os teóricos da pedagogia da Alternância, Daniel Chartier e André Duffaure, sistematizadores de uma pedagogia que nasceu da prática de agricultores franceses, Jean Claude Gimonet, e identificar teóricos e educadores brasileiros comprometidos com a proposta, com a formação dos jovens agricultores e com a formação de educadores para efetivar essa prática, entre eles Paolo Nosella, Antônio João Mânfió, Dimas de Oliveira Estevam, João Batista Begnami, João Batista Queiroz, e outros.

Antônio Poloni, pioneiro na condução da implantação da proposta Casa Familiar Rural e Pedagogia da Alternância, que foi localizado em 2007, exercendo a função de Secretário Municipal de Planejamento de Curitiba. Diz acreditar na

proposta como meio que realmente prepara os filhos de pequenos agricultores para viverem no campo gerando renda, preservando o meio ambiente e colaborando para o desenvolvimento local.

A crítica de Poloni, porém, é para a ausência de políticas públicas voltadas exclusivamente às populações do campo. Em um país com imenso território, com vocação agrícola e uma enorme população rural, vivendo em condições precárias, nas mais diferentes regiões do Brasil, sem que haja um currículo escolar próprio a esta população. Para ele é essa ausência, que estimula cada vez mais uma parte dessa população migrar para as cidades. Fator que acarreta uma infinidade de novos problemas.

Para Cleusa Francesquet Gowacki, a Pedagogia da Alternância tem uma caminhada em construção, diz ela: No início a resistência era muito grande, pois educadores e pensadores tradicionais não aceitavam uma forma diferente, inovadora de formação. É um processo moldado de acordo com as circunstâncias, dentro do contexto que os educandos estão inseridos.

Para Cleusa, no início era feito um esforço para que as autoridades entendessem o processo para investir nele, e quando essas pessoas estavam entendendo e acreditando, trocavam, iam embora e tinha que começar tudo de novo. Ela conclui, “acho que agora estamos com uma grande vantagem por que a partir de 1988 iniciou-se a discussão da Escola do Campo como uma Política Pública.”

Estudar na legislação brasileira, a trajetória da educação no campo e suas implicações no desenvolvimento rural foi outro desafio enfrentado.

Devido à necessidade, enquanto pesquisadora, de conhecer na prática a proposta de ensino aprendizagem e identificar sua influência na vida dos produtores rurais, optou-se por dois ambientes distintos. Para conhecer a proposta e sua dinâmica, o acompanhamento da Casa Familiar de São Mateus do Sul, local onde a pesquisadora tem conhecimento de todo o processo educacional na escola convencional e conhece seus resultados, pois neste município reside desde o nascimento, onde trabalha na rede pública desempenhando diversas funções. Desde a alfabetização em escolas multisseriadas, a coordenação geral e pedagógica das escolas rurais, a direção da primeira escola nuclearizada no município, conhecida inicialmente por escola consolidada passando pela coordenação pedagógica do ensino fundamental urbano, professora do ensino

médio noturno, alfabetização de adultos e a direção de escola rural e urbana de periferia.

A experiência também remete à infância e à adolescência vivida no meio rural, de onde aprendeu na convivência em comunidade a importância do trabalho coletivo realizado em mutirão, tendo respeito aos saberes dos antepassados, preservando, esses saberes culturais e religiosos. Aprendeu, também, a buscar na natureza o remédio para muitas enfermidades humanas e de animais domésticos. Conheceu de perto a força e a importância dos animais adestrados para o trabalho. Animais estes, de extrema importância para sobrevivência da família, pois todo o serviço era realizado com a força animal, desde o transporte, o preparo do solo, o plantio, a colheita dos produtos agrícolas, a colheita e preparo da erva mate.

Acompanhou o processo de derrubada das matas nativas e dos ervais para a implantação da agricultura mecanizada, e percebeu não ter subsídios para fazer parte dele como agricultora nem como enfrentá-lo. Retira-se da vida no campo, dedicando-se exclusivamente a educação, sem jamais deixar de acreditar em uma educação real e verdadeira para aqueles que no campo permanecem muitas vezes sem perspectivas.

4.3 A UNIDADE CASO DE REFERÊNCIA: A RELAÇÃO ENTRE BITURUNA E SÃO MATEUS DO SUL

O segundo público escolhido para o estudo são os egressos da Casa Familiar de Bituruna, essa escolha se deu por já haver no município um grupo de jovens formados pela Pedagogia da Alternância e a localização do município estar mais próximo a São Mateus e apresentando características agrícolas parecidas, fazendo parte da mesma região.

Para realizar a coleta de dados foi necessário estabelecer contato com monitores da Casa Familiar de Bituruna para agendar visitas de apresentação da proposta e a partir da colaboração destes, realizar visitas às propriedades rurais. Visitas que se realizaram com o acompanhamento destes monitores.

É necessário destacar que entre as duas Casas – Bituruna e São Mateus do Sul – houve diferenças metodológicas, embora a proposta seja a mesma, porém em Bituruna, bem como em todas as Casas Familiares do estado do Paraná, até 2006 se deu a Qualificação em sistema de Alternância sem os professores da

escolaridade básica. Portanto, a formação realizada pelos monitores, ou seja, formação agrícola, para a agricultura, especificamente para a agricultura familiar. Não ocorreu à educação formal, mas somente a Qualificação. A idade de ingresso na Casa, no início, era realizada entre 14 e 25 anos, sendo que a escolaridade formal era de responsabilidade de cada um.

A partir de 1988, momento em que o governo estadual implanta o Programa Escola do Campo, é que a escolaridade passa a ser responsabilidade do ensino supletivo. E a partir de 2006, com a parceria entre a Secretaria Estadual de Educação através do Governo Estadual, e a Arcafar-Sul é que os professores estaduais, das disciplinas da Base Nacional Comum, passaram atuar dentro da Casa Familiar.

Já em São Mateus do Sul, as atividades iniciam com a presença desses professores. Nesse espaço se deu a presença constante da pesquisadora, para acompanhamento das atividades realizando as observação, os registros, orais, escritos e fotográficos.

A coleta de dados em Bituruna se deu com a visita a cinco propriedades rurais e no contato com oito jovens egressos da Qualificação, sendo que dois deles retornaram a Casa Familiar onde estão cursando o Ensino Médio Técnico Agrícola.

A escolha das propriedades a serem visitadas foi feita pelos monitores que atuaram na formação dos jovens. As propriedades escolhidas pelos monitores consideraram dois critérios, sendo um de ordem pedagógica, propriedades onde de acordo com esses monitores os conhecimentos repassados na Casa Familiar foram incorporados a prática diária de produção. O outro de ordem geográfica espacial, ou seja, propriedades localizadas próximas ao perímetro urbano, distante do perímetro urbano e propriedades localizadas em área de assentamento.

Sendo visitado duas propriedades em área de assentamento do Incra, duas próximas ao perímetro urbano do município e uma propriedade distante a quarenta e cinco quilômetros da sede do município.

Em Bituruna, foram entrevistados oito formados pela alternância, dois monitores, nove familiares, entre estes, pais, mães, tios, tias, avós, irmãos e cunhada familiares que convivem na propriedade dos jovens formados.

Em São Mateus do Sul, o acompanhamento aulas dos professores das disciplinas do ensino fundamental, reunião de encerramento do ano letivo com os pais e a comunidade, palestra com colaborador externo, avaliação de visita externa

prevista na alternância. Conversas com monitores e alunos em finais de tarde, momento em que são realizadas diferentes atividades pelos alunos. Enquanto alguns cuidam da higiene pessoal, outros jogam bola, outros realizam as tarefas previstas no organograma da Casa.

4.4 SUJEITOS PESQUISADOS

Ao todo, a coleta de dados, consta de cinco famílias visitadas, envolvendo oito jovens formados na Qualificação. Envolvendo vinte e três integrantes da família, quatro monitores e três professores da Base Nacional Comum. Participação em uma reunião de pais, uma reunião na Câmara Municipal, três visitas a sala de aula, participação em duas palestras ministradas por convidados colaboradores e número não registrado de visitas informais realizadas em diferentes horários.

Tabela 1 – Famílias visitadas em Bituruna

	Egressos	Nº integrantes da família	
Família 1	2	4	Assentamento Rondon III
Família 2	1	7	Linha Palmas
Família 3	1	3	Linha Palmas
Família 4	3	5	Vista Alegre
Família 5	1	4	Assentamento Santa Bárbara

Tabela 2 – Primeiras turmas da Casa Familiar de São Mateus do Sul

6ª série	2006	25 alunos em 2006	8ª série - 22 alunos em 2008
6ª série	2007	25 alunos em 2007	7ª série - 24 alunos em 2008

Os primeiros alunos ingressaram na Casa Familiar em 2006, estando na sexta série, para concluir o Ensino Fundamental e a Qualificação, eles permanecem na Casa Familiar até 2008. Uma nova turma teve início em 2007, também na sexta série e estando na 7ª série em 2008. Concluindo a oitava série e a Qualificação em 2009.

Tabela 3 - Formação dos Monitores acompanhados na pesquisa

1	Técnico Agrícola	Qualificação em solos e Agricultura Familiar.
2	Graduado em Geografia	Especialização em Análise Ambiental.
3	Magistério Ensino Médio Engenheiro Agrônomo	Especialização em Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Sustentável.
4	Técnico Florestal	Formação inicial para monitor através da Arcafar.

Tabela 4 - Experiência Profissional dos Monitores

1	Técnico Agropecuário, Extensionista da Emater, Instrutor de Fumageira, Colaborador da APAE.
2	Agricultor Familiar, Líder de Movimentos Sociais e Pastorais, Professor rede Pública Estadual, Monitor da Educação Solidária.
3	Funcionário Público, exercendo função na Agronomia.
4	Professor em Escola Pública em disciplinas Agrícolas.

4.5 A CASA FAMILIAR: DE BITURUNA A SÃO MATEUS

Antes de iniciar o trabalho de pesquisa na Casa Familiar Rural de Bituruna se faz necessário contextualizar o espaço onde está situada e o perfil dos jovens que ali fazem sua formação e o modo como se deu a implantação da proposta em cada município

O município de Bituruna foi criado em 26 de novembro 1955, possui um território de 1.215 Km² e uma população de 16.142 habitantes,¹¹

Possui além da sede um distrito denominado Santo Antonio do Iratim e quarenta e duas localidades rurais Possui sete assentamentos da reforma agrária instalados pelo INCRA, com 513 famílias residentes. São eles: São eles: assentamento 27 de outubro com 67 famílias assentamento Criciuminha 32 famílias, assentamento Etiene 24 famílias, assentamento Rondon III 82 famílias, assentamento Santa Bárbara 65 famílias assentamento Sonho de Rose 35 famílias.

De acordo com suas características topográficas, o município de Bituruna localiza-se no sul do Estado do Paraná, a margem esquerda do Rio Iguaçu ao norte

¹¹ Números do IBGE

a ao sul com o rio Iratim, no domínio do terceiro planalto paranaense ou Planalto de Guarapuava, Seu relevo varia de plano a fortemente ondulado, com desníveis de até 100 metros. O município de Bituruna está localizado há aproximadamente 350 quilômetros da cidade de Curitiba capital do estado.

O nome Bituruna tem sua origem histórica marcada pelos primeiros habitantes. Bituruna vem do tupi "bitur" (ybytur ou ybytyra), monte ou montanha + "una":negro:monte negro.Ainda "ibi"...terra + "te"...alta + "una" ... negro: serra negra. Esse nome foi dado em virtude da tribo indígena que vivia na região, os Ibiturunas.

A população inicial era formada por imigrantes italianos e seus descendentes, que vieram em busca da promessa de riquezas naturais como a erva-mate e madeiras nativas, de grande valor econômico, trouxeram suas tradições.

Ao mesmo tempo outras famílias foram ocupando os lotes rurais, aumentando o número de moradores, que se dedicaram à agricultura, construíram alguns engenhos de cana-de-açúcar, de serra, carijos de erva mate¹², moinhos, desenvolvendo intensamente a plantação de parreirais.

Atualmente, Bituruna abriga famílias de diversas descendências, como: italianos, alemães, ucranianos, libaneses, indígenas, poloneses, com predominância para descendentes de italianos.

A religiosidade manifesta-se no culto a Padroeira Santa Bárbara, que acompanha os moradores desde a fundação A viticultura, nas décadas de 60 e 70 representava a grande promessa da economia biturunense, razão pela qual foi instituída na época a Exposição Vinícola, que representava o mais importante evento cultural festivo da cidade.

Esta exposição deu origem à outra festa tradicional no município: a Festa da Uva, realizada em plena safra, para comercializar a produção de uvas e derivados produzidos pelos agricultores locais, em parceria com o Rodeio Crioulo, atividade já costumeira na região, atraindo visitantes de diversos municípios¹³.

Atualmente Bituruna possui 1.747 estabelecimentos agropecuários que ocupam uma área de 101.238 hectares de terra. Destes 21.059 hectares destinam-se a lavouras permanentes e 7.635 hectares de lavouras temporárias. Uma área de 53.932 hectares é destinada a matas e florestas. Possui um considerável rebanho, composto por bois, ovinos, suínos e aves. Pelos dados do IBGE (2005), a população

¹² Estrutura onde se fazia o beneficiamento da erva mate

¹³ Dados obtidos na página da Prefeitura Municipal de Bituruna

está distribuída em 7.506 habitantes na área urbana e 8.227 habitantes na área rural.

As entidades organizadas são: o Sindicato Rural Patronal; Sindicato dos Trabalhadores Rurais; Associação Comercial e Industrial de Bituruna; Associação dos Pecuáristas de Bituruna, Associação dos Produtores de Uva e Vinho de Bituruna, Associação dos Produtores de Leite, Cooperativa Agrícola de Bituruna, Associação de Bairros e Comunidades do interior.

4.5.1 A Casa Familiar: Bituruna

O início das atividades se deu em 01 de junho de 1998, a Associação de Pais teve início em novembro de 1997, no pavilhão da igreja católica na comunidade, Linha Santa Catarina, localizada a 10 km da sede do município, onde funcionou por três anos, com espaço físico adaptado para alojamento e sala de aula. Em seguida foi construído um novo espaço físico, já planejado para as atividades exigidas pela Pedagogia da Alternância, este novo espaço está localizado no perímetro urbano de Bituruna. Possui dois veículos usados para realização das visitas às famílias e realização de serviços pertinentes a casa. Veículos estes adquiridos através de convênios entre a associação de Pais e os parceiros locais.

A iniciativa de instalar uma Casa Familiar se deu, inicialmente pela necessidade que preparar os jovens para a agricultura, uma vocação do município. De uma maneira muito parecida com o que ocorreu em Barracão, os agricultores queriam uma escola de técnicas agrícolas, ao que o poder público local representado na época pelo prefeito José Constantino de Lara Ribas, no intuito de atender a população, providenciou uma caravana de agricultores e professores para uma visita a Barracão. Ao retornar para Bituruna, estes iniciaram estudos e debates que culminaram com a implantação da Casa Familiar Rural, em 1998.

Atualmente a Casa Familiar Rural conta com cinco monitores, sendo três com formação técnica e dois com formação em nível superior cinco professores da Base Nacional Comum, um auxiliar em serviços gerais e um voluntário, amigo da escola. Atende a quatro turmas em alternância, sendo uma alternância com a sétima série, e a Qualificação e primeira série em nível médio técnico agrícola. A outra alternância formada pelas turmas de segunda série e terceira série em ensino médio técnico agrícola.

Para trabalhar com os alunos da Qualificação, exige-se que os monitores tenham formação em nível técnico nas áreas agrícolas e afinidades com agricultura familiar. Para trabalhar na formação dos alunos do nível técnico, a exigência de que os monitores tenham formação em nível superior.

É importante destacar que um jovem pode cursar o ensino médio técnico, sem ter feito a formação anterior em regime de alternância. E em caso de transferência, é possível deixar a Casa Familiar Rural e transferir-se para o ensino médio regular, o que não é permitido é o inverso, ou seja, o jovem estar freqüentando o ensino médio regular e transferir para a Casa Familiar Rural.

Os parceiros atuais da Casa Familiar Rural são: A Prefeitura Municipal de Bituruna, o governo do Estado do Paraná, as agroindústrias locais, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O Sindicato Patronal Rural, a Emater, Secretaria Municipal de Agricultura de Bituruna, o MDA, a Ater, e a Arcafar-Sul.

As primeiras turmas foram de Qualificação em Agricultura, onde só se realizava as atividades relativas à Qualificação para o Trabalho. Isto entendido como o trabalho do monitor juntamente com a Associação de Pais, a família e os jovens, com idade entre 14 a 25 anos, de ambos os sexos, munidos dos instrumentos da alternância, capacitaram noventa e oito jovens.

A escolaridade formal ficava a cargo do Eja - Educação de jovens e adultos, posteriormente denominados de Ceja, Centro de Estudos Supletivo. Nesse período ocorreram várias mudanças, quanto à escolaridade formal. Alguns jovens ao concluírem a quarta série do ensino fundamental ingressavam na Casa Familiar Rural e faziam a Qualificação estabelecida em três anos, sendo quatorze alternâncias em cada ano. Perceba-se que não estando vinculado a escolaridade convencional, o ano letivo podia iniciar em qualquer época. Nos períodos em que houve parcerias com o governo estadual, vinculou-se a matrícula na Casa Familiar Rural e no ensino supletivo, tendo ocorrido de diferentes maneiras.

Em um período o jovem freqüentava a Casa Familiar Rural em uma semana e na outra a escola supletiva, onde estudava as disciplinas da Base Nacional Comum, do ensino fundamental. Em outro momento, também em virtude da parceria com o governo estadual, cabia ao monitor, ao realizar as atividades da Qualificação, trabalhar os conteúdos das disciplinas escolares e aferir notas, que eram enviadas ao CES – Centro de Ensino Supletivo, que realizava os registros de regularidade escolar e emitia o certificado de escolarização.

Quanto a Qualificação em Agricultura, a certificação sempre esteve a cargo da Arcafar-Sul, que como entidade coordena os trabalhos nas Casas Familiares Rurais, realiza a capacitação dos monitores, bem como garante a remuneração destes e orienta na busca de parceiros para a Casa.

4.5.2 O Município de São Mateus do Sul e a Casa Familiar Rural

O município possui uma área é de 1.342,633 km², sua população estimada em 2005 era de 38.719 habitantes, distribuídos em 18.465 população urbana e 18.104 habitantes na área rural¹⁴.

Situado no sul do estado do Paraná, a cento e cinquenta quilômetros da capital sendo a economia local composta pela agricultura, extrativismo de erva mate, indústrias e comércio. A industrialização do xisto pela Petrobras, que mantém no município a única usina dessa natureza em operação no mundo. É o principal componente da economia industrial na atualidade, proporcionando o aporte de várias outras indústrias.

Inicialmente recebeu a denominação de Porto de Santa Maria, depois Colônia Maria Augusta, finalmente São Mateus, o município se emancipou politicamente em abril de 1908, tendo sido instalado oficialmente no dia 21 de setembro daquele mesmo ano.

A agricultura é a maior atividade realizada, sendo a produção de soja, batata inglesa e milho produzido em grandes áreas de terra por agricultura mecanizada e com uso de tecnologia moderna. Os produtores de médio porte produzem o feijão e o milho, os pequenos produtores dedicam-se ao cultivo do fumo, e do feijão.

Pelos dados do IBGE 2006, o município contém 3.150 estabelecimentos agropecuários que ocupam 70.310 hectares de terra, com 7.289 hectares de lavoura permanentes e 31.856 hectares de lavouras temporárias e uma área de matas e florestas de 21.431 hectares. Produziu 7.200 toneladas de erva mate, além de um extenso rebanho composto por bois, caprinos, ovinos, suínos e aves.

¹⁴ Dados do IBGE

4.5.2.1 A Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul

Inicia as atividades em 10 de fevereiro de 2006, com uma turma de vinte e cinco alunos de sexta série oriundos de escolas públicas de São Mateus do Sul, Antônio Olinto e São João do Triunfo. Em 2007, uma nova turma foi formada com alunos de sexta-série, ficando assim constituído duas turmas em formação para a Qualificação em Agricultura, sendo o regime de alternância de uma turma por vez, devendo ser até a conclusão da formação destes, não ser formado novas turmas, devido as limitações do espaço físico.

Para a realização das atividades foi escolhido como local uma área de terra, localizado no perímetro rural do município, pertencente a Prefeitura Municipal de São Mateus do Sul, que com recursos próprios construiu um bloco com sala de aula, banheiro e espaço para biblioteca e outro bloco para alojamentos contendo dormitórios, banheiros, cozinha, depósito de alimentos, e uma sala de secretaria que também é utilizada como dormitório do monitor.

A efetivação deste modelo de escola se deu pela influência de movimentos sociais organizados que insatisfeitos com o modelo da escola convencional, conheceram a proposta de Barracão e se organizaram para sua implantação. Os movimentos mais influentes nesta situação foram conduzidos pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, presente no município desde 20 de maio de 1985, tendo como primeiro presidente o senhor José Lemos Licheski, não por coincidência, mas sim por esforço de organização, foi o primeiro presidente da Associação da Casa Familiar; o movimento da Pastoral da Terra, Pastoral da Juventude movimentos estes ligados a igreja católica.

Os principais parceiros desta Casa Familiar Rural são as prefeituras dos três municípios atendidos, unidos pelas mesmas características rurais agrícolas, o empenho para efetivar um modelo educacional foi decisivo. No início, a Associação enfrentou diversos obstáculos em administrar os convênios devido a maior demanda por recursos, pois se fazia necessário adquirir mobiliário e materiais para o funcionamento da escola em condições satisfatórias. Os demais parceiros são, o Governo do Estado do Paraná, as empresas locais, a Emater, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Sindicato Patronal Rural, o Senar, o Iapar, Eco-Araucária, Cofaeco, o MDA e a ASPTA.

4.5.2.2 A Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul: a interdisciplinaridade, uma prática presente na pedagogia da alternância

Neste relato, a pretensão é descrever, como se realiza a interdisciplinaridade, considerada pelos teóricos, o elemento que dá sustentação a proposta humanizadora da Pedagogia da Alternância. Para tanto foi utilizado o tema gerador da sexta Alternância da Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul, desenvolvido com os alunos da sétima série, no ano letivo de 2007 sendo reformulado e desenvolvido com a sétima série do ano letivo 2008, o tema Gerador é Fumicultura (ANEXO C).

Em Gnoatto, (2006, p. 86) encontramos a importância da interdisciplinaridade na proposta da alternância. Para o autor, a interdisciplinaridade, faz com que os conteúdos das disciplinas sejam trabalhados de forma integrada, isto é, os conhecimentos específicos e gerais trabalhados de forma dialética, visando uma educação que proporcione ao jovem uma formação técnica e humana, de caráter integral.

A descrição de todo o processo visa demonstrar a complexidade de inter-relações que se estabelecem entre os educadores desde o planejamento até as avaliações, no encerramento da semana, no ambiente escolar. Perceber as diferentes situações de aprendizagem que são propiciadas aos jovens, e a importância da contribuição externa para efetivação de todo esse processo ensino-aprendizagem aqui compreendido pelos parceiros e colaboradores.

O tema gerador faz parte do Plano de Formação da Casa Familiar de São Mateus do Sul. Tema esse de real significado para a formação dos jovens desta realidade. Esses temas foram definidos pela coletividade de acordo com as necessidades locais, a decisão envolveu os monitores, os professores, os pais e a comunidade, tendo, portanto significação real para os educandos, que em grande parte praticam a produção de fumo na propriedade, ou convive com plantadores na comunidade onde moram. O que Paulo Freire (2005, p.114) enfatiza investigar o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo.

O início do planejamento se deu no momento da visita dos educadores à família de um dos alunos. As visitas à família são instrumentos da pedagogia da alternância

previstas no Plano de Formação, é através desse contato que os educadores estabelecem o conhecimento sobre a realidade dos educandos, entendem seu contexto social e cultural, conhecem as atividades realizadas na propriedade, avaliam a contribuição do processo educacional e recolhem subsídios para desenvolver atividades pedagógicas que propiciem novos conhecimentos no ambiente escolar. Freire (1996, p.46) diz que:

uma das tarefas mais importantes da prática educativa crítica é propiciar condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com os professores ensaiam a experiência de assumir-se como ser social e histórico, ser pensante, comunicador, transformador, criador de sonhos e capaz de amar e de sentir raiva. Capaz de assumir-se como sujeito e capaz de reconhecer-se como objeto.

E Freire (2005, p.114) complementa que investigar o tema gerador é investigar, respeitando, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.

Neste caso a visita se deu a uma família de fumicultores, onde os educandos recolheram dados sobre a safra de fumo 2006/2007, de posse de toda a informação, os educadores planejaram uma atividade para o caderno da alternância (Anexo C).

É importante notar que esta parte do planejamento começou a ser organizado aproximadamente vinte dias antes do início da alternância.

O Planejamento completo da alternância é discutido e pré-elaborado uma semana antes, ou seja, assim que os alunos saem da Casa Familiar Rural com destino a propriedade e para onde retornam uma semana depois, o roteiro de atividades pedagógicas já está sendo montado. Na Casa Familiar, de São Mateus do Sul, que atende a um público de três municípios e que em virtude da distância ocorre atrasos na chegada dos alunos a casa, toda segunda-feira. Portanto, o horário de oito a dez horas da segunda-feira é destinado ao planejamento da alternância da semana seguinte.

Os educadores consideram fundamental, o momento de encontro onde se discute as idéias e sugestões das aulas. Durante a semana se estabelece os contatos e organizam os materiais.

Neste caso acompanhado, por esta pesquisadora em algumas atividades, usou-se um quadro contendo todas as informações sobre a safra de fumo da família visitada. De posse das informações foi proposta aos alunos uma seqüência de exercícios matemáticos, que para serem resolvidos exigem interpretação e a

aplicação de diferentes conhecimentos e raciocínios matemáticos. Algumas informações foram fornecidas na totalidade e outras na unidade. Por exemplo, se forneceu o total de pés de fumo plantados, o total colhido em toneladas, e o valor da venda, em unidade de quilograma. Na tabela se fornece o número de pessoas que trabalham em cada etapa da produção e os dias trabalhados, sem fornecer o total. (ANEXO E)

É necessário informar que são cinco pessoas da família que trabalham na agricultura, na tabela onde esse número é superior a cinco, significa que a família contratou serviços de terceiros, para o qual o valor do serviço diário foi de vinte e cinco reais.

Ao elaborar as questões foi utilizados termos próprios do vocabulário local, como "carteira de cigarro" para referir-se ao maço de cigarros contendo vinte cigarros.

No momento do planejamento, propriamente dito, cada educador foi buscando através de dois objetivos comuns, contemplar a sua área de atuação. Decidiu-se por objetivos gerais:

- a) valorizar a diversificação de produção na propriedade de forma a garantir a disponibilidade dos recursos naturais e à independência da monocultura como única fonte de renda;
- b) analisar as condições da cultura do fumo e a sua sustentabilidade.

A partir destes definiu-se a necessidade de se discutir durante a semana na Casa Familiar a realidade dos fumicultores, para tanto adotando como atividade, analisar as notas do bloco do produtor e dos insumos agrícolas, comparando-os às do mercado local. E para o estudo da propriedade, atividade que cada aluno é incetivado a realizar pensando o seu dia a dia, pensando as possibilidades de diversificação da produção.

Como conhecimentos técnicos, portanto, se propôs analisar as vantagens e desvantagens da fumiicultura, analisando cada etapa da produção de fumo relacionando ao custo total da produção. Despertar nos jovens educandos a necessidade de diversificar a produção na propriedade e apresentar formas possíveis de realizar essa diversificação. Estes objetivos técnicos, ministrado pelos monitores, receberam o auxílio da disciplina de história, onde foi trabalhado com documentos da Emater. Os relatórios apontam os inconvenientes da monocultura, a carga abusiva de insumos e agrotóxicos, principalmente dos organofosforados. Na

mesma disciplina, baseado no relatório da Emater, aponta-se a possibilidade de transformação das áreas destinadas ao cultivo de fumo em cultivo de hortaliças.

Conjuntamente a isso, a disciplina de geografia analisou a fumicultura no Brasil, destacando a importância da região sul para o cultivo do fumo. Esses conteúdos, antes de serem desenvolvidos em sala de aula, precisam ser resgatados pelo professor, que munido de seu conhecimento e possibilidade de acesso a diferentes recursos precisa procurar materiais que possam subsidiar o seu trabalho e garantir o conhecimento dos alunos. Tais recursos não são encontrados nos livros didáticos convencionais, exceto em pequenos recortes informativos. Portanto, cabe ao professor da disciplina, juntamente com seus colegas de trabalho na Casa Familiar, formar um acervo bibliográfico sobre o tema. Para Freire(1996,p.32), pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

A disciplina de matemática, neste tema tornou-se essencial, para dar início a todo o debate da semana, pois para analisar lucros e despesas utilizou-se do quadro sobre a safra de fumo (ANEXO E). A disciplina de ciências privilegiou as questões de saúde quanto ao efeito do tabaco no organismo humano. Até aqui, seguiu-se uma dinâmica parecida à utilizada na escola convencional, porém, a professora avançou para o debate e estudou com os alunos sobre a saúde daqueles que trabalham no cultivo do fumo. Nota-se que aqui, é novamente a realidade dos jovens sendo colocada como objeto principal de estudo, ao que Paulo Freire(1996,p.32), chamaria de “o saber de pura experiência feito.” Novamente cabe ao professor, buscar informações em diferentes fontes para conduzir suas aulas de maneira a produzir conhecimentos junto com os jovens. Aqui são buscados relatórios nas secretárias municipal e estadual de saúde, estudos científicos publicados a respeito dos danos causados pelos inseticidas e fungicidas à saúde humana, ao meio ambiente como um todo, notícias de revistas e jornais e mais uma vez nos deparamos com ensinamentos de Freire(1996, p.32) quando diz não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, estes que-fazerem se encontram um no outro, e que Morin (2006,p.32) chamaria de “a realização de ligação do conhecimento”, o que para o autor é nessa mentalidade que devemos investir, favorecendo a inteligência geral, e a aptidão para problematizar. Acrescentando a isso a renovação do espírito da cultura das humanidades, meditar sobre o saber, integrá-lo à própria vida, de modo a melhor explicar a própria conduta e o

conhecimento de si.

Ao professor de português, arte e língua estrangeira moderna (inglês) a proposta foi trabalhar com os diferentes textos utilizados pelos demais professores, interpretando-os e diferenciando-os quanto à fonte e a finalidade de cada um. Em arte, optou-se por construir um cartaz cujo tema é: “A fumicultura e a saúde”, utilizando como principal recurso às imagens publicadas nas embalagens dos maços de cigarro. Imagens de alerta que são publicadas por determinação do ministério da saúde.

Na atividade diferenciada, realizou-se visita a uma empresa fumageira instalada no município. Local onde os alunos e professores puderam constatar todos os procedimentos adotados pela empresa no armazenamento dos insumos agrícolas, a adoção de normas de segurança exigidas por lei, quanto à estocagem dos produtos químicos. O procedimento de recebimento do produto, as normas para a pesagem e classificação do fumo, quando este chega até o depósito da empresa. Puderam ouvir explicações quanto à necessidade dos cuidados de higiene quando fazem a manipulação do produto na propriedade, desde a lavoura até a estufa, fator esse que vai influenciar na qualidade final do produto. As observações realizadas nesse momento serão retomadas no retorno a Casa Familiar, seja no momento da avaliação, seja, nas conversas com monitor no período da noite, nos serões ou pelos professores, como subsídio de suas aulas.

Nos serões, realizados à noite sobre a responsabilidade do monitor, todos esses assuntos foram reforçados, através da troca de informações entre os educandos, questionamentos levantados pelo monitor, ou pelos educandos ao monitor. Nestes momentos os monitores priorizaram a discussão sobre o modelo de contrato firmado entre os fumicultores e as empresas fumageiras. Quando no financiamento da safra, pois, embora o cultivo do fumo utilize pequenas áreas de terra, seu custo é bastante elevado, as empresas fumageiras fornecem todos os produtos para o cultivo da safra, disponibilizam o serviço de orientação técnica e estabelecem que toda a produção colhida seja entregue pelo produtor à mesma empresa, gerando o aprisionamento do produtor com a empresa, impedindo-o de negociar sua produção por um melhor valor.

Outro fato destacado por um aluno foi o fato da pesagem dos fardos de fumo ser realizada somente dentro da empresa. Fato esse que não permite ao produtor questionar a classificação por qualidade de cada fardo. A tabela de classificação

(ANEXO F) apresenta mais de quarenta categorias, por qualidade e preço. Assim concluiu um estudante que é fundamental acompanhar o caminhão que apanha o fumo na propriedade até a fumageira, e conferir no local a pesagem e a categoria de classificação¹⁵.

Para cada atividade realizada há uma avaliação pontual, e ao final da semana, ou seja, sexta-feira ao término da semana de estudos na Casa Familiar, que se dá ao meio dia, para o retorno de todos eles à família até o final do dia, cada jovem elabora a sua avaliação geral da semana. Esta avaliação além, dos conhecimentos adquiridos durante a semana na Casa Familiar, tem o objetivo de possibilitar aos educadores possíveis falhas que tenham ocorrido durante a alternância, portanto, permite-se que seja entregue sem identificação, fato que raramente ocorre, a maioria dos jovens opta por assinar a avaliação. Na opinião deles é bobagem não assinar, pois, os educadores já os conhecem bem e facilmente identificam os autores.

Os instrumentos avaliativos utilizados no processo de ensino aprendizagem permitem a ajuda, mútua, o estreitamento das relações interpessoais, sendo adotados para cada momento um instrumento diferente, não menosprezando o uso de avaliações individuais, quando há necessidade. Principalmente as avaliações que se refere às disciplinas da Base Nacional Comum, necessárias para a aprovação dos alunos no ensino fundamental.

No caso da avaliação da visita a Empresa Fumageira, adotou-se uma prática divertida de avaliação. A professora dividiu a turma em dois grupos de alunos incluindo nestes os educadores, e para ficar grupos iguais, ele fez parte de um desses grupos. Cada um devia elaborar uma pergunta a respeito da visita e respondê-la. Neste momento, o professor de português interveio, explicando a necessidade de clareza na pergunta, pois se ao fazê-la a um colega do outro grupo, a pergunta dificultasse a interpretação, o aluno que a elaborou é que pagaria “o mico”.

O “mico” foi estabelecido como uma tarefa extra para aqueles que não soubessem a resposta, ou cuja pergunta não fosse clara e precisa.

Cada um escolhia o colega a quem perguntar e em caso de acerto, o elogio e complementação do assunto pelos educadores. Em caso de erro, o professor

¹⁵ A indústria fumageira estabeleceu uma categorização, atualmente organizada em quarenta e duas classes de fumo, definida em ordem decrescente de melhor qualidade e valor.

anotava o nome no quadro. Se a resposta dada por quem perguntou apresentasse dúvidas, rapidamente, se estabelecia o debate a fim de esclarecer.

Ao término da avaliação, havia sete nomes no quadro, inclusive de dois educadores que não souberam a resposta com precisão. Note-se que os alunos têm liberdade de questionar os educadores, e estes, disponibilidade em ouvi-los e acatar suas limitações sendo apontadas. Aqui, entendido limitações de atenção a fatos, mostrados durante a visita. Encontramos nessa atitude, a ética e o respeito à autonomia do aluno, enfatizado por Freire(1996,p.66) o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros

Aos educadores que não tinham seu nome no quadro coube a tarefa de estabelecer “o mico” a ser pago pelo grupo que cometeu deslizes nas respostas. Aqui, chamou atenção, a atitude de um dos educandos que se dispôs a ajudar a grupo a pagar o “mico”, atitude seguida por outro colega.

A tarefa a ser realizada pelo grupo foi estabelecida uma atividade pedagógica para apresentar aos demais, no intervalo, após o almoço.

4.5.2.3 Análise da interdisciplinaridade ocorrida no processo da Pedagogia da Alternância

A efetivação da interdisciplinaridade requer um constante exercício de disponibilidade. Seja de tempo para elaborar coletivamente o planejamento, seja de exercício mental individual, para encontrar pontos onde estabelecer as inter-relações, entre os conteúdos, neste caso específico entre os diferentes saberes técnicos disciplinares e os saberes e a prática dos educandos. Requer que o educador tenha o conhecimento do todo, enxergue os fatos de maneira global e ampla, e desenvolva habilidades de reconhecer as partes neste todo e nestas partes o educando como agente capaz de modificar essa parte, a partir do conhecimento adquirido e, por conseguinte modificar o todo. Nesta prática de ensino-aprendizagem contempla-se os ensinamentos de Paulo Freire(2006,p.110) o educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende na sua totalidade. E conclui: Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no

educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas.

Para os educadores envolvidos neste estudo, a interdisciplinaridade exige aprender constante e planejar coletivamente, para estes, só um planejamento bem construído dará condições de se realizar uma alternância com possibilidade de melhor êxito, em Freire (2006, p.112) encontramos, “uns ensinam e, ao fazê-lo, aprendem, outros aprendem e, ao fazê-lo ensinam”.

Entre os questionamentos dos educadores, aparece a dúvida se estão conduzindo o processo de maneira acertada, o que devem fazer para o melhor desempenho próprio e da formação dos alunos, cada um questiona as suas limitações. Os monitores embora sejam familiarizados com os temas, tem de se adaptar as circunstâncias de interagir permanentemente com os professores unido os saberes e o espaço-tempo de ensino. Os professores, por sua vez, questionam as limitações de aplicabilidade da interdisciplinaridade no ambiente escolar convencional, onde os conteúdos estão estabelecidos de maneira cristalizada para atender a todos indistintamente, não importando o contexto onde os educandos estão inseridos, onde tempo é dividido por disciplina e planejamento em conteúdos isolados.

E os educadores apontam o tempo como limitador para um tema gerador como este que propicia muitos questionamentos e possibilita a integração com vários conteúdos, o que demandaria de um tempo maior para sua realização. Uma semana de trabalho iniciada na segunda-feira às dez horas e encerrada na sexta-feira às doze horas é no entendimento desses, insuficiente para contemplar todas as atividades e necessidades que o assunto suscita.

Os educandos por sua vez, neste processo de ensino aprendizagem puderam no decorrer da semana perceber que o cultivo do fumo, embora utilizando pequenas áreas de terra, necessita de um tempo muito grande de dedicação para sua produção. Requer o emprego de muitos inseticidas e fungicidas, além da necessidade de adubos químicos. Conforme, se pode concluir ao analisar os dados das atividades, referentes à safra realizada pela família, tomada como exemplo, que apontam para um prejuízo financeiro à família se considerado o cultivo do fumo como única fonte de renda.

Todas as atividades realizadas possibilitaram aos jovens perceberem a

dependência gerada pela empresa fumageira, as atividades realizadas, mostraram também algumas alternativas para o uso da terra, de maneira mais saudável.

5 ENTENDENDO A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA REALIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

A sociedade moderna não encontrará solução para o problema ecológico a menos que observe com seriedade os seus estilos de vida.

João Paulo II

5.1 A REALIDADE VIVIDA

Analisar os dados recolhidos através das visitas aos agricultores egressos da Qualificação na Casa Familiar Rural Bituruna tornou-se uma tarefa que exige diversos olhares e ponderações. Coletar e registrar esses dados, só foi possível com o auxílio dos monitores da Casa Familiar responsáveis pela formação dos jovens residentes do município, portanto, conhecedores de todo o contexto histórico, social e econômico. Informações que serão transcritas para melhor entendimento. .

Primeiro, nem todos os jovens formados na Casa Familiar Rural, permanecem no campo. A este fato explica-se que, se a família não é proprietária da terra onde residem, as mudanças de residência são constantes, fator que os leva em dado momento, a optar pela cidade. Dos formandos em Bituruna há jovens trabalhando até fora do Estado do Paraná, porém, destaca-se, pela informação dos monitores que estes já saíram com a certeza do emprego. Pois, empresas locais ao abrir filial em outro lugar contratam o funcionário na região de origem.

Segundo, pela mesma razão anterior, ou seja, da posse da terra as famílias se deslocam em busca de oportunidade para outros municípios da região. E outra razão consistente se dá em virtude do casamento. Neste caso, mais especificamente referindo-se a jovens, do sexo feminino, que ao se casar, passam a residir em outro município, onde o marido possui sua propriedade.

Das cinco famílias visitadas, onde oito jovens receberam a formação pela alternância encontraram-se duas situações onde o jovem formado pela Casa Familiar Rural não trabalha na propriedade. Em uma delas, o jovem está trabalhando em uma empresa localizada a dois quilômetros da propriedade. As explicações da família são as seguintes. A propriedade pertence à família há

noventa anos, trata-se de uma área considerável de terra, compreende oitenta e quatro hectares¹⁶ possui dez morros com vinte e quatro nascentes de água, sendo, portanto, cultiváveis somente seis hectares. A família dedica-se a produção de erva mate tanto nativa, quanto cultivada, sendo as mudas produzidas na própria propriedade. Possuem gado de corte e leiteiro, uma horta onde se produz alimentos para vender na “Feira da Lua”¹⁷, um parreiral onde se cultiva uvas para a produção de vinho e ainda as mulheres da família dedicam-se a produção de pães, bolos e cuques de diversos sabores que também comercializam na feira. Então, pelas características da propriedade não há serviço para todos em tempo integral, razão pela qual o jovem sai para trabalhar fora aumentando a renda da família. Porém, a influência da formação na Casa Familiar está presente nas práticas da família.

A diversidade de produção: pomar, área de floresta nativa, criação de pequenos animais, tanque de peixes e a horta.



Figura 1 - Parreiral

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

¹⁶ Um hectare corresponde a 10.000 metros quadrados

¹⁷ Feira de produtos agroecológicos, realizada toda quarta-feira a partir das dezessete horas ao lado do terminal rodoviário de Bituruna.

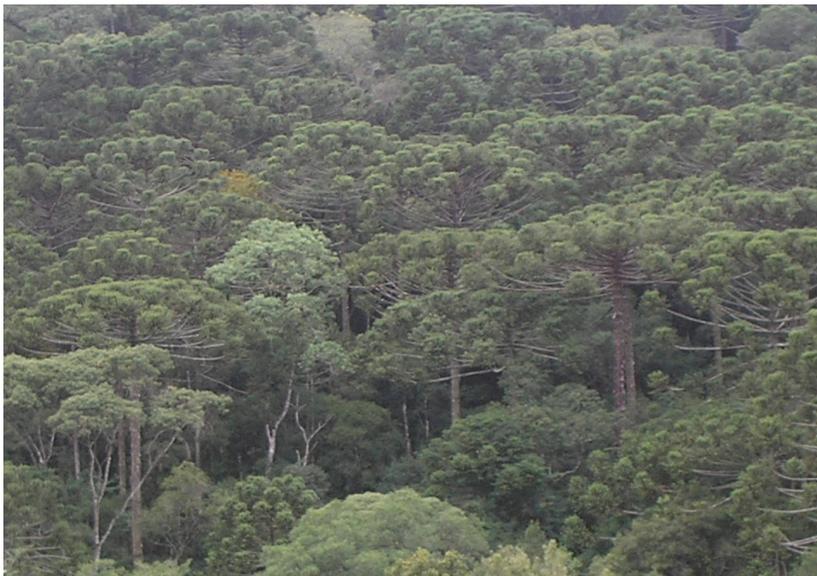


Figura 2 - Reserva de mata nativa.
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.



Figura 3 - Criação de suínos
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.



Figura 4 – Bovinos de Leite
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.



Figura 5 – Tanques de piscicultura.
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.



Figura 6 – Horta.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

Conforme pode ser conferido nos depoimentos do proprietário, em diversos momentos. A narrativa é

- “A gente ta colhendo semente de erva-mate aqui mesmo... pois comprar sementes a gente corre o risco de trazer uma espécie que não se adapte ao local”. E prossegue,

- “Fazemos as mudas aqui mesmo, com recursos próprios a um custo de quatro centavos a muda, enquanto que se for comprar custa um real” e conclui:

- “A gente aprendeu a preparar tudo”.

Falando sobre a produção de uvas e planejando a colheita dos produtos para a produção de vinhos o proprietário demonstra preocupação com as abelhas que começam a perfurar os frutos, mas ele próprio acrescenta:

- “É fácil resolver isso, é só pulverizar com água de leite azedo”.

Fato que ao ser questionado como seria isso explicou se tratar de uma receita caseira que não apresenta nenhum prejuízo à saúde humana, nem às abelhas nem aos frutos. Para afugentar os insetos que furam as frutas e verduras para se alimentar, danificam e deixam-nas com aparência pouco agradável, não há necessidade de uso de agrotóxicos, nem é preciso eliminar os insetos. Explicou que a receita é simples, basta deixar um litro de leite fora da geladeira para que azede, em seguida é só dissolver este um litro em cem litros de água e pulverizar a plantação a ser protegida, caso ocorra chuva é necessário repetir a aplicação.

Prosseguindo a visita a propriedade, a seguinte explicação é fornecida pelo

proprietário:

- “A gente usava herbicida prá limpa a terra agora paramos, pois temos a horta aqui perto e se dizemos que é produto orgânico, como de fato é, aqui não pode ter herbicida, nem adubo químico porque contamina”.

Em outra família visitada, encontramos a seguinte situação: são três filhos que receberam a formação na Casa Familiar Rural sendo que um deles não vive na propriedade. A propriedade está situada em um assentamento do Incra ao que o proprietário tira o chapéu e diz:

- “Terra conquistada graças a Deus”.

O jovem que vive fora da propriedade é líder, responsável por organizar uma cooperativa de produção de verduras em assentamento no Estado de São Paulo, motivo de orgulho para a família.

Aqui encontramos um dos jovens formados na Qualificação e que retornou a Casa Familiar Rural para realizar o curso técnico. Dos relatos, colhidos aqui, inúmeras reflexões surgiram.

Ao perguntar à mãe do jovem no que a escola ajudou-a na melhoria com a propriedade, a resposta é “tudo”, e continua:

- Eu não sabia planejar nada e aponta. Veja aqui to preparando mudas, agora tudo é planejado, em cada bandeja, sei quantas mudas tem, sei quanto de terra vou precisar preparar para plantar, antes eu pegava na mão e jogava, semeando, se germinava tudo, eu perderia uma quantidade, pois, umas sufocavam as outras e depois quando mudava, demorava pra vinga, se tivesse sol secava bastante. Agora, quando transplanto a mudinha nem sente a diferença, continua crescendo.



Figura 7 – Produção de mudas de hortaliças.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.



Figura 8 – Produção de mudas de hortaliças.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

Um dos jovens interrompe mostrando como construiu o local para manter a umidade constante das mudas. Mostrou o sistema de irrigação que construiu para os canteiros, apresentou as ferramentas que fez para padronizar o espaçamento entre as plantas. Explicou a razão do local, da horta em virtude da incidência de sol. Passou em seguida a mostrar o tanque de peixes e o parreiral.



Figura 9 – Instrumento para medir distância entre plantas.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.



Figura 10 – Instrumento de abrir valas para sementeira.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

Nesse momento o pai interferiu explicando sobre os custos de produção daquele parreiral e contou como estão adquirindo os equipamentos para uma cozinha semi-industrial através de uma associação com outros produtores vizinhos, para transformar a uva em suco, pois, o financiamento obtido para compra dos

equipamentos da cozinha e dos materiais para construção do espaço dentro das normas da vigilância sanitária, será pago em litros de suco fornecidos ao Programa da Merenda Escolar do município, onde cada produtor da associação beneficiada com o crédito, que entregará por três anos, o valor a ser pago, em produto, ou seja, em litros de suco.

Em seguida o jovem mostrou a produção de húmus de minhoca, e detalhou todo o processo de produção e a qualidade do húmus. Chamou muito a atenção o vocabulário técnico usado pelo jovem e a habilidade com que ele relaciona um assunto ao outro, perpassando os conteúdos disciplinares de maneira natural e com convicção naquilo que fala. À medida que explica o modo de produção de húmus de minhoca, vai mostrando como construiu pequenas estruturas com galhos e troncos de árvore para facilitar a composição das camadas de matéria-prima, que será, primeiro preparada para compostagem e posteriormente, distribuída em locais onde será digerida pelas minhocas, transformando-se em húmus,¹⁸ para uso na propriedade e se houver produção excedente, será comercializado.

A matéria-prima para a produção do húmus é o esterco dos animais domésticos, que nesta propriedade, são as galinhas, os porcos, carneiros e as vacas. O esterco que precisa ser recolhido constantemente do local onde estes animais são alojados durante a noite, as folhas secas que caem das árvores, sobras de alimentos, vegetais e legumes excedentes na horta ou com baixa qualidade para o consumo humano, palhada de feijão, arroz e trigo.

Porém, ele acredita que é preciso aperfeiçoar mais a técnica de produção e que o consumo na propriedade é alto, eles precisam fazer adubação anual do pomar formado por árvores frutíferas de ameixas, pêsegos, marmelos, pêra e o parreiral com um mil e quinhentos pés de uva e a horta.

São vários espaços onde está sendo produzido o húmus e cada espaço está em um nível diferente de maturação. Então, o jovem levanta uma ponta da lona que cobre os dois últimos espaços, apanha com as mãos um punhado de cada um deles, faz um movimento de abrir e fechar as mãos e diz: “este tem melhor qualidade”, então, foi questionado como sabia disso, se não realizou um teste em laboratório, uma análise de qualidade, na linguagem técnica, e ele respondeu: “isto”

¹⁸ Terra que foi digerida por minhocas, e que contém os nutrientes naturais para o desenvolvimento da plantas.

Pode ser definido por adubo produzido por minhocas.

e repetiu o movimento de abrir e fechar as mãos, em seguida explicou que um deles ao apertar entre os dedos, ficou agregado, formando uma pequena bola, enquanto que o outro, ao abrir e fechar as mãos não se agregou, ao contrário espalhou-se sobre a palma da mão, isto, significa maior quantidade de nutrientes, disse o jovem.



Figura 11 – Produção de húmus.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

O húmus de minhoca apresenta na sua composição, nitrogênio, cálcio, magnésio, fósforo e potássio, um verdadeiro fermento para a vida do solo.

Ao ser indagado quanto ao futuro, esse jovem apontou para o chão e disse “meu futuro é aqui” e prosseguiu “não vejo nada de significativo para mim na cidade, lá eu vou para resolver coisas da propriedade”.

Chamou atenção diversos pedaços de lona preta espalhados sobre o capim alto, esses pedaços de lona estavam presos com pedaços de madeira e galhos de árvore, ao perguntar, o jovem sorriu e respondeu:

- É preciso usar o conhecimento a nosso favor, nós entendemos que as plantas morrem na ausência de luz e oxigênio, então, como precisamos limpar esse terreno e nos falta tempo para capinar, a lona vai fazendo o serviço devagar. Então, mostrou outros trechos de chão com a vegetação morta e explicou: Assim sem mexer com a terra, deixamos o terreno limpo e sem erosão, pois a palhada,

produzida pela vegetação morta protege o solo.

Caminhando pelo pomar, onde o jovem mostrava os cuidados com as plantas, para estas não adoecer e apresentar uma produção de qualidade, além da adubação anual, realizada no inverno, eles mantêm sempre o solo com vegetação verde, para manter a umidade do solo e quando essa vegetação seca, sua decomposição gera microorganismos que produzem nutrientes para o solo. Durante o inverno eles semeiam forrageiras¹⁹ que também servem de alimento para os animais. Quanto às doenças, eles fazem uso das Caldas preparadas por eles próprios dentro da propriedade. Ao aprender na Casa Familiar Rural sobre a composição das plantas, seus benefícios ao solo e o consumo de nutrientes que cada planta retira do solo para produzir, ele passou a observar o comportamento das plantas e a fazer experiências a partir do conhecimento adquirido. As Caldas mais usadas são chamadas de Calda Sulfocálcica e Calda Bordalesa* (ANEXO G).

No pomar há frutíferas um tanto exóticas, algumas árvores apresentam duas espécies em um mesmo tronco, e o jovem diz que todas as árvores foram preparadas na propriedade por ele e seu irmão. E explicou a maneira como se prepara um enxerto, o tempo que demora desde o plantio da semente, acompanhar a germinação, escolher as matrizes mais saudáveis e viçosas, realizar o enxerto, aguardar até vingar e em seguida transplantar para o local definitivo, e os cuidados a serem tomados para se ter um bom resultado. Mostrou como obteve em um mesmo pé um lado dos galhos de pessegueiro e de outro uma ameixeira. Escolheu um bom tronco para matriz, serrou todo o tronco, realizou um corte em forma de fenda e acrescentou sobre a fenda dois galhos, sendo um galho de ameixa e outro galho de pêsego, amarrou bem firme os galhos ao tronco, para e com um pouco de cera de abelha impermeabilizou ao redor das amarras. Ele afirma ser uma ótima alternativa, em um mesmo espaço, com uma única árvore ele obtém duas colheitas ao ano.

¹⁹ Espécies de capins, usados para cobertura do solo e na alimentação de animais.



Figura 12 – Enxerto misto, amexeira/pessegueiro.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

Alguns meses depois a pesquisadora reencontrou, esse jovem no espaço da Casa Familiar de Bituruna, onde ele realiza o ensino médio, técnico agrícola. Este rapidamente se aproxima para contar o resultado da colheita da uva, safra 2007, colheita realizada em mutirão. Os equipamentos da cozinha semi-industrial usada para transformar as frutas em sucos e geléias, foram adquiridos através da associação. Então, os integrantes dessa associação, residentes na mesma comunidade, realizaram a colheita e a transformação, serviço que foi realizado em dois dias. Em seguida o grupo partiu para a colheita nas demais propriedades. Ele se mostrou satisfeito com o resultado, pois segundo ele o parreiral possui um mil e quinhentos pés de uva, tem apenas três anos é um parreiral jovem, portanto, em início de produção. Tendo produzido duzentos e cinquenta litros de suco, comercializados a quatro reais a garrafa de quinhentos mililitros. Uma outra parte foi transformada em geléias e houve também a venda *in natura*, que foi toda contabilizada, porém nesse momento ele não conseguiria quantificar, até porque estava fora da propriedade, não podendo recorrer aos seus registros. Sendo parte dessa produção usada para pagamento do financiamento dos equipamentos da cozinha.

Ele retoma o assunto da produção de húmus, nesse instante seus olhos brilham e a empolgação toma conta da sua fala, diz que já pesquisou mais e fez

ampliações nas técnicas para a produção, e conclui dizendo que esse assunto lhe interessa muito.

Em outra propriedade, encontramos uma situação diferente das visitadas antes. São três irmãos formados pela Casa Familiar Rural, a irmã já casada vive em outra localidade no mesmo município e vive com sua família da agricultura. Os dois rapazes contam sobre a formação recebida e mostram detalhadamente a propriedade. O irmão mais velho, o único que não frequentou a Casa Familiar Rural explica as mudanças que ocorreram na produção, diz ele:

- Nós aprendemos tudo, desde planejar a produção até como fazer as coisas.

Como exemplo ele diz:

- Na enxertia, nós plantava fruta comum, demorava muito tempo pra produzir e quando produzia era de qualidade ruim, não vendia, só servia pra trata dos animais. Sugeri então que me explicasse o processo de preparar enxertos, ele disse que existem muitos métodos que ele ia explicar o mais simples, e garantiu se for bem feito, “vinga 80%”. Perguntei, então onde mais houve mudança e ele acrescentou “na diversificação da produção”. Então, foi mostrando cada parte da propriedade e explicando que eles têm diferentes ocupações durante o ano e isso garante renda permanente.

Essa propriedade também está localizada em uma encosta, a pouca distância de uma represa da hidrelétrica e a 45 km da rede do município. A opção, por reflorestamento com eucaliptos tornou-se a atividade que ocupa maior área da propriedade, em virtude do relevo e para aproveitar a floração do eucalipto foi inserido na área reflorestada, a criação de abelhas, sendo a produção do mel mais uma atividade que possibilita o aumento da renda familiar. A criação de ovelhas para produção de carne ocupa espaços planejados no terreno excessivamente inclinado e pedregoso, há espaços de vegetação natural e outros com pastagens plantadas para a alimentação dos animais. Eles têm ainda a horta e o pomar, cuja produção é comercializada na Feira da Lua.

A Feira da Lua é um evento que ocorre há sete anos toda quarta-feira, na cidade de Bituruna, onde os agricultores da agricultura familiar comercializam seus produtos diretamente ao consumidor. O nome Feira da Lua se dá em virtude de ocorrer no período noturno. Os monitores da Casa Familiar têm influência sobre esse evento, eles incentivam a participação dos jovens em grupo, onde se exercita o associativismo, o planejamento, a organização, a divisão do lucro, enfim põe em

prática todo o conhecimento adquirido na Casa Familiar.

Os egressos têm um vínculo de responsabilidade para com a Casa Familiar e o seu funcionamento, toda semana eles levam o excedente dos produtos da feira para ser consumido pelos alunos que estão freqüentando a Casa.

Continuando a conversa com os dois egressos sobre a propriedade, questionou-se sobre a atividade que está sendo realizada, a derrubada das árvores de eucaliptos de uma área que foi plantada há oito anos.



Figura 13 – Corte de eucaliptos.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

Eles explicam que os troncos são vendidos para uma madeireira local e os galhos são preparados para lenha, que será comercializada também dentro do município, com venda para indústrias ervateiras e fornos de carvão. Sobre o terreno fica uma quantidade enorme de folhas e pequenos galhos. Eles explicam que no prazo de um mês estarão plantando novas mudas de eucaliptos e aproveitando para consorciar o plantio de eucaliptos com o plantio de milho, pois no espaço entre duas linhas de eucaliptos é possível inserir três linhas de milho. Isso no primeiro ano, quando as mudas de eucaliptos estão pequenas. Eles destacam que não haverá muito serviço na limpeza dos inços, pois no primeiro ano há as folhas dos eucaliptos e no próximo ano haverá a palhada do milho para cobrir o solo, retendo a erosão do solo e mantendo a umidade. Neste tempo o eucalipto já terá alcançado um bom

crescimento e a vegetação que vier a crescer no local não impedirá o desenvolvimento das plantas. Explicam o cuidado que é preciso ter com as mudas de eucalipto, durante o transporte o plantio e os primeiros dias segundo eles nada pode bater ou tocar na copa da muda, pois, até mesmo o vento pode empurrar as folhas sobre as plantinhas e danificá-la, quebrando a ponta da copa fato que prejudica na formação da árvore. Cuidado esse considerando de extrema importância diz um deles. Perguntado o porquê, responde:

- Se eu perder uma muda, em cada cem, já terei perdido um por cento, portanto prejuízo.

São vários lotes de plantação de eucaliptos, plantados em tempos diferentes, o que lhes permite em cada ano ter uma área para colher, ou seja, fazer a derrubada, separar a madeira e a lenha, comercializar, fazer novo plantio de mudas e consorciar com o plantio de milho. Com esse planejamento a propriedade é produtiva o ano todo. E requer a rotatividade de atividades a serem realizadas pelos proprietários. Um dos jovens diz:

- Quando não tem eucalipto pra derrubar, tem o cuidado com o pasto das ovelhas, a colheita do mel, a horta. E a cada quinze dias, nas quartas-feiras, tem de colher e preparar os produtos pra vender na feira, e assim vai. Sempre tem o que fazer. E cada atividade é uma fonte de renda, cada uma em um tempo diferente.

Eles explicam que a terra e os animais têm seus ciclos, eles se adaptam a esses ciclos tirando proveito e produzindo cada coisa no seu tempo certo. Assim, quando não estão trabalhando na derrubada de eucaliptos, ou plantando novas mudas, preparam o solo para semear o pasto para as ovelhas, animais estes criados na propriedade com todos os cuidados de vacinação e controle de doenças, para serem comercializados no comércio local. Eles afirmam que algumas vezes a produção não é suficiente para atender a procura. Normalmente, eles recebem a encomenda, realizam o abate, embalam de maneira adequada e entregam o produto *in natura* ao comprador.

Na caminhada pelo pomar e a horta, chamou-nos a atenção uma quantidade de restos de uvas nos pés, que não foram colhidas. Ao perguntar o motivo, a resposta foi surpreendente, diz ele:

- Deixamos para as abelhas, elas começaram a furar as frutas, então, deixamos tudo, e concluiu, um quilo de uva vendemos por dois reais, um quilo de mel, por cinco reais.

Nessa relação de parceria, colaboração, cumplicidade com as coisas que integram o espaço, são respeitadas e reforçadas nas atitudes e nas ações. Neste modo de produção que não se têm a necessidade do resultado imediato. A convivência entre plantas, homens e animais se tornam algo que ocorre naturalmente, sem regras pré-estabelecidas, o tempo e a natureza se encarregam de colocar o ritmo, e estes agricultores usam esse ritmo para obter seu sustento e usufruir da parte que lhes cabe.

Questionados sobre uma quantidade de plantas crescendo fora dos canteiros, canteiros esses que são preparados usando alguns troncos de árvore para divisão e retenção do solo, em virtude da inclinação do terreno, embora a horta esteja localizada em um local com menor inclinação. Um dos rapazes explicou;

_ Germinou sozinha, das sementes de outra planta que amadureceu no local. Fica ai para proteger o solo, e será usada para alimentação dos animais, ou como cobertura do solo. Não serve para o consumo, apresenta baixa qualidade na aparência.



Figura 14 – Horta planejada em terreno inclinado.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

E continuou:

- Nossa produção é toda orgânica, e as pessoas procuram por que sabem dos perigos de consumir um produto cultivado com o uso de agrotóxicos e adubos

químicos, mas têm de ser um produto bonito, senão não vende.

Se não usam agrotóxicos, como garantem frutas e verduras saudáveis e sem ataques de doenças, foi perguntado. Eles sorriem e respondem:

- Não há necessidade de agrotóxicos fazemos o controle de maneira natural. E quando necessário fazemos armadilhas.

Então a curiosidade aumentou, eles explicam o procedimento que é logo em seguida demonstrado por um deles que apanha uma garrafa vazia de plástico e cortando a parte superior, próximo ao gargalo, inverte para dentro. Ele diz que é só colocar água com sabão no fundo, um pouco de mel na borda e providenciar uma maneira de pendurar a armadilha nos galhos das árvores. Ele garante que as moscas que depositam ovos sobre as flores e frutas, de onde nascem as larvas que as danificam. Essas moscas são atraídas pelo mel e acabam caindo na água onde morrem. Não havendo a mosca, não haverá ovos e, portanto, não haverá larvas nos frutos.

O rapaz calmamente conclui:

- Se fazemos isso a cada ano vamos eliminando às moscas daninhas. Um dia elas acabam. E a produção vai melhorando.

Perguntados sobre outras doenças eles explicam que aprenderam a preparar diferentes remédios naturais, usando ingredientes naturais como as próprias plantas da propriedade, que eles aprenderam a observar o comportamento delas durante o seu desenvolvimento. Assim, identificam aquelas que se desenvolvem bem juntamente com outras, as que resistem mais as mudanças do clima e as doenças e as que prejudicam umas as outras.

Ao serem indagados quanto ao lazer, são unânimes em dizer:

- Aqui a gente tem de tudo, festas, bailes e jogo de futebol...

Enquanto mostram a propriedade os jovens vão relatando o dia a dia na “lida” com a terra, expressão usada para designar o trabalho constante deles para obter a produção e realizar melhorias na propriedade. Um deles aponta para a direção dos animais e fala:

- Agora mesmo, acabou de nascer uma ovelha é preciso cuidar dela.



Figura 15 – Criação de ovelhas.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

Eles estão se preparando para a construção de uma nova casa para morar, pois o local onde estão vivendo está bastante precário dizem eles, enquanto mostram a casa onde vivem.

Ao serem questionados sobre a florada de árvores frutíferas em um período ainda de inverno, eles explicam que dentro do espaço da propriedade ocorre vários microclimas, que se dá em virtude da proximidade com a represa e as encostas dos morros. Então, segundo eles, se as árvores de pessegueiro tivessem em um local uns cem metros mais abaixo, seriam atingidos pelas geadas. Sabendo disso, eles escolhem os locais mais adequados a cada planta. E assim, eles terão uma colheita de frutas em um período antes dos demais produtores, que lhes garantirá boas vendas e lucro garantido sem concorrência.

É notória a satisfação que sentem ao mostrar a propriedade e a necessidade que sentem em explicar calmamente os detalhes sobre cada atividade que realizam. Também, é visível a admiração que sentem pelo monitor que acompanha a visita. Visita que eles agradecem e reforçam convidando para que se retorne outras vezes.

Em outra propriedade encontramos um jovem que investiu na plantação de cana-de-açúcar e instalou um alambique onde transforma sua produção de cana em quatro mil litros de cachaça ao ano. A produção é comercializada toda no próprio município, ele está investindo no melhoramento da qualidade de seu produto, conseguiu financiamento para a aquisição de materiais mais adequados à produção

da cachaça, e para a construção de uma estrutura que atende às normas da vigilância sanitária. Está planejando a instalação de um biodigestor onde vai utilizar a vinhaça da cana para produzir gás. A vinhaça causa sérios danos ao meio ambiente. Razão pela qual o jovem está armazenando o produto em tambores dentro da propriedade para evitar o contato com as nascentes de água que estão dentro da propriedade. E em pequenos trechos, próximo aos rios dedica ao cultivo da erva-mate. Sua propriedade é pequena e oferece poucas opções de agricultura, porém, a divisão do terreno em pequenos lotes com identificação, chama atenção pelo cuidado com pequenos detalhes e o planejamento. Para cada lote plantado há uma placa indicativa com um número, ao que o jovem tem anotado para seu controle a quantidade de pés plantados naquele local, a data do plantio e as despesas que teve no preparo do solo e dos dias de serviço dedicados àquele trabalho. Assim ele pode fazer uma estimativa de produção e planejar sua colheita.

O preparo da terra iniciou, segundo ele, com a análise do solo de cada lote de terra, que foi dividido por características diferentes, observadas em anos anteriores a essa atividade.



Figura 16 – Planejamento dos lotes para plantio de cana-de-açúcar.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

Note-se, que antes a família plantava feijão e milho para subsistência, e seus integrantes trabalhavam como prestadores de serviços a terceiros.

Em seguida ele providenciou a correção do solo com uso de calcário em

quantidade apontada pelo resultado da análise e providenciou a adubação verde com a semeadura de plantas específicas para isso, conhecidas por plantas de cobertura da terra e de adubação verde.

Essas plantas têm a função de proporcionar o equilíbrio do solo, proporcionando a proteção do solo contra os efeitos das chuvas, do vento, do sol e das geadas. Além de regular e manter a umidade do solo, realizam a fotossíntese, atividade proporciona a fixação biológica de nitrogênio, que atua como regenerador do solo. Essas plantas têm também a capacidade de diminuir a quantidade de alumínio tóxico e a acidez, facilitando a liberação de nutrientes minerais. Além de que a floração dessas plantas produz o néctar e pólen que servem de alimentos para as abelhas e demais insetos benéficos para a agricultura. Entenda-se, agricultura familiar ecológica onde se estabelece uma relação de cumplicidade entre o homem e a natureza, pois na agricultura convencional os insetos e fungos são considerados inimigos que reduzem a produção e são combatidos com inseticidas e fungicidas. As variedades de plantas mais conhecidas e utilizadas na região sul são: a aveia, o centeio, o tricale, o azevém, a ervilhaca, a ervilha forrageira, a espérgula, o tremoço, o chícaro, o girassol, a crotalária juncea, o feijão de porco, o guandu anão, o milho, a mucuna, entre tantas outras que estão sendo testadas e analisadas pelos agricultores como aliadas na produção.

Além de desses cuidados todo o bagaço da cana moída para a produção de cachaça é espalhada entre as linhas da nova área plantada. É interessante notar o cuidado em espalhar esse bagaço para que fique longe o suficiente da raiz das novas plantas, pois durante o processo de decomposição esse bagaço produz aquecimento e fermentação. Para em seguida se tornar um ambiente favorável há uma infinidade de pequenos seres vivos, como minhocas, formigas, besouros, cupins, lacraias. E posteriormente incorporado ao solo, gerando húmus e tornando a terra fofa e com maior fertilidade.

Nesta propriedade, embora em pequena quantidade a horta e os pequenos animais são cultivados e criados para o consumo da família.

Uma outra propriedade localizada em um assentamento, com área de três hectares vive um jovem formado pela alternância que retornou a Casa para realizar o curso técnico. Ele aplicou todo o conhecimento adquirido na formação para montar um viveiro para produção de mudas de erva mate e possui um pomar e a horta, cuja produção é toda orgânica e vendida na Feira da Lua e no comércio local. A

produção de mudas de erva-mate além do plantio na propriedade, que ele está ampliando anualmente, atende aos pedidos de outros agricultores da região que estão investindo novamente no cultivo desse produto, que inicialmente era nativo.

Em todas as propriedades visitadas verificou-se o cuidado com as nascentes de água e seu aproveitamento de maneira planejada.



Figura 17 – Preservação das nascentes.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2008.

Na Casa Familiar Rural de São Mateus do Sul, os diferentes momentos acompanhados pela pesquisadora, permitem apresentar detalhes de algumas atividades desenvolvidas no espaço escolar que apontam para um ambiente de constante colaboração entre educadores/educandos, educandos/educandos e educadores/educadores, no qual resulta em relações harmoniosas entre todos. As regras estabelecidas para bom o funcionamento da Casa são cumpridas e respeitadas, de maneira natural onde cada um cuida de si e colabora com o outro.

As tarefas diárias são estabelecidas para serem realizadas em equipe, ao chegar à Casa Familiar, os alunos já têm acesso à escala de trabalho a ser realizado durante a semana. Eles são agrupados em equipes para realizar pequenos serviços como alimentar os animais, neste caso, as galinhas e o cachorro; levar os resíduos orgânicos para a compostagem; organizar e limpar os quartos; limpar os banheiros, limpar a sala de aula e lavar as louças após as refeições.

As cozinheiras preparam todas as refeições, o café da manhã, o almoço, e o jantar preparam pães e bolos para o lanche. A elas os alunos se referem o tempo todo de maneira muito carinhosa, chamando-as pelo nome, às vezes chamam-nas de tia, outras vezes escapa a palavra “mãe”, elas têm papel fundamental na vida desses alunos durante a semana em que permanecem longe da família. Elas conhecem cada aluno e as suas “manhas”, sempre atentas para preparar um chá, ouvir as queixas e reclamações. As crianças e jovens ouvem atentamente quando estas lhes dão conselhos.

5.2 A REALIDADE PERCEBIDA: LEITURA E ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS E A VISÃO DOS MONITORES

No olhar sobre os fatos estudados e observados algumas reflexões são necessárias para compreender como agem o que pensam e principalmente como os monitores interpretam os resultados obtidos pelos envolvidos no processo por eles protagonizados.

Acompanhando o trabalho dos monitores e ouvindo seus relatos, se desfez algumas concepções pré-estabelecidas por esta pesquisadora. A idéia que a Escola Agrícola Convencional, ou seja, no modelo tradicional existente em toda a região, forma técnicos agrícolas com visão comercial, e, portanto exclusivamente voltados para o trabalho urbano. Esclarecendo, a maioria dos formados Técnicos Agrícolas, ao concluir seus estudos não retornam a propriedade rural para aplicar seus conhecimentos, buscando emprego em órgãos públicos, lojas agropecuárias, e escritórios de assessoria rural. A idéia pré-concebida era de que a escola agrícola ignorava os conteúdos e técnicas para a agricultura familiar, como as técnicas orgânicas em detrimento a conteúdos e técnicas para a produção agroindustrial com a prevalência no uso de adubos químicos e agrotóxicos. Ao que o monitor esclarece:

- A escola agrícola ensina todas as formas de produção, você escolhe a qual vai adotar.

Sendo assim, o qual seria o fator diferenciador na formação oferecida nas duas modalidades escolares, Casa Familiar Rural e Escola Agrícola Convencional.

A resposta vem da fala do mesmo monitor:

- Aqui a gente estuda a realidade onde eles vivem. Na escola agrícola, a gente olha de longe essa realidade, sem se comprometer.

Percebe-se nesta fala que o monitor diz, a gente estuda, ele está mostrando que há uma troca de saberes durante o processo, onde o monitor prossegue:

- Aprender com o aluno não diminui o meu papel de professor, são conhecimentos diferentes que precisam ser somados. Na Casa Familiar Rural aprende-se junto, se ensina sempre, se constrói um conhecimento coletivo, e vinculado ao meio ao qual estão inseridos, para resolver uma situação que está ocorrendo na propriedade. Deixa de ser estudo de um objeto longe, isolado, com possibilidades de vir a ser necessidade real do estudante.

Outro monitor disse em certo momento;

- A escola convencional não enxerga o aluno, enxerga os conteúdos a serem ministrados.

E, em uma divergência de opiniões durante uma conversa entre um monitor e uma professora da Base Nacional Comum, ouviu-se a defesa do monitor:

- Se falharmos em alguns conteúdos teóricos, compensamos em formação de um cidadão, damos a eles ferramentas para resolverem seus problemas, não importa onde vão morar se no campo ou na cidade.

E o monitor prossegue:

- Os conhecimentos técnicos se ampliam constantemente, à medida que a necessidade surge, o profissional sabe onde buscar esclarecimentos. E para isso eles têm subsídios para encontrar as respostas. Saberão se aperfeiçoar, e adaptar-se a nova realidade.

O monitor exemplifica, narrando a evolução dos jovens, quanto à maneira de expressar suas idéias, a forma como se organizam com objetivos em comum na busca por crédito, no planejamento das atividades a serem realizadas na propriedade.

Quanto às dificuldades, eles apontam para as limitações de se trabalhar coletivamente, a interdisciplinaridade. Principalmente no modelo novo, com a escolaridade formal e a Qualificação sendo realizadas conjuntamente, segundo os que já atuavam como monitores no modelo anterior. Eles apontam que era uma semana de estudos, onde o aluno estava o tempo integral disponível para dedicar-se a Qualificação. Agora, o tempo do aluno precisa ser planejado para estudos das disciplinas da base comum e os conhecimentos técnicos.

Porém, eles afirmam que é uma questão de tempo e de exercício, para que todos possam aprender e reaprender, até porque dizem eles. Esse é um desafio

constante quando se pensa uma prática inovadora que envolve a formação de seres humanos.

Mas em nenhum momento, os monitores que fizeram parte dessa pesquisa se disseram descrentes da proposta. Pelo contrário, têm plena convicção de que essa é de fato uma formação humanizadora.

5.3 A REALIDADE PERCEBIDA: A VISÃO DOS PROFESSORES DA BASE NACIONAL COMUM

Nas observações junto a professores da Base Nacional Comum, é interessante perceber que aqueles que se identificam com a proposta tornam-se defensores de maneira incondicional, e os que não se identificam se mantêm sem fazer comentários, optando por mudar de ambiente de trabalho, retornando a escola regular.

Uma professora assim definiu sua experiência.

- Não me vejo mais a escola regular, lá não conseguiria desenvolver meus conteúdos como faço aqui. Tem o número de alunos muito elevado, os horários fixos e determinados, o sistema isolado na disciplina, impossível voltar.

Um grupo, muito grande de professores das escolas públicas localizadas no município de São Mateus do Sul desconhece a proposta da Pedagogia da Alternância e sua dinâmica, esse é um fator estimulante para os que estão atuando dentro da proposta. Eles afirmam ser um desafio a mais a ser vencido. Dar o melhor de si para que o resultado seja o melhor possível.

Uma professora assim define sua nova experiência:

- Não sei nada de agricultura na prática, mas nas visitas as propriedades, vou aprendendo. O importante é que ensino o que eu sei, o conhecimento teórico, eles ensinam o como fazer na realidade, e, juntos construímos o nosso conhecimento.

Não nos resta dúvidas, a fala da professora se dá na mesma sintonia de Paulo Freire, é um saber da experiência feito.

A maior necessidade destes professores está em saber se estão no caminho certo. As indagações e dúvidas fazem esses educadores tornarem-se unidos entre si. É comum vê-los reunidos conversando sobre as ações que estão em andamento, discutindo e fazendo ponderações que lhes permita tomar a decisão mais acertada, naquele momento. Há entre eles um nível elevado de respeito de uns para com os

outros, sem haver uma hierarquia maior, no ambiente escolar.

Essa preocupação encontra explicações na proposta de Paulo Freire (1992, p.155) ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se põe a caminhar.

No momento em que um percebe algo que não está dando certo, ou algum problema surgido entre os alunos. Eles rapidamente se reúnem para decidir a melhor saída. E os alunos percebem isso, e respeitam. Algumas vezes até identificam a falha que houve, principalmente quando essa é uma atitude errada cometida por algum deles.

Na circunstância, que envolve problema com um aluno, estes, sabem que, aquele que cometeu o erro será chamado para uma conversa com os educadores. Nesta conversa os educadores, explicam a falha cometida e recomendam a melhor saída para essa situação. Se a situação for mais grave o aluno sabe que levará para sua casa no final de semana uma notificação aos pais, informando o fato ocorrido. Quando se adota algum corretivo, é o próprio aluno que vai comunicar ao grupo a tarefa que terá de cumprir em desagravo ao erro cometido.

Porém ressalta-se, toda decisão a ser tomada é decidida por todos. Essa postura os torna mais fortes e confiantes nas decisões e percebe-se, é um fator observado pelos alunos, que começam a acreditar na decisão coletiva. Os alunos vivenciam na prática exercitada pelos educadores as práticas a ser desenvolvidas na vida em comunidade, através da participação em sindicatos associações e pastorais, habilidades que a Pedagogia da Alternância se propõe a desenvolver nos seus educandos.

Os educadores envolvidos na efetivação da Pedagogia da Alternância destacam a importância dos cursos de capacitação, para lhes fornecer subsídios a um melhor desenvolvimento na prática. Eles consideram fundamental importância à participação dos pais na aprendizagem construída pelos seus filhos. Razão pela qual realizam reuniões com os pais a cada dois meses, onde relatam à aprendizagem construída e os pais contribuem com questionamentos e sugestões.

É necessário esclarecer que o contato dos professores com os pais é permanente. Ele se dá através das visitas, pelo caderno do aluno, e nas reuniões. As reuniões diferentes da escola convencional não têm caráter de demonstrar o fracasso dos alunos através das notas. Eventos onde os professores expõem os

fracassos dos alunos e os pais recebem o veredicto da nota expressa no boletim, tornando-se meros ouvintes das falhas e erros cometidos pelos filhos. Ali na Casa Familiar Rural a reunião é uma celebração, um encontro entre família, educandos educadores e comunidade. Os educadores convidam as pessoas da comunidade que contribuíram para as atividades e, todos manifestam suas opiniões. Em um desses momentos se vivenciou os fatos a seguir registrados.

Cada professor registrou em fotos momentos de suas aulas e partindo dessas imagens, foi contando como a tarefa foi apresentada e avaliando participação dos alunos. E o público não desviava a atenção. O professor sempre parava sua explanação para atender questionamentos dos presentes que era formado por: pais, mães, irmãos menores, alunos e convidados externos.

Cada educador tinha um tempo estipulado para falar e em certo momento, uma professora explicou que percebeu que dois alunos não conseguiam acompanhar as aulas. E que estes vieram da escola convencional, com várias reprovações, fato que os deixava em uma grande de diferença idade em relação aos demais. E por mais tentativas que se fizessem os meninos não conseguiam acompanhar as atividades realizando registros da aprendizagem. Embora, nas atividades práticas e na oralidade eles apresentavam um grande sucesso.

A professora procurou através de pesquisas, descobrir modos diferenciados para trabalhar os conteúdos com eles. Descobriu se tratar de distúrbios de aprendizagem que poderia ser resolvido com a ajuda de profissionais como psicólogo e fonoaudiólogo.

Através da Associação foram em busca de ajuda dos profissionais, e iniciou-se um acompanhamento quinzenal com os jovens. A fonoaudióloga realizou palestras com todos os alunos da Casa Familiar e durante o ano letivo, juntamente com a psicóloga acompanharam os dois jovens e orientaram os educadores, ensinando-lhes técnicas para ajudá-los na aprendizagem.

E neste dia aproveitando a presença dos pais e da comunidade, a fonoaudióloga e a psicóloga foram convidadas para explicar aos presentes às dificuldades enfrentadas por quem é portador de dislexia, problema diagnosticado nos jovens. E orientar a todos como observar os sintomas, em uma criança e a melhor forma de tratamento. Alertar, principalmente quanto às limitações e os estereótipos a que estas crianças são expostas no ambiente escolar. Como se fossem incapazes de aprender.

Posteriormente a professora afirmou que seria incapaz de perceber, avaliar e encontrar uma solução para um problema como este no espaço da escola convencional. Na Casa Familiar o contato é mais direto entre o professor e o aluno. A convivência nos momentos de ensino-aprendizagem, permite aos professores captar e acompanhar o raciocínio e a aprendizagem de cada um no seu jeito próprio de ser.

O que mais chamou a atenção foi notar a felicidade expressa no sorriso dos dois jovens, quando estes foram até a fonoaudióloga para agradecer a ajuda. As palavras e o sorriso de felicidade por terem encontrado apoio e principalmente por perceberem suas limitações e serem pessoas capazes tanto quanto os demais colegas.

Outro fato marcante foram os questionamentos das mães para melhor entender as dificuldades dos filhos. Algumas aproveitaram para pedir a fonoaudióloga realizar a explicação ali apresentada nos encontros da Pastoral da Criança, em que elas participam, pois dizem elas, as outras mães precisam saber para melhor entender seus filhos.

Henry Giroux (1997, p162), chamaria esses professores de intelectuais transformadores, que sentem a necessidade de tornar o pedagógico em político e o político em pedagógico. E para isso, utilizam formas de pedagogia que incorporam interesses políticos de natureza emancipadora. São professores que tratam seus alunos como agentes críticos, transformando o conhecimento em algo problematizado pelo diálogo crítico e afirmativo, capazes de argumentar a favor de um mundo melhor para todas as pessoas. São professores que assumem o compromisso de dar aos alunos voz ativa em suas experiências de aprendizagem. Sobre essa concepção esses professores têm como ponto de partida não o indivíduo isoladamente, mas sim, indivíduos e grupos em seus diversos ambientes culturais, raciais, históricos e de classe e gênero, juntamente com a particularidade de seus diversos problemas, esperanças e sonhos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS

A cada conhecimento adquirido pelas leituras de teóricos defensores da Pedagogia da Alternância percebe-se quão insignificante são os conhecimentos produzidos pela escola convencional no modelo que se apresenta. Dividido em carga horária por disciplina, e fragmentado na hora aula de cinquenta minutos.

Somando-se a isso, o número elevado de alunos por sala de aula, com conteúdos já estabelecidos e uma valorização pelo conhecimento descrito em escala numérica expresso pela nota.

Ao verificar a multiplicidade de saberes sendo socializados na Pedagogia da Alternância e aprendidos, pois são aplicados na prática, com mais convicção é possível dizer que a educação bancária, não educa ninguém. O fracasso do modelo educacional convencional preocupa cada vez mais.

No período em que foi acompanhado o exercício da alternância, com professores vindo da escola convencional, imbuídos da necessidade de aprender um jeito novo de ensinar, com monitores envolvidos nas organizações sociais e ambos acreditando na proposta e lutando para sua efetivação, é possível perceber como é forte nestes a influência da formação linear. Ao mesmo tempo, quanto é proveitoso e satisfatório o esforço destes para produzir o novo conhecimento a partir do conhecimento já existente, em uma prática desvinculada de normas, métodos e horários, porém comprometida com o ser humano em suas dimensões históricas, sociais e culturais.

Trabalhar em alternância requer vencer pré-conceitos estabelecidos, estes vão se dissolvendo na medida em que educadores e educandos se encontram imbuídos de um mesmo objetivo, o conhecimento para as atividades diárias e para a vida em sociedade de maneira plena. Esta é uma característica marcante nos jovens que são formados pela alternância. Eles adquirem desenvoltura para se expressar e ao fazê-lo tem subsídios que sustentam sua argumentação. Agem, na práxis, surgida da ação e da reflexão a que foram submetidos, e agora atuam transformados. Práxis, esta de cidadão plenos e autênticos.

A Pedagogia da Alternância, enquanto uma proposta de ensino

aprendizagem, vai muito além de uma metodologia de ensino, se confirma como uma ação humanista e libertadora.

6.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL EVIDENCIADO NOS EGRESSOS DA CASA FAMILIAR DE BITURUNA

Ao retomar o objetivo a que este estudo se propôs, o de buscar evidências do desenvolvimento local nos egressos de Bituruna, pelos relatos descritos e pelas ações desenvolvidas pelos egressos, no desempenho com a propriedade. É possível afirmar que eles fazem parte de um seleto grupo de agricultores familiares, com verdadeiro compromisso com o desenvolvimento do local onde vivem. No momento em que eles se identificam com o meio onde vivem, afirmando que ali encontram tudo o que precisam para viverem bem. Quando planejam o futuro, investindo na propriedade, com melhorias na residência, com técnicas aperfeiçoadas para a produção, quando se organizam em grupos e associações para ter acesso a créditos financeiros e mais ainda quando realizam isso em comunhão com o meio onde vivem.

Observou-se que as famílias dos agricultores de Bituruna formados pela Pedagogia da Alternância na Casa Familiar Rural tornaram-se agricultores que fornecem produtos agrícolas e pecuários com diferencial especial, a produção ecológica, que evidencia o comprometimento com o seu meio social ambiental e humano.

O capital humano do qual eles próprios fazem parte a partir da formação recebida, e que lhes dá credibilidade a pensar, no ser humano que utiliza esses produtos, o consumidor final. Consumidor, que se pode perceber busca no produto ecológico um alimento que seja saudável, livre de agrotóxicos, e de boa qualidade nutricional e de aparência, e que respeita as normas da legislação de saúde e vigilância sanitária.

O fator econômico, que considera a venda direta ao consumidor de produtos como carnes, ovos, geléias, verduras e frutas, evitando o transporte desses produtos por longas distâncias, permitindo um preço mais acessível ao consumidor, pois desconsidera o valor do transporte.

Com o trabalho sendo realizado pelos integrantes da família ou em mutirão dispensando a contratação de mão de obra e com a realização da transformação

dos produtos em embutidos, geléias, doces, sucos, queijos, pães, bolachas e bolos, que acrescenta maior valor aos produtos, porém isenta-os de impostos e taxas, devidos as características artesanais, fator que repercute em economia para o consumidor final.

Em relação, a vida na propriedade e na sociedade estes jovens que têm uma relação de respeito com o meio onde vive, uma relação de cumplicidade com a terra, respeitando sempre os ciclos naturais, colaborando para que ao fim de cada ciclo a terra seja fortalecida, renovada para uma nova safra. Essas práticas são realizadas de maneira simples, porém efetiva, no momento em que praticam o consórcio de culturas, ou quando deixam a palhada da colheita sobre o solo para protegê-lo e produzir nutrientes.

As relações de cooperação e associação aparecem quando buscam o crédito bancário em grupo, no momento em que se organizam em cooperativa para transformar seus produtos, agregando-lhes valor, ou para vender a produção por um valor melhor. Porém, mais significativo, são as atividades na propriedade realizadas em mutirão. Prática exercida principalmente na colheita de produtos mais delicados, com pouca duração após a maturação.

A formação de um grupo de trabalhadores que de maneira articulada, sem a necessidade de um gerente realizam uma tarefa sem transtornos e com uma grande satisfação. Ao que, Morin (2005, p.22) diz: o sentimento de comunidade é e será fonte de responsabilidade e de solidariedade, sendo estas, por sua vez, fontes de ética.

O compromisso com o meio ambiente, no cuidado com as nascentes de água, com o destino do lixo doméstico, sendo quase todo ele reaproveitado na propriedade. E o lixo não aproveitável, embora na área rural não haja coleta regular, recebe um destino planejado. Em não utilizar adubos químicos e agrotóxicos na produção de alimentos de seu consumo e das demais pessoas que deles se alimentam, um compromisso que Morin (2006, p.24) chama de pensamento ecologizante, no sentido em que situam todo conhecimento em relação de inseparabilidade com o seu meio ambiente, cultural, social, econômico, político e, é claro natural.

Nestes agricultores as relações não são somente de respeito com a terra e todo o seu meio, mas uma cumplicidade, que para Morin (2006, p.25) são relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade

todo partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Percebida na fala do jovem agricultor quando diz que as pessoas procuram adquirir produtos naturais. Essa questão pôde ser percebida claramente em momentos distintos, entre eles a destacar: a) o agricultor que afirma ser a última vez que utilizou adubo químico no cultivo do milho, b) o jovem que diz que as pessoas procuram adquirir os produtos na feira porque sabem que os produtos ali vendidos são naturais, c) quando conhecem o clima local e aproveitando-se desse conhecimento, planejam a produção.

Se houve um momento de desconstrução dos saberes e de referência desses agricultores com a terra, influenciados pelo discurso da modernização da lavoura e aumento da produtividade, fato que estimulou o desmatamento desordenado com a agricultura avançando sobre os rios e nascentes de água. Que passou a considerar os insetos, em pragas da lavoura a serem combatidos com agrotóxicos, eliminando não apenas o predador isoladamente, mas todas as espécies de vida naquele ambiente específico, quebrando as cadeias alimentares e provocando o desequilíbrio e conseqüentemente provocando o surgimento de uma nova praga e assim sucessivamente as aplicações de agrotóxicos. Essa mentalidade se consolidou com a ajuda de um currículo escolar que durante longo tempo apresentou a natureza e seus componentes separados por categorias, onde os animais e insetos eram tidos como úteis e nocivos, os recursos naturais em finitos e infinitos. Essa concepção é questionada e superada pelos formados através da Pedagogia da Alternância na Casa Familiar Rural.

6.2 A INTERDISCIPLINARIDADE PROPOSTA PELA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A interdisciplinaridade desenvolvida na Casa Familiar Rural exige dos educadores muita reflexão quanto ao objetivo a ser atingido. É um exercício que requer habilidades perceptivas e conhecimento global. Esse conhecimento global significa aqui, o conhecimento teórico e o conhecimento da realidade. Exige disponibilidade dos educadores em conhecer a realidade que é vivida pelos educandos, talvez essa relação seja o fator que torna os jovens seguros e confiantes, quando falam de si ou aplicando o conhecimento. É um conhecimento construído coletivamente e validado pela autenticidade do meio.

Essa interdisciplinaridade exercício de aprendizagem, que se efetiva dentro da Casa Familiar Rural, suscita questionamentos e necessidades prementes nos envolvidos de tal maneira que alguns temas não se esgotam em uma semana, ou seja, em uma alternância tempo insuficiente para abordar todos os aspectos envolvidos no decorrer do processo. Ao que Morin (2006,p32) chama de mentalidade na qual se deve investir, pois tem o propósito de favorecer a inteligência geral, para problematizar e realizar a ligação do conhecimento.

Trabalhar interdisciplinarmente, é um exercício de aprendizagem constante, não há uma fórmula, método com modelo a ser seguido, além de que, é uma prática pouco estimulada na formação dos professores. Por essa razão as capacitações fornecidas pela Arcafar-Sul e pela Secretaria Estadual de Educação são fundamentais, e especificamente para os professores que vem de uma trajetória longa de uma prática disciplinar. Essas capacitações, antes de fornecer subsídios aos educadores para a prática interdisciplinar, precisam sensibilizá-los para a realidade.

A realidade do jovem agricultor, sua família, seu mundo, que são os elementos da formação dos jovens, precisam ser assimilados pelos educadores como elementos pedagógicos. A sensibilidade dos educadores deve ir além, deve ter a sutileza para o compromisso e a responsabilidade de despertar consciências, prepará-los para o desafio, pois para cada desafio, há novas possibilidades de se construir conhecimentos coletivamente. A percepção dos educadores para esses elementos precisa ser aguçada.

A formação na Casa Familiar Rural não garante a permanência do jovem no campo, mas o capacita para enfrentar as situações de vida em ambientes diferentes, pois a proposta não se sobrepõe aos demais conhecimentos, pelo contrário soma-se, possibilitando ter uma visão crítica da realidade e subsídios para se inserir nessa realidade. A Pedagogia da Alternância, que articula o trabalho agrícola à educação escolar aponta para o trabalho na sua perspectiva de emancipação humana e constitui a pedagogia dos tempos e espaços alternados.

O exercício para a prática da interdisciplinaridade, força os educadores para pensar, organizar e construir um currículo coletivamente no ambiente da Casa Familiar, principalmente onde estes, iniciaram o trabalho juntos, como no caso de São Mateus do Sul, é a construção coletivamente e dialogicamente, no exercício e na aplicação. Estes por não terem atuado no modelo anterior, com jovens em idade

um pouco maior, encaram a divisão do tempo de maneira fraterna, adaptando-se à realidade.

6.3 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Quanto à metodologia adotada pela Pedagogia da Alternância, pode se dizer que o conhecimento dos instrumentos e técnicas adotados para a sua efetivação, permitem dizer que é a pedagogia do exercício da complexidade. Todo o processo requer um constante ver, conhecer, refletir, elaborar raciocínios. Em elaborar conhecimento a partir de um conhecimento já existente e deste partir para a autonomia do pensamento que leva a interagir, a assumir, associar tempos e espaços com diferenças e semelhanças, a dinâmica das contradições. Cada ser humano é único, cada propriedade é única, é necessário um conhecimento para cada, que ao final é o mesmo com aplicações diferentes.

Portanto, a proposta almeja um êxito final que será alcançado por cada indivíduo, de acordo com a capacidade deste de interagir e religar o conhecimento construído durante a formação na prática diária da propriedade de acordo com a determinação pessoal. A metodologia o capacita para o exercício da cidadania plena. Obter sucesso, ser agente transformador dependerá do despertar de consciência, para o qual cada um foi provocado a construir.

Das situações vivenciadas pela observação desta pesquisadora em todas as propriedades visitadas foi possível verificar marcas do desenvolvimento local e principalmente de seres conscientes de sua existência e responsabilidade. Com habilidades para resolver seus problemas, exercendo sua cidadania e principalmente, pessoas humanas muito felizes.

Isso tudo dá credibilidade para dizer que a proposta da Pedagogia da Alternância efetivada na Casa Familiar Rural, atende a formação humanizadora pretendida por Paulo Freire e, atende a proposta de educação da Unesco para o século XXI, capacita os seus educandos a aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e acima de tudo aprende a ser.

É a Pedagogia da superação dos conteúdos disciplinares e isolados que evidencia as características de organização da vida daqueles que vivem no campo, em associações, na vida em comunidade, ações próprias das comunidades rurais.

6.4 A CASA FAMILIAR RURAL, A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA, SUA HISTÓRIA E METODOLOGIA.

Quanto à história e a origem das Casas Familiares Rurais o estudo cumpre seu objetivo ao descrever a origem do movimento nascido da organização dos agricultores franceses que pensaram numa proposta que foi capaz de atender às necessidades locais e que pela contribuição e esforço de Daniel Chartier e André Duffaure, tornou-se uma proposta pedagógica que se espalhou por todos os continentes, promovendo a mobilização, a organização de uma população excluída do sistema educacional, e pelo esforço dessa população organizada foi ganhando influência e importância.

O esforço se fez em conhecer e relatar a implantação da proposta Casa Familiar Rural e Pedagogia da Alternância no estado do Paraná, ocorrida em 1989 no município de Barracão, atualmente município de Bom Jesus do Sul e deste para os demais municípios paranaenses. A expansão do movimento para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O surgimento da Arcafar-Sul, e sua importância para a implantação de outras unidades de Casa Familiar Rural, na região. Evidenciando a caminhada realizada pelos agentes envolvidos com intuito de legitimar a proposta como uma política pública voltada para as populações do campo. Destacando as parcerias com o governo do Estado do Paraná, e toda à legislação que pouco a pouco garante sua efetivação.

As Diretrizes Curriculares para a Educação no Campo são compromissos com uma parcela significativa da população paranaense, segundo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), a propriedade rural familiar emprega 80% dos trabalhadores do setor agropecuário paranaense. Ou seja, a agricultura familiar emprega 780 mil pessoas no Estado do Paraná. E mais, as Diretrizes Curriculares para a Educação no Campo, contemplam a Casa Familiar e a Formação por Alternância.

Por essa razão em 2006, o Conselho Estadual de Educação através do parecer 97/06, aprovou em caráter experimental, a proposta de ensino fundamental 5ª a 8ª séries nas Casas Familiares Rurais, por área do conhecimento, em quatro séries, em tempo integral, com carga horária de três mil e duzentas horas, em regime de alternância, para escolarização de adolescentes e jovens residentes em comunidades rurais.

O mesmo documento responsabiliza a Secretaria Estadual de Educação para coordenar e avaliar o desenvolvimento das propostas pedagógicas de cada Casa Familiar Rural e das escolas bases devidamente credenciadas. Além de organizar e executar um programa de formação específico para os professores atuantes nas referidas Casas Familiares, visando o sucesso da proposta.

É um avanço e um compromisso com uma parcela de cidadãos que vivem em situações precárias de escolaridade em diferentes regiões do estado. É necessário destacar que no estado do Paraná a proposta está se consolidando como uma política pública, nas últimas três administrações estaduais, sendo o estado o pioneiro a ter uma legislação voltada à educação no campo e para a pedagogia da Alternância, correspondendo à legislação nacional que em 2004 elaborou as Diretrizes Operacionais para a Educação no Campo.

Porém, preocupa de imediato as limitações que essa nova proposta acarreta as Casas Familiares já em funcionamento. Primeiro, o espaço físico dessas escolas comporta um número pequeno de alunos. Duas turmas em alternância no máximo, fato que inviabiliza a entrada de novos alunos em determinados anos letivos. Tomando como exemplo a Casa Familiar Rural de São Mateus. Os primeiros alunos entraram na Casa em 2006, estando na sexta série, para completar a formação, eles ocupam o espaço da Casa até 2008. Uma nova turma teve início em 2007, também na sexta série e permanecerá até concluir a oitava série e a Qualificação concluindo portanto em 2009. Seguindo esse raciocínio em 2008 e 2011, e assim sucessivamente a cada dois anos não ocorrerá entrada de alunos novos, ou seja, não terá o primeiro ano de Formação em Alternância na Casa Familiar de São Mateus do Sul. E os alunos que nestes anos estejam na sexta série, à série de matrícula na Casa Familiar, não poderão optar por estudar na Casa Familiar. Caso a Associação opte pela formação também em curso técnico, aumentará mais o tempo ser turma iniciante.

Preocupa a pouca idade dos alunos a partir de 2006, a matrícula entre onze e doze anos na Casa Familiar os afasta do convívio com a família por períodos de uma semana. Nesta fase, esse público encontra-se em idade de transição, a idade da pré-adolescência, considerada pelos educadores, período de grandes transformações e mudanças. Porém há um fator positivo apontado pelos educadores envolvidos em movimentos sociais. Nesta idade ainda não se efetivou na percepção dos jovens adolescentes, a propaganda e a influência do meio urbano sobre o rural.

Tornando-se mais fácil evidenciar as qualidades da vida no campo.

O número de professores da Base Nacional Comum, não segue uma distribuição lógica ao número de alunos e de turmas em alternância. Pela parceria realizada entre a Arcafar-Sul e a Secretaria Estadual de Educação – Seed, cada Casa Familiar que atenda alunos da Qualificação independente do número de turmas em alternância terá direito a um professor da Base Nacional Comum, por área de conhecimento, ou seja, linguagens códigos e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e suas tecnologias.

Com essa demanda de profissionais, o trabalho da interdisciplinaridade torna-se limitado. Por exemplo, em uma Casa Familiar com quatro turmas em Alternância, os professores passarão maior tempo em sala de aula e menor tempo em contato com as famílias, na realização das visitas à propriedade. Enquanto que em uma Casa Familiar com duas turmas, os professores terão maior tempo disponível para o contato com a realidade dos alunos. Esse fato pode se tornar motivo de frustração para os professores que têm maior número de turmas em alternância como também pode comprometer o resultado final da formação na Casa Familiar.

A proposta Casa Familiar Rural não atinge todos os municípios agrícolas do Estado do Paraná, portanto, torna-se de certa forma excludente quanto de acesso a todos os que têm direito.

A população em geral desconhece a proposta de Alternância. E nesta população estão os professores da rede pública, o poder público de municípios agrícolas e os próprios agricultores. Que acabam impedidos de usufruir juntamente com seus filhos de uma formação, que está garantida pela legislação, porém, inacessível de fato. Pode se dizer que estão sendo lesados em seu direito de exercerem a cidadania do direito que deveria lhe deve ser garantido pela educação, o direito de conhecer.

6.5 CONSIDERAÇÕES

Nesta pesquisa foi possível constatar que a formação por alternância desenvolvida na Casa Familiar Rural pensa o ser humano como um todo formando agricultores com uma concepção de pertencimento ao meio onde estão inseridos. E estes apresentam como viável uma agricultura limpa, onde a natureza e todos os seus elementos são aliados, não inimigos a serem vencidos, conforme a agricultura

convencional vem tratando a terra, os insetos, os animais e os microorganismos. Os agricultores visitados além de resgatar e religar conhecimentos. Romperam com a concepção de que para se produzir bem e melhor é preciso eliminar as ervas daninhas, os insetos inimigos, limpar a terra para que as máquinas se tornem mais eficientes. Eles conseguiram superar o paradigma da produtividade e do lucro defendidos pela agroindústria.

Possibilitou a pesquisadora reencontrar com princípios e valores aprendidos na vida prática da convivência em comunidade, como as atividades realizadas em mutirão entre tantas outras pequenas atitudes e hábitos que foram sendo esquecidos e encobertos por hábitos urbanos. Além de ter tido a possibilidade de constatar que uma maneira diferente de escola é possível. E que esta possibilidade se constrói pela própria comunidade organizada, que consciente de seus direitos assume a educação de seus filhos.

Ao conhecer a proposta da Pedagogia da Alternância, a Casa Familiar Rural, o trabalho dos monitores, a força e influência da associação de pais que mantém a casa, as necessidades e objetivos, a serem buscados, percebe-se que outros estudos sobre o tema se fazem necessário.

REFERÊNCIAS

ARCAFAR-SUL. Disponível em <http://www.arcafarsul.org.br/documentos/Estatuto.pdf>
Acessado em 21/04/2006.

Associação Regional das Casas Familiares Rurais ARCAFAR. **Casa Familiar Rural**.
Autores Associados: 2003.

BARROS, A. e LEHFELD, N. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 2000.

Bituruna, disponível em <http://www.bituruna.pr.gov.br/news.php?id=12>. Acessado em 02/02/2007.

BRASIL, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Resolução CNE/CEB n° 1 – 3 de abril de 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica, n°: 4, Dezembro de 1999.

BRASIL. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Ministério da Educação – SECAD, Brasília, 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

CORRÊA, R. **Projeto Profissional de vida do jovem**: Bovinocultura de leite. Escola do Campo – Casa Familiar Rural Nova Prata do Iguaçu – PR. Nova Gaúcha, setembro de 2004.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, MEC : UNESCO, 2006.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

FRIGOTTO, G. **Trabalho e Educação face a crise do capitalismo**: ajuste neo conservador e alternativa democrática. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1995.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GALEANO, E. **De pernas pro ar – A escola do mundo ao avesso**. São Paulo: L&PM, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

GIMONET, J. C. **Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo**: As Casas Familiares Rurais de Educação e Orientação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA. UNEFAB. Pedagogia da Alternância. Alternância e desenvolvimento. Salvador, BA: SIMFR/VITAE/ UNEFAB, 1999,

GIMONET, J. C. **Perfil, estatuto e funções dos monitores**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 1984.

GIMONET, J. C. A. **Alternância na formação método pedagógico ou novo sistema educativo? A experiência das casas familiares rurais**: In: Demol, J. N; Pilon, J. M. Alternance, développement personnel et local. Paris: l' Harmattan, 1998. Tradução por Thierry De Burghgrave.

GIROUX, H. A. **Os Professores como Intelectuais**: rumo a uma nova pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GNOATTO, A. A. **Revista da Formação por Alternância**. Brasília: CEFFAs Centro Familiares de Formação por Alternância. União Nacional das Escolas Agrícolas do Brasil, ano 1 – nº 2, julho 2006, p. 67- 90.

GOWACKI, C. F. **Educação na casa familiar rural**. FACIBEL, Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão. Francisco Beltrão, 1997.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

LORENZINI, Luis. I Seminário sobre educação e desenvolvimento. **Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Sustentável**. Pato Branco-PR: 24 e 25 de agosto de 2007.

MÂNPIO, A. J. Revista da Formação por Alternância. Brasília: CEFFAs Centro Familiares de Formação por Alternância. União Nacional das Escolas Agrícolas do Brasil, ano 1 – nº 2, julho 2006, p.48-66.

MÂNPIO, A. J. **Um jeito novo de ser colono**. Editora URI Universidade Regional

Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Coleção Universidade do Agricultor. Ano I – Número 1 – 1º semestre de 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MORIN, E. **Ciência com Consciência.** Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2005b.

NOSELLA P. **Uma nova educação para o meio rural.** Sistematização e problematização da experiência educacional das Escolas da Família Agrícola do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo: São Paulo: UJC, 1977, Dissertação (mestrado). Pontifícia União Católica. São Paulo.

NOSELLA, P. Revista da Formação por Alternância. Brasília: CEFFAs Centro Familiares de Formação por Alternância. União Nacional das Escolas Agrícolas do Brasil, ano 2 – nº 4, julho 2007, p. 5-24.

PASSADOR, C S. **Novas Experiências de Gestão Pública e Cidadania.** Projeto Escola do Campo no Estado do Paraná, 1999.

QUEIROZ, J. B. P. **O processo de Implantação da Escola Família Agrícola (EFA) de Goiás.** Goiânia, UFG. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2000.

QUEIROZ, J. B. P. **Construção das Escolas Família Agrícolas na Brasil: Ensino médio e educação profissional.** Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2004.

SCHULTZ, T W. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa.** Rio de Janeiro: Zahar, Passador, 1973.

SILVA, L. H. **As experiências de formação de jovens do campo: Alternância ou Alternâncias?** Universidade Federal de Viçosa, 2003.

SILVA, C. **Desenvolvimento sustentável: um modelo analítico integrado e adaptativo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

STRAUSS, Anselm. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada/ Anselm Straus, Juliet Corbin; tradução Luciane de Oliveira da Rocha.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

UNEFAB, II Seminário Internacional da pedagogia da Alternância. Formação em Alternância e Desenvolvimento Sustentável. União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, Brasília, 12 a 14 de novembro de 2002.

VASCONCELOS, E M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa.** Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 2002.

LISTA DE DOCUMENTOS CONSULTADOS

AZEVEDO, A. **A formação de Técnicos Agropecuários em Alternância no Estado de São Paulo**: uma proposta Educacional Inovadora Marília, SP: UNESO, 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Marília. BARRIONUEVO, Agostinho. Sucesso profissional: Formação experiencial, formal e reflexiva. Pato Branco, PR: Imprepel Gráfica e Editora Ltda, maio 2005.

BEGNAMI, J. B. **Pedagogia da Alternância como sistema educativo**. In: Revista da Formação por Alternância. n. 2. Brasília: UNEFAB, 2006, p. 24-47.

BRANDÃO, C R. (org.) **Pesquisa participante**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, C. R. **O Trabalho de Saber**: cultura camponesa e escola rural. São Paulo: FTD, 1990.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário/SAF/CONDRAF.

CALDART, R S. **Pedagogia da terra**. Formação de Identidade e Identidade de Formação. IN: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Pedagogia da Terra. Cadernos do ITERRA. Veranópolis, RS, a. 2, n.6, ITERRA, 2002.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais

CASTRO, C. M. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

CASTRO, I. E. **O problema da escala**. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo C. da Costa, CORRÊA, Roberto L. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável – São Paulo, 2002.

DUARTE, N. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** São Paulo

DUFAURE, A. **Educacion, médio y alternancia**. Buenos Ayres, Argentina, 1993. Textos elegidos por Daniel Chartier.Reproduzido con autorización de Asociación para la promoción de las Escuelas de la Familia Agrícola (A.P.E.F.A), para aportar al desarrollo de las líneas de acción del Plan Social Educativo.

Equipe Pedagógica Nacional (EPN). Plano de formação pedagógica inicial de monitores. CEFFAs, **Centros Familiares de Formação por Alternância**. UNEFAB, União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, Vitória – ES, novembro 2003.

Equipo de Apoyo de Unefam. Cartilla Consultiva. **Aspectos legales y Organizativos del**. Consejo de administración de una efa, 2000.

ESTEVAM, D O. **Casa familiar rural**. A formação com base na Pedagogia da

Alternância. Editora Insular, Florianópolis: Insular 2003.

GENTILLI, P. (orgs) **Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

I Seminário sobre educação e desenvolvimento. **Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Sustentável**. Pato Branco – PR, 24 e 25 de agosto de 2007.

JAPIASSU, Hilton F.. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LACKI, Polan. <http://www.polanlacki.com.br> acessado em 16/04/2006,

MARCONI, M. e LAKATOS, E. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

FARH, Marta F. S.; BARBOZA, Hélio Batista (orgs). **Novas Experiências de Gestão Pública e Cidadania**. Rio de Janeiro. FGV, 2000.

MORIN, E. **As Duas Globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. Juremir Machado da Silva, (org). 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PEREIRA, J B. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil**. Ensino Médio e Educação Profissional. Brasília: UNB, 2004, Tese (Doutorado) Universidade de Brasília.

PETRAGLA, I C. Edgar Morin: **a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SACRISTÁN, J. G. **Educação obrigatória: seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed, 2001. Union Nationale des Maisons Familiales Rurales 36. **Soixante ans d'histoire de creations en Maison Familiale Rurale**. allée Vivaldi, 75012 Paris. Avril 1997.

SAVIANI. **Da Nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

Union Nationale des Maisons Familiales Rurales 36. **Soixante ans d'histoire de creations en Maison Familiale Rurale**. Allée Vivaldi, 75012 Paris. Avril 1997

VIII Congresso Internacional AIMFR, Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural. **Família, Alternância e Desenvolvimento. Promoção pessoal e coletiva: Chave para o Desenvolvimento Rural Sustentável**. CEFFAs, Puerto Iguazú, Argentina – Foz do Iguazu, Brasil 04 a 06 de maio de 2005.

ANEXOS

ANEXO A - Plano de Estudo

ASSOCIAÇÃO CASA FAMILIAR RURAL DE SÃO MATEUS DO SUL

*CASA FAMILIAR RURAL DE SÃO MATEUS DO SUL
Logradouro: Colônia Taquaral – São Mateus do Sul
CNPJ: 08.080.631/0001-70*

PLANO DE FORMAÇÃO DA 7ª SÉRIE – 6ª ALTERNÂNCIA – 02 a 04 de MAIO de 2007

TEMA GERADOR - FUMICULTURA		
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Valorizar a diversificação de produção na propriedade de forma a garantir a disponibilidade dos recursos naturais e à independência da monocultura como única fonte de renda. ➤ Analisar as condições da cultura do fumo e a sua sustentabilidade. 	
FINALIDADES	<ul style="list-style-type: none"> ➤ CFR: Analisar as notas do bloco do produtor e dos insumos, comparando-os às do mercado local. ➤ PROPRIEDADE: Analisar possibilidades de diversificação na produção. 	
CONHECIMENTOS TÉCNICOS	OBJETIVOS TÉCNICOS	CONTEÚDOS TÉCNICOS
	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Observar as vantagens e desvantagens da fumicultura. ➤ Despertar formas para a diversificação na propriedade. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Etapas da produção do fumo; ➤ Custo da produção de fumo;
ÁREAS DO CONHECIMENTO		
LINGUAGENS CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS		
LÍNGUA PORTUGUESA	CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS	CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS
L. PORTUGUESA	CIÊNCIAS DA NATUREZA	HISTÓRIA
ARTE	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fumicultura e sua relação com a saúde; ➤ Efeitos do Tabaco sobre o organismo. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Relatório da Emater sobre possibilidades de transformação da Fumicultura em culturas de hortaliças.
L.E.M	MATEMÁTICA	GEOGRAFIA
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Elaboração de um cartaz com o tema "A fumicultura e a saúde humana". 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Custo de produção e sua relação com os benefícios. ➤ Valores monetários para a produção de fumo (porcentagem, regra de três tabelas). 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A Geografia da fumicultura no Brasil: A importância da região Sul para o cultivo de fumo.
ATIVIDADES DIFERENCIADAS		
PALESTRA:	VISITA: Visita a empresa Fumageira	FILME:

ANEXO B – Projeto de Vida

PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA DO JOVEM: BOVINOCULTURA DE LEITE

1.0 HISTÓRICO:

A minha família tem procedência portuguesa e italiana. Os avós maternos são de origem italiana. Vieram do Rio Grande do Sul, morar no Paraná. Os paternos são de origem portuguesa. Vieram de Santa Catarina para aqui morarem. Estes sempre lidaram com a atividade de Bovinocultura de leite.

Meu pai nasceu em Santa Catarina e ainda criança veio morar no Paraná. Minha mãe nasceu aqui mesmo neste município. Os dois se casaram em 1980. tiveram dois filhos.

Desde o começo, meus pais já tinham uma vaca para tirar leite para o próprio consumo.

Hoje, com muito esforço temos dez vacas e pretendemos aumentar.

2.0 INTRODUÇÃO:

A área da propriedade é de 4.0 alqueires ou 9.7 hectares. As atividades trabalhadas na propriedade são: Bovinocultura de Leite e Culturas Anuais. Dentre essas, a Bovinocultura de Leite é a principal atividade.

Minha família é composta por quatro pessoas: meu pai, minha mãe, meu irmão e eu, onde todos exercem funções dentro da propriedade.

Neste projeto, tratarei o que pretendo fazer na propriedade, vou destacar os seguintes pontos: melhoramento de pastagens, construção de piquetes, aperfeiçoamento da genética dos animais, aumento do plantel e um cuidado especial com a saúde dos animais.

3.0 OBJETIVO:

Melhorar a propriedade através da recuperação das pastagens e, conseqüentemente, aumentar o plantel existente.

4.0 JUSTIFICATIVA

O projeto a ser desenvolvido é dentro da área de Bovinocultura de Leite, isso, porque apresenta na agricultura familiar uma ótima fonte de renda.

Visto que, a nossa família têm a sua subsistência nesse ramo e já estamos, de certa forma, avançados e com ótimas perspectivas futuras, percebemos que podemos melhorar ainda mais.

Com o projeto posto em prática, o melhoramento da propriedade será visível e o lucro virá. Melhorando a nossa qualidade de vida.

5.0 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA:

5.1. DADOS DE CARACTERIZAÇÃO

QUADRO 1: Descrição das áreas (dados de agosto de 2004)

ÁREAS	TAMANHO DA ÁREA (ha)	RELEVO	ATIVIDADE ATUAL
01 e 02	3.0	Plano e suave ondulado	Pastagem
03	0.6	Plano	Área Residencial
04 e 05	3.5	Ondulado e suave ondulado	Grãos
06	2.5	Ondulado	Mata

A seguir tem-se a caracterização das áreas, estando em anexo o croqui da propriedade.

- Áreas 01 e 02: Nestas áreas encontram-se plantadas as pastagens: brizantã, camerum e estrela-africana;
- Área 03: Nesta área encontra-se a casa, estrebaria, galpão e pocilga;
- Área 04 e 05: Nestas áreas exploramos as culturas anuais de grãos, tais como: milho, soja, feijão e fumo.
- Área 06: Esta área é de mata nativa e preservação ambiental.

5.2 CAPITAL FÍSICO:

DESCRIÇÃO DAS BENFEITORIAS EXISTENTES

BENFEITORIA	TAMANHO M ²	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	VALOR TOTAL (R\$)
Estrebaria	7.5 x 12	Bom	3.500,00
Galpão	12 x 20	Bom	4.000,00
Pocilga	2.5 x 10	Razoável	500
Casa	8 x 10	Razoável	7.000
Total			15.000,00

DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

EQUIPAMENTO	MARCA/MODELO	ANO	VALOR TOTAL (R\$)
FORAGEIRO com motor	Nogueira	1997	1.100,00
Trilhadeira	Vencedora	1977	350,00
Ordeneira	Letromaq	2004	3.400,00
Motor a óleo	Agrale	1975	500,00
Circular	250,00
Total			5.600,00

DESCRIÇÃO DOS ANIMAIS

Bovinos de Leite:

DESCRIÇÃO	RAÇA	N° DE ANIMAIS	VALOR TOTAL (R\$)
Vaca Lactação	Jersey e HPB	08	6.000,00
Vaca Seca	Jersey e HPB	02	1.720,00
Novilha	Jersey	01	860,00
Bezerras	Jersey e HPB	09	3.600,00
Bezerros	Jersey	04	400,00
Touro	-	-	-
Animais de tração	Nelore e comum	04	3.500,00
Total		27	16.080,00

Suínos

DESCRIÇÃO	RAÇA	N° DE ANIMAIS	VALOR TOTAL (R\$)
Matrizes	Large white	02	700,00
Reprodutor	Large white	01	350,00
Leitões	Large white	02	50,00
Total	05		1.100,00

Aves

DESCRIÇÃO	N° DE ANIMAIS	VALOR TOTAL (R\$)
Galinha caipira	10	30,00
Galinha poedeira	24	120,00
Frango de corte	01	7,50
Total	35	157,50

TOTAL

DESCRIÇÃO	VALOR (R\$)
Terra nua	120.000,00
Benfeitorias	15.500,00
Máquinas Equipamentos	5.600,00
Animais	17.344,00
Total	157,944,00

5.3 CAPITAL FINANCEIRO

DESCRIÇÃO DO ESTOQUE	TOTAL (R\$)
Estoques de produtos e insumos	1.405,00
Limite de crédito	
Dívidas e direitos da empresa	- Financiamento (proraf) 4.000,00

5.4 CAPITAL HUMANO

DESCRIÇÃO DA MÃO-DE-OBRA

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
Mão-de-obra da família	04
Mão-de-obra contratada (fixa)	-
Mão-de-obra contratada (temporária)	-

NOME	IDADE	GRAU ESCOLARIDADE	DISP. TEMPO
Ademir L. Corrêa	44	1º grau (4ª série)	300 dias
Nedi S. Corrêa	40	1º grau (1ª série)	310 dias
Reinaldo Corrêa	22	Superior completo	210 dias
Ricardo Corrêa	16	2º grau (cursando)	110 dias

6.0 PRODUTIVIDADE ALCANÇADAS:

6.1 BOVINOCULTURA DE LEITE

DESTINO	QUANTIDADE: l/ANO OU KG ANO
Consumo próprio	730 litros
Venda de leite in natura	16.000 litros
Venda de derivados leite (Queijo)	-

OBS: Venda em Laticínios Lacto.

6.2 SUÍNOS

DESTINO	QUANTIDADE: KG/ANO
Consumo próprio	250
Venda de animais	1000
Venda de derivados	-

6.3 CULTURAS:

CULTURAS	ÁREA PLANTADA	QUANTIDADE: KG/ANO SAFRA 2003/04
Milho	01 hectare	2.250
Soja	2.42 hectares	5.000
Feijão	0.4 hectare	750
Trigo	1.2 hectares	1750
Fumo

7.0 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

ANO	ATIVIDADES
2004	- Melhoramento e implantação de pastagens;
2005	- Construção de piquetes e cercas;
2006	- Melhoramento genético e aumento do plantel.

O projeto deve ser concluído no máximo em três anos. No primeiro ano será feito a seguintes coisas, tais como: administração, analisando os custos e investimentos feitos nos bovinos leiteiros.

Os investimentos serão feitos, principalmente na área de pastagens, visto eu, é o mais emergente problema enfrentado na propriedade. Para melhorar as pastagens, será analisado as espécies forrageiras ao tipo de solo e clima, práticas para formação de pastagens, manejo, conservação e fertilidade do solo, investir em pastagens associadas às culturas anuais.

No período seco do ano, produzir forrageiras como:

- cana-de-açúcar + uréia, na suplementação da dieta de bovinos de leite;
- forrageiras de inverno;
- espécies de capins;
- leguminosas forrageiras.

Com as pastagens prontas, já no segundo ano, a construção de piquetes será prioridade. Também, cercas bem feitas, dificultando o gado de passar de um piquete a outro, desperdiçando as pastagens. O uso dos piquetes será de forma rotativa, já que o mesmo diminui o estrago nas pastagens.

A área de cada piquete varia de acordo com a pastagem, o tempo e número de animais. A permanência dos animais em cada piquete será de dois a três dias.

As pastagens, para permanecerem sempre em condições de uso, tendo qualidade e alto valor protéico, precisam de adubação, esta que será feita com adubos orgânicos, calcário, fósforo, potássio, zinco e nitrogênio. Tudo isso, de acordo com a análise de solo.

Pastagens prontas, piqueteadas e conservadas, partimos para o terceiro ano. Os investimentos se concentrarão no melhoramento genético. Esse será feito através de cruzamentos com animais de genética avançada.

Levando em conta o terreno da propriedade, uma raça que tem melhor adaptação é a Jersey, porque é um animal mais rústico e tem um porte físico menor.

A intenção nesse ano é também aumentar o plantel de vacas e conseqüentemente, aumentar a produção de leite. Fica claro que, a quantidade de animais deve ser de acordo com a capacidade que as pastagens suportam.

Com a propriedade reorganizada, bem estruturada, resta ter um cuidado especial com a sanidade dos animais. Esse será feito, através de coletas e processamento para ver o diagnóstico da mastite.

Ter um cuidado especial também, com as glândulas mamarias, para que, a qualidade do leite não seja afetada.

8.0 ANÁLISE DE MERCADO:

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E OPERACIONAL

- Ambiente Interno: Pontos Fortes
Pontos Fracos
- Ambiente Externo: Ameaças
Oportunidades

Atividade a ser estruturada: Bovinocultura de Leite.

AMBIENTE INTERNO	
PONTOS FORTES:	PONTOS FRACOS:
<ul style="list-style-type: none"> - Mão-de-obra familiar; - Família tem experiência; - Pessoas capacitadas; - Disponibilidade de tempo; - 20% de reserva legal; - Água ótima; - Fácil acesso; - Topografia boa; - Boa fertilidade do solo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de recursos; - Genética regular; - Pastagem ruim.

AMBIENTE EXTERNO	
AMEAÇAS:	OPORTUNIDADE:
<ul style="list-style-type: none"> - Instabilidade de preço; - Quebra de laticínios; - Falta de genética; - Concorrência entre grandes e pequenos produtores; - Qualidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Clima bom; - maior consumo; - Renda mensal;- Crescimento do mercado; - linhas de crédito; - Fácil de agregar valores.

FONTE: curso SENAR e SEBRAE/Empreendedor rural.

Obs.: Em anexo, (resultado da análise de solo), com respectivos valores)

8.1 ANÁLISE ECONÔMICA:

- Para produzir 01 litro de leite, o custo é (em média) de R\$ 0,24, levando em conta os custos com: pastagens, sal mineral, mão-de-obra e medicamentos.

- O preço de comercialização atualmente é de R\$ 0.50. Nesse caso, o valor líquido do litro é de R\$ 0,26. ou seja, 52% é o lucro nessa atividade.

9.0 CUSTO DE IMPLANTAÇÃO

9.1 ORÇAMENTO

ÍTEM	QUANTIDADE	DISCRIMINAÇÃO	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
01	01	Ordenhadeira	3.400,00	3.400,00
02	350	Palanques	8,00	2.800,00
03	120 ton.	Adubo Orgânico	50,00	6.000,00
04	20 ton.	Calcário	50,00	1.000,00
05	130 sc.	Fósforo	35,00	4.550,00
06	10	Novilhas	900,00	9.000,00
07	01	Tanq. Exp.	8.000,00	8.000,00
08	01	Computador	2.500,00	2.500,00
09	06 unid.	Arame Farpado	115,00	690,00
TOTAL				37.940,00

10.0 CONCLUSÃO

Com a prática desse projeto, vai ser possível verificar o quanto a atividade de Bovinocultura de Leite é um bom negócio para a agricultura familiar, mas esta precisa de investimentos e dedicação.

Com o término do projeto, também ficou concluído que essa atividade é viável economicamente, porque proporciona uma boa renda, os investimentos são baixos e o lucro é ótimo e é obtido todo mês.

ANEXO C – Temas Geradores

CASA FAMILIAR RURAL DE SÃO MATEUS DO SUL **Parcerias: São João do Triunfo** **Antonio Olinto.**

TEMAS DAS ALTERNÂNCIAS PARA 2008 – 7ª SÉRIE

Nº ALT.	TEMA	DATA
1º	Colheita	18-22/02
2º	Agricultura Agroecológica	03-07/03
3º	Agricultura Convencional e suas Conseqüências	17-20/03
4º	Desenvolvimento Rural Sustentável	31/03- 04/04
5º	Mercado Agrícola	14-18/04
6º	Agroindustrialização da Agricultura Familiar	28-30/04
7º	Cuidados com Agrotóxicos	12-16/05
8º	Organismos Geneticamente Modificados (OGM's)	26-30/05
9º	Fumicultura	09-13/06
10º	Cultivo de Erva-mate na Agricultura Familiar	23-27/06
11º	Projetos de jardinagem para as propriedades rurais	07-10/07
12º	Políticas Públicas para a Agricultura Familiar	11-15/08
13º	Resgate Histórico dos municípios de Antônio Olinto, São João do Triunfo e São Mateus do Sul.	25-29/08
14º	Eleições Municipais	08-12/09
15º	Identidade Culturais da Agricultura Familiar	22-26/09
16º	A impostância da terra para a Agricultura Familiar	06-10/10
17º	Movimentos sociais do campo e cidadania	20-24/10
18º	Piscicultura	03-07/11
19º	Apicultura	17-21/11
20º	Revisão do Aluno Letivo	01-04/12

CASA FAMILIAR RURAL DE SÃO MATEUS DO SUL
Parcerias: São João do Triunfo
Antonio Olinto.

TEMAS DAS ALTERNÂNCIAS PARA 2008 – 8ª SÉRIE

Nº ALT.	TEMA	DATA
1º	Colheita	25-29/02
2º	Calendário Agrícola	10-14/03
3º	Mudanças Ambientais Globais	24-28/03
4º	Mudanças Ambientais Regionais	07-11/04
5º	Utilização do Solo para Cultura de Inverno	22-25/04
6º	Melhoramento Genético	05-09/05
7º	Avicultura	19-21/05
8º	Suinocultura	02-06/06
9º	Bovinocultura	16-20/06
10º	Eqüinocultura	30/06- 04/07
11º	Ovinocultura e Caprinocultura	04-08/08
12º	Planejamento de Produção Agrícola para Safra 2008/2009	18-22/08
13º	Resgate Histórico dos municípios de Antônio Olinto, São João do Triunfo e São Mateus do Sul.	01-05/09
14º	Eleições Municipais	15-19/09
15º	Análise de Mercado Agrícola Regional	29/09- 03/10
16º	Análise de Mercado Agrícola Global	13-17/10
17º	Potenciais de Mercado Agropecuário local para a Agrícola Familiar	27-31/10
18º	Retrospectiva 2006/2008	10-14/11
19º	Projeto de Vida	24-28/11
20º	Preparação para Conclusão do Ensino Fundamental	08-12/12

ANEXO D – Atividade de Estudo

CASA FAMILIAR RURAL DE SÃO MATEUS DO SUL

ALUNO: _____ **Nº:** _____
6ª ALTERNÂNCIA – FUMICULTURA – ATIVIDADE INTEGRADA CIÊNCIA E PRÁTICA
Nota: _____

Professores:

Uma das atividades de Semana na CFR foi uma pesquisa junto à família do Santana, residente no município de São Mateus do Sul.

Na safra 2006/2007 a família plantou 72.000 pés de fumo para a Empresa produzindo 8 toneladas. O produto foi comercializado a um preço médio de R\$ 3,70/kg. Foram gastos R\$ 18.000,00 em insumos. Com base nesses valores e demais informações obtidas com a família os educandos efetuaram análises dos custos de produção e rentabilidade da atividade fumageira.

ATIVIDADE	Nº DE PESSOAS	DIAS TRABALHADOS	TOTAL
PREPARO DOS CANTEIROS	6	5	30
CUTIVO	5	5	25
PLANTIO	5	5	25
LIMPEZA	6	5	30
PULVERIZAÇÃO	2	3	6
DESBROTA	5	5	25
1ª COLHEITA	15	1	15
2ª COLHEITA	15	1	15
3ª COLHEITA	20	1	20
4ª COLHEITA	17	1	17
SECAGEM	2 (X 17- estufas)	7	238
DESCARREGAR ESTUFA	6	2	12
DESAMARRAR OS FARDOS	1	2	2
CLASSIFICAÇÃO	7	20	420
		TOTAL DE DIAS	880

1. Realize o cálculo do custo da mão-de-obra da família Santana sendo em média R\$ 25,00 o dia de trabalho. Observação: Utilize o total de dias trabalhos conforme a tabela acima.

$$880 \times R\$ 25,00 = 22.000,00$$

2. A estimativa de lucro da família Santana está em torno de R\$ 11.600,00. Com base no total de dias trabalhados calcule:

a) O valor recebido por dia da empresa Aliancee Onne:

$$R\$ 11.600,00 / 880 \text{ dias} = R\$ 14,18 / \text{dias}$$

b) Calcule o valor mensal deste lucro considerando os 12 meses de trabalho.

$$\text{R\$ } 11.600,00 / 12 = \text{R\$ } 966,66 / \text{mês} / 5 \text{ pessoas da família} = \text{R\$ } 193,33$$

c) Calcule o valor diário desse lucro.

$$\text{R\$ } 193,33 / 30 \text{ dias} = \text{R\$ } 6,44 / \text{dias}$$

3. Segundo pesquisa realizada pelos alunos da CFR o preço pago por quilo do fumo pelas fumageiras está em torno de R\$ 3,70 Kg. Com base nessa informação responda as seguintes questões.

a) Quanto receberia a família Santana ao produzir 8 toneladas de fumo?

$$8 \text{ t} = 8.000 \text{ kg} \times \text{R\$ } 3,70 = \text{R\$ } 29.600,00$$

b) Considerando: gastos com insumos e mão de obra qual o lucro real obtido pela família?

$$\text{R\$ } 18.000,00 \text{ (insumos)} + \text{R\$ } 22.000,00 \text{ (mão de obra)} = \text{R\$ } 40.000,00 \text{ (custo de produção)}$$

Valor bruto da produção: R\$ 29.600,00 – custo de produção R\$ 40.000,00 = - R\$ 10.400,00, ou seja, se considerarmos o custo de mão de obra da família, esta trabalhou com um prejuízo de R\$ 10.400,00

4. Utilizando a balança de precisão complete os dados:

a) Peso de uma carteira de cigarros: 20,876 gramas

b) Peso da quantidade de fumo contida em uma carteira de cigarros: 13,96 gramas.

c) Números de cigarros de uma carteira: 20 unidades.

d) Qual é o número de carteiras de cigarro produzidas com 1 kg de fumo?

$$1000 \text{ g} / 13,96 \text{ (1 carteira)} = 71,63 \text{ carteiras}$$

e) Qual é o número de cigarros fabricados com 1 kg de fumo?

$$71,63 \text{ carteiras} \times 20 \text{ cigarros/carteira} = 1.432,66 \text{ cigarros}$$

f) Se com um quilo de fumo são produzidos aprox. 72 carteiras de cigarro, qual o valor obtido se cada carteira for vendida em média a R\$ 3,00?

$$72 \text{ cart.} \times \text{R\$ } 3,00 = \text{R\$ } 216,00$$

g) Quanto um fumante gasta em média por ano fumando uma carteira de cigarro por dia com um preço de R\$ 3,00?

$$365 \text{ dias} \times \text{uma carteira} / \text{dia} = 365 \text{ carteiras} \times \text{R\$ } 3,00 = 1.095,00$$

h) Considerando que um quilo de carne bovina custa em média R\$ 4,00, quantos kg de carne é possível comprar durante o ano com o dinheiro gasto pelo fumante.

$$\text{R\$ } 1.095,00 / \text{R\$ } 4,00 = 273,75 \text{ kg} / \text{ano ou } 750 \text{ g} / \text{dia.}$$

O objetivo desta atividade é levar o educando a várias reflexões sobre a atual condição dos produtos de fumo em nossa região, e despertar o interesse para a busca de outras fontes de produção e renda na agricultura familiar.

Sabemos que é uma reflexão superficial sobre o assunto. Portanto gostaríamos de auxílio para aprofundarmos mais sobre o tema que desencadeia.

ANEXO E – Tabela de Produção

CASA FAMILIAR RURAL DE SÃO MATEUS DO SUL

6ª ALTERNÂNCIA – FUMICULTURA

Tabela da Produção de Fumo

ATIVIDADE	Nº DE PESSOAS	DIAS TRABALHADOS	TOTAL
PREPARO DOS CANTEIROS	6	5	30
CUTIVO	5	5	25
PLANTIO	5	5	25
LIMPEZA	6	5	30
PULVERIZAÇÃO	2	3	6
DESBROTA	5	5	25
1ª COLHEITA	15	1	15
2ª COLHEITA	15	1	15
3ª COLHEITA	20	1	20
4ª COLHEITA	17	1	17
SECAGEM	2 (X 17- estufas)	7	238
DESCARREGAR ESTUFA	6	2	12
DESAMARRAR OS FARDOS	1	2	2
CLASSIFICAÇÃO	7	20	420
		TOTAL DE DIAS	880

ANEXO F – Tabela de Classificação e preços de fumos

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO E PREÇOS DE FUMOS

PREÇO DO FUMO - VIRGÍNIA						PREÇO DO FUMO - VIRGÍNIA					
SAFRA 2007/2008*						SAFRA 2007/2008*					
CLASSE	R\$ / KG	R\$ / ARR	CLASSE	R\$ / KG	R\$ / ARR	CLASSE	R\$ / KG	R\$ / ARR	CLASSE	R\$ / KG	R\$ / ARR
BO1	6,25	93,75	TO1	5,94	89,10	XO1	5,27	79,05	CO1	6,00	90,00
BO2	5,41	81,15	TO2	5,02	75,30	XO2	4,43	66,45	CO2	5,27	79,05
BO3	4,36	65,40	TO3	4,27	64,05	XO3	3,64	54,60	CO3	4,26	63,90
BR1	4,87	73,05	TR1	4,63	69,45	XL1	4,21	63,15	CL1	4,75	71,25
BR2	3,57	53,55	TR2	3,17	47,55	XL2	3,41	51,15	CL2	3,85	57,75
BR3	2,39	35,85	TR3	1,86	27,90	XR1	3,95	59,25	CR1	4,21	63,15
BL1	4,75	71,25	TL1	3,86	57,90	XR2	2,44	36,60	CR2	3,00	45,00
BL2	3,85	57,75	TL2	3,00	45,00	XR3	1,44	21,60	CR3	1,92	28,80
BK	3,00	45,00	TK	2,28	34,20	XK	1,74	26,10	CK	2,39	35,85
G2	2,28	34,20	SC	0,58	8,70	N	1,50	22,50			
G3	0,58	8,70	ST	0,36	5,40						

ANEXO G – Receitas de Caldas

COMO FAZER A CALDA SULFOCÁLCICA

Ingredientes necessários para 10 litros:

2 kg de enxofre
1 kg de cal virgem
10 litros de água

Materiais necessários:

2 galões ou latas de 20 litros
1 pá de madeira
1 peneira fina ou coador de pano
Fogão a gás ou a lenha
1 bacia de plástico
1 caneca de plástico

Como preparar a calda sulfocálcica

1 – Num galão, coloque 5 litros de água para ferver.
2 – No outro galão, coloque 10 litros de água para ferver.
3 – Coar o enxofre e o cal na bacia.
4 – No galão com 5 litros de água fervente, despeje aos poucos a cal misturada com o enxofre e vá mexendo com a pá de madeira.

Nesta hora, abaixe um pouco o fogo porque forma muita espuma. Fique atento, porque as vezes a calda sobe rapidamente e pode derramar. Se isso acontecer, retire a vasilha do fogo, e ao voltar ao fogo, cuide mexendo a calda por uns minutos.

Faça o serviço em duas pessoas. Uma pessoa vai despejando a cal e o enxofre e o outro mexe com a pá de madeira.

5 – Em seguida, complete com mais 5 litros de água fervente retirado do outro galão.
6 – Aumente o fogo novamente e mexa a calda mais um pouco.

Cuidados:

- No latão para ferver a calda, faça um risco do lado de fora na altura dos 10 litros.
- Ferver a calda durante uma hora. Como ela vai evaporando, complete com água quente para manter o nível dos 10 litros.
- Sempre que colocar mais água, mexa um pouco para misturar.

Atenção:

1. Completando uma hora de fervura, retirar o caldo do fogo e deixar esfriar.
2. Deixe a calda descansar por 3 (três) dias. Guarde em local protegido e coloque uma tampa para evitar sujeiras na calda. Neste prazo, parte da cal e do enxofre vai se depositar no fundo do galão.
3. Retire a calda com uma caneca e passe no coador.

Armazenagem da calda:

A calda Sulfocálcica pode ser armazenada pelo menos por 1 ano.

Usar garrafas de vidro escuro plásticas, lacrando a tampa da garrafa com cera de abelha ou vela derretida.

Fechar bem as garrafas para não entrar ar.

Guardar em lugar escuro e fresco. Pode ser dentro de uma caixa.

A calda não pode receber luz nem ar, se não ela enfraquece.

Como usar a Calda Sulfocálcica

Para usar a calda sulfocálcica é preciso medir o grau que ela ficou.

Conforme sua graduação, a Calda Sulfocálcica é diluída na água para ser pulverizada nas lavouras.

No inverno, a calda Sulfocálcica é usada em doses mais fortes para o tratamento de frutíferas que derrubam as folhas.

Na primavera e no verão a Calda Sulfocálcica deve ser usada em doses menores, se não ela queima as folhas das plantas, podendo matar a planta inteira.

Principais controles promovidos pela Calda Sulfocálcica:**Em frutíferas:**

Ajuda na prevenção e no controle de várias doenças causadas por fungos, além de cochonilhas e ácaros. É eficiente na limpeza dos galhos e ramos, eliminando os líquens e musgus e as barbas que se fixam nos troncos, galhos e ramos das árvores frutíferas.

CALDA BORDALESA**Ingredientes para tratamentos preventivos:**

10 litros de água

30 gramas de cal virgem. Se a cal for com baixo teor de óxido de cálcio, use 60 gramas.

30 gramas de sulfato de cobre.

Ingredientes para tratamento curativo:

10 litros de água

100 g de Sulfato de Cobre

100 g de Cal Virgem. Se a cal for com baixo teor de óxido de cálcio, use 200 gramas.

Materiais necessários:

3 baldes de plástico

1 pá de madeira

1 peneira

2 canecas de plástico

1 coador

Para preparar 10 litros de calda

Num balde, peneire a Cal.

Despeje aos poucos meio copo de água e mexa bem para queimar a cal e formar uma pasta.

Espera a Cal queimar por 8 a 12 minutos.

Em seguida, acrescente 5 litros de água e mexa bem.

Em outro balde, coloque o Sulfato de Cobre, para dissolver o Sulfato de Cobre, use um copo de água quente, no ponto para chimarrão.

Mexer bem.

Acrescente 5 litros de água fria e mexa bastante.

Encha uma caneca com Calda de Cal e outra caneca com Calda de Sulfato de Cobre, e vá despejando as duas, ao mesmo tempo, no terceiro balde.

Mexa com a pá de madeira. Faça assim até passar toda a Calda de Cal e de Cobre para o terceiro balde, e no final, mexa bem.

Fazendo assim, a calda ficará bem misturada. Coar a Calda em um pano fino de Voal ou Organza.

A Calda Bordalesa deve ser usada no mesmo dia em que foi preparada. Não pode ser armazenada. Por isso, prepare a penas a quantidade que for utilizar no dia.

Cuidados

A Calda Bordalesa pode ficar ácida. Para saber se está ou não ácida, pingue 2 a 3 gotas da Calda na lâmina de uma faca de latão comum. A faca não pode ser de inoxidável. Espere três minutos. Se ficar manchas avermelhadas onde pingou a calda, é sinal que ela está ácida.

Para corrigir a acidez, prepare mais um pouco de cal e água e misture na calda. Faça o teste novamente, até a calda chegar no ponto que não enferruja a faca.

Como usar a Calda Bordalesa

Fazer aplicações a cada 10 dias.

Em tempo de muita chuva, aplicar diariamente ou com até 5 dias.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)